

11 imagiNários

volume

1

contos de fantasia,
ficção científica
e terror



Editora
Draco

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



imaginários
contos de fantasia, ficção científica e terror

**volume
1**

Organizado por
Tibor Moricz
Saint-Clair Stockler
Eric Novello

1ª edição

Editora Draco

**São Paulo
2015**

© 2009 by Gerson Lodi-Ribeiro, Giulia Moon, Jorge Luiz Calife, Ana Lúcia Merege, Carlos Orsi, Flávio Medeiros, Roberto de Sousa Causo, Osiris Reis, Martha Argel, Davi M. Gonzales, Richard Diegues

Edição: Erick Santos Cardoso

Produção editorial: Janaina Chervezan

Leitura crítica: Antonio Luiz M. C. da Costa

Revisão: Andréia Szcypula e Karlo Gabriel

Organização: Tibor Moricz, Saint-Clair Stockler e Eric Novello

Ilustração de capa: Roko

Todos os direitos reservados à Editora Draco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Imaginários : contos de fantasia, ficção científica e terror : volume 1 / organizado por Tibor Moricz, Saint-Clair Stockler, Eric Novello. – 1. ed. – São Paulo : Editora Draco, 2015.

Vários autores.

ISBN 978-85-62942-00-6

1. Contos brasileiros I. Moricz, Tibor. II. Stockler, Saint-Clair. III. Novello, Eric. 09-09644 CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

1ª edição, 2009, 1ª edição digital, 2015

Editora Draco

R. César Beccaria, 27 - casa 1

Jd. da Glória - São Paulo - SP

CEP 01547-060

editoradraco@gmail.com

www.editoradraco.com

www.facebook.com/editoradraco

Twitter e Instagram: @editoradraco

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Coleira do amor - Gerson Lodi-Ribeiro](#)

[Eu, a sogra - Giulia Moon](#)

[Veio... novamente - Jorge Luiz Calife](#)

[A encruzilhada - Ana Lúcia Merege](#)

[Por toda a eternidade - Carlos Orsi](#)

[Twist in my sobriety - Flávio Medeiros Jr.](#)

[Um toque do real: óleo sobre tela - Roberto de Sousa Causo](#)

[Alma - Osiris Reis](#)

[Contingência, ou Tô pouco ligando - Martha Arge!](#)

[Tensão Superficial - Davi M. Gonzales](#)

[Planeta Incorruptível - Richard Diegues](#)

[Sobre os autores](#)

Coleira do amor **Gerson Lodi-Ribeiro**

*You can lay down on the railroad track
But it won't bring her back.*

Jimmy Webb

– Me larguem! – Braços fortes de vários amigos impedem que eu me atire dentro da pira desintegradora, onde o corpo de Thereza logo desaparecerá. – Não suporto viver sem ela...

Superado o rompante, afundo outra vez o rosto no ombro de Victor, tentando sufocar este novo surto de pranto convulsivo. As lágrimas deslizam intactas sobre o manto impecável de meu irmão. Repelidas pelo fraco campo eletrostático, não chegam a molhar o tecido.

– Tudo bem, mano. É normal se sentir assim. – Victor me sussurra ao ouvido. A mão protetora em concha envolve meu pescoço. – Não consegue imaginar a vida sem Thereza. Por isto, é natural que o suicídio lhe venha à cabeça como única saída para o dilema. Afinal, você e ela partilhavam o vínculo do amor eterno, não é?

– Claro. Mas o que tem...

– É por causa dos programas residentes nesse biochip que você julga que, agora que ela não está mais entre nós, você deve morrer também. – Victor me toma pelos braços e me fita olhos nos olhos. O semblante transbordante de piedade e desvelo fraternal. – Não se preocupe. Não pretendo te deixar sozinho um segundo sequer. Vai dormir lá em casa esta noite.

– Não quero te dar trabalho.

– Trabalho algum. Se eu não velar pelo meu irmão caçula numa hora como esta, quem o fará?

Tento esboçar um sorriso. O esgar me sai débil, pouco convincente.

Pela primeira vez, desde nossa chegada ao crematório, percorro com o olhar as fisionomias graves dos presentes ao salão da pira. O aposento está entupido de parentes, amigos e conhecidos meus e da Thereza.

Tanta gente... E eu preferia estar a sós com meu amor e minha dor.

Do outro lado da plataforma de estase, onde o corpo da minha amada descansa envolto em seda branca diáfana, incólume e perfeito por artes da regeneração estática, reparo numa mulher alta e morena, elegante num minissarongue preto. Sob o traje sumário, o brilho da epiderme translúcida: Bioarmadura? A morena contempla o semblante tranquilo de Thereza com olhar triste; expressão de luto profundo cinzelada no rosto belo de linhas clássicas.

Pouso os olhos nas faces trigueiras de Thereza, por sob a seda.

Então, volto a mirar o rosto abatido da mulher de sarongue. Uma tontura estranha me acomete de repente. Victor percebe e me segura pelo braço. Numa fração de segundo, vislumbro o reflexo do rosto da mulher amada espelhado na fisionomia dessa morena alta e bela. Por um instante, meu espírito flutua leve e

solto, inteiramente liberto do pesar. Pronto para alçar voo.

A morena linda é Eduarda. Irmã de Thereza. Não julguei que conseguisse descer de Asgard a tempo de comparecer ao funeral. Depois de quase dez anos lá em cima, deve estar se sentindo esgotada sob a gravidade da Terra.

Temo as recriminações de Eduarda.

Há anos insistia para que Thereza e eu gravássemos nossos registros de personalidade.

– Nunca se sabe o que pode acontecer. Quando se vive muito, sofrer um acidente grave é só uma questão de tempo. – Minha cunhada batia sempre na mesma tecla. – Se vocês dois de fato almejam a imortalidade, por que não gravam logo seus registros? Afinal, se o pior ocorrer, será fácil reencarná-los em seus clones de segurança.

– Não se preocupe conosco, mana. – Thereza respondia, invariavelmente paciente e bem-humorada. – A vida na Terra é bem mais tranquila do que no Espaço ou nos outros mundos. Não corremos os mesmos riscos a que vocês estão sujeitos aí em cima.

No entanto, Eduarda tinha razão: acidentes acontecem. Até mesmo na Terra.

Porque, quando se é imortal, tudo é mera questão de tempo. Mais século, menos século, o acaso acaba te pegando de jeito.

Se houvésssemos nos dado ao trabalho de gravar nossas memórias e personalidades, agora eu estaria prestes a receber minha amada de volta...

Com o braço sobre meu ombro, Victor me assegura:

– Amanhã cedinho, vamos ao neuroprogramador desativar esse teu biochip.

– Eu não quero.

– Claro que não quer. No estado em que se encontra, imagino que considera a desativação do chip um ato de traição à memória da Thereza.

– Exatamente.

– Se você fizer um esforço para lembrar, dois dias atrás, antes da explosão com o turbocóptero da Thereza, você aconselharia qualquer viúvo ou viúva com um amor eterno implantado a correr até o neuro-socorro mais próximo para inibir a produção dos nanobôs, não é?

– É diferente. Hoje enxergo as coisas de maneira mais lúcida.

– Mais lúcida, o cacete! Há um biochip dentro do teu crânio lançando milhares de robôs moleculares no teu sistema límbico, programando tua libido, para que você continue nutrindo, para todo o sempre, o mesmo sentimento de amor, a mesma paixão dos primeiros tempos da tua relação com a Thereza... Só que a Thereza morreu e não há mais como mudar isto. Não pode continuar entalado com esse tipo de sentimento programado em relação a uma pessoa morta. Além de mórbido, é perigoso. Se a Thereza ainda fosse viva, você seria capaz de dizer o mesmo para qualquer amigo com um amor eterno rodando no

vazio, sem outra pessoa para corresponder ao sentimento.

Victor está certo, é lógico.

Claro que meu lado racional concorda com ele.

Porém, de que vale a razão ante o poder avassalador do amor?

Afinal, segundo a letra da canção, é a força que faz as estrelas brilharem no firmamento e inunda nossos espíritos de alegria...

Prostrado, a bem da paixão que acalenta meu ser, arrisco a última cartada:

– Não tenho consulta marcada.

– Não se preocupe. Meu assistente neural já te agendou para o primeiro horário amanhã cedo. O A.N. sequer precisou empregar minha influência. Um caso como o teu, viúvo com um amor eterno implantado, é considerado emergência. A equipe do Doutor Savage já está adiantando os preparativos. Você será atendido amanhã cedinho com prioridade máxima.

Não suporto presenciar a desintegração em si.

Quando chega a hora, viro de costas e finjo observar as luzes esparsas desta noite de verão carioca através das janelas panorâmicas do salão. O Pão de Açúcar fulge em cinza claro ao fundo. O velho bondinho e o novo ascensor gravitacional delineados pela luz feérica dos holofotes automáticos.

Previdente como de hábito, Victor se posta ao meu lado, o braço apoiado em meu ombro.

Permanecemos em silêncio por uns minutos ali parados, contemplando a cidadezinha bucólica e tranquila, repleta de morros verdes e rochosos, que o Rio se tornou desde o início do século passado, como resultado da Operação Bota-Abaixo que reurbanizou todo o entorno da Baía da Guanabara, na esteira da grande onda de emigração para as colônias das órbitas baixas e os habitats circunlunares.

Quando a entidade artificial que gerencia o crematório dá por encerrado seu discurso de condolências, alguém se aproxima de nós pelas costas e me toca o ombro.

– Félix? Trouxe a urna pra você... – Com um sorriso triste, Eduarda estende o cilindro de duratitânio com as cinzas da irmã. – Achei que você quisesse. Mas, se preferir, posso lançá-las ao mar ou, de repente, no espaço, quando subir para casa.

– Não precisa... – Desajeitado, ergo os braços para receber o que restou da mulher amada. Ato contínuo, abraço-me ao cilindro ainda morno. – Eu mesmo farei isto.

– Como vai, Eduarda? Não te vi chegar. – Victor beija minha cunhada no rosto. São velhos conhecidos. Foram amantes durante dois ou três anos, meio século atrás. Meu irmão ainda tem uma quedinha por ela. – Apesar dos pesares, você está ótima. Linda como...

Ele se interrompe de boca aberta, constrangido pela gafe involuntária. Tarde

demais.

– ... como Thereza. – Eduarda conclui o elogio que ele quase deixou escorregar. – Claro que sim.

Em sua voz, a resignação pesarosa, mas tranquila. Por um instante, quase chego a invejar a serenidade desse sentimento.

Como gêmea idêntica de Thereza, imagino que Eduarda esteja sofrendo quase tanto quanto eu. Sentimento espontâneo, experimentado sem o auxílio de um exército de nanobôs para patrulhar seus neurônios e aguilhoar seu espírito, fazendo-o mergulhar na pior agonia.

No afã de superar o mal-estar que julga ter criado, Victor assesta o cavalheirismo indefectível para a ex-amante:

– Você tem onde ficar?

– Ainda não tive tempo de pensar nisto. Tomei o sublev no espaçoporto da Barra e vim direto para cá. Meu A.N. ainda está em roaming, parece que está com dificuldades de sincronizar com a Rede Terrestre. Para piorar tudo, estou estourada... Mesmo de bioarmadura por baixo da roupa e a batelada de genedrogas que meu implante biomédico não para de produzir, ainda sofro um bocado com o puxão dessa gravidade medonha...

– Se quiser, pode ficar lá em casa.

Eduarda olha para mim. Então, para Victor.

– Tem certeza que não vou incomodar?

– Você? Incomodar?

– Absoluta. – Disparo com avidez, antes que meu irmão possa concluir o convite.

– Então, aceito o convite. Vai ser bom ficar entre amigos queridos.

– Bem-vinda ao Rio. Amanhã cedo, darei um pulo no neurodoc com o Félix. Depois da intervenção, estaremos com o dia livre. Se quiser, podemos te acompanhar até o espaçoporto.

– Caramba! Não sabia que vocês tinham implantado o amor eterno.

Eduarda me fita com expressão chocada de quem me julga portador de uma daquelas doenças contagiosas do passado terrestre.

O mais gozado é que o assunto de não termos gravado nossos registros de personalidade sequer vem à baila.

Eduarda recebe o glóbulo com vinho tinto das mãos de Victor. Sutil e delicado, meu irmão aproveita o ensejo para acariciar as costas de sua mão. Ela parece não perceber ou, pelo menos, finge que não nota. Aproxima o elipsoide transparente do rosto. O Pinot Noir maduro flui ao toque dos lábios carnudos de Eduarda e se derrama preguiçoso em sua boca entreaberta. Após um sorvo generoso, a película do glóbulo recobra a impermeabilidade.

– Desculpe se pareço chocada. É que não permitimos essas coisas lá em Asgard. Aliás, ao que eu saiba, não se permitem fixadores comportamentais em

sítio algum das comunidades das órbitas baixas.

– Como, não? – No esforço para conter a indignação, acabo me atapalhando com o cubo de pão numa das mãos e o dispensador de queijos na outra. – Sempre ouvi falar que vocês espaciais são grandes entusiastas dos biochips...

– Mas nós somos. Eu mesma, radicada lá em cima há menos de dez anos, em função da carreira militar, recebi vários biochips. Um deles fabrica nanobóis para acelerar minha adaptação às variações de campo gravitacional. – Ela gesticula com o glóbulo de vinho. Entrecruza as pernas morenas, deliciosamente roliças, que despontam do sarongue curto, transparecendo através da malha translúcida da bioarmadura. – Outro flexibiliza meu sistema imunológico para me proteger das moléstias sintéticas terrestres. Também possuo um diabinho, o *funções transcendentales*, que logrou a proeza de me fazer entender as nuances matemáticas do cálculo hiperdimensional avançado em coisa de cinco minutos.

Ela me estende a mão para que eu lhe passe o dispensador. Sussurra “provolone” e a máquina universal atende seu desejo. Só após mastigar tranquilamente a esférula de queijo, dá-se ao trabalho de esclarecer:

– As comunidades espaciais só vetam o emprego de máquinas moleculares que inserem novos padrões comportamentais no cérebro do usuário, pois acreditamos que essas tecnologias interferem no exercício do livre arbítrio dos nossos cidadãos.

– Os chips de amor eterno não introduzem novos padrões. – Replico no tom mais neutro e controlado possível, enquanto passo o cubo de pão para Victor. – Apenas reforçam as trilhas neurais que expressam sentimentos preexistentes de afeto mútuo.

– Tudo bem que o amor eterno, em particular, não insira padrões. Porém, mesmo assim, congela os padrões existentes, inibindo qualquer mudança que poderia aparecer espontaneamente no decorrer dos anos.

Num gesto automático que já presenciei milhares de vezes em Thereza, Eduarda emprega ambas as mãos para alisar os cabelos longos, cascatas negras deslumbrantes que fez questão de libertar do coque, tão logo entrou na unidade residencial de Victor.

A aparência de Eduarda torna-se mais saudável a cada minuto que permanece sentada nessas autoalmofadas espalhadas pelo ambiente principal da U.R. Assim, de cabelos soltos, está igualzinha à irmã.

– Porque, pense bem, se você se impede de mudar, de evoluir, é óbvio que está restringindo seu livre arbítrio. Num certo sentido, está se rebaixando voluntariamente como ser humano, assumindo um status inferior ao de um desses autômatos pré-programados. Pior ainda: é como se você tivesse virado um zumbi...

Era só o que me faltava!

Radicada numa comunidade orbital há dez anos, Eduarda já fala como espacial de quarta geração. Daqui a pouco virá com aquela lengalenga de que o futuro pertence à parcela da humanidade que ousou emigrar da Terra; que a conquista das estrelas depende exclusivamente dos espaciais e outras baboseiras do gênero...

Afinal de contas, o que é pior? Gerenciar seus sentimentos com ajuda de uma fábrica de nanobôs, ou passar por dezenas de relações e sete ou nove casamentos num período de onze décadas, com direito até a remodelagem parcial de personalidade, como sei que foi o caso dela?

Não.

Eu mesmo, saído de dois relacionamentos fracassados que me deixaram com cicatrizes emocionais profundas, ansiava por um pouco de estabilidade depois de século e pouco de tormentas passionais.

Thereza pensava exatamente como eu.

Ao me perceber taciturno, Victor intervém em minha defesa:

– Pega leve, Eduarda. – Ele afasta momentaneamente o glóbulo de vinho branco dos lábios. – Você está exagerando. Quando um casal opta por empregar a manipulação neuromolecular para eternizar seu amor, suponho que esse casal esteja exercendo sua *livre e espontânea vontade*, como os antigos costumavam dizer. Podemos definir essa decisão como exercício pleno desse teu decantado livre arbítrio.

– Olha só, deixando de lado a tese pra lá de discutível de se a opção inicial feriu ou não o livre arbítrio de Thereza e Félix, parece óbvio que, por tudo que vocês me contaram, em sua condição atual, ele está privado da capacidade. Pessoalmente julgo esse modismo de programar o comportamento, de fixar atitudes e sentimentos, uma postura execrável, de um autoritarismo hediondo! Sinto arrepios só em pensar que, em pleno século XXIII, alguém possa praticar tal barbaridade consigo próprio... Só mesmo na Terra que uma automutilação dessa ordem é tolerada!

– Melhor esta restrição voluntária do que ficar pulando de galho e galho, como vocês dois. Sem coragem de assumirem relações de longo prazo...

– Não sei como vocês se atreveram... – Inflamada pelo vinho, Eduarda sequer reage à minha provocação. – Esse biochip é uma abominação. Uma autêntica canga da felicidade... Uma coleira do amor!

– Epa, epa, epa!

Meu irmão se ergue das autoalmofadas espalhadas pela ambiente amplo da sua U.R. Estende os braços num gesto conciliador, interrompendo a alteração.

Quando nota que nos calamos como pretendia, prossegue num tom mais jovial:

– Proponho que deixemos esta polêmica boba de lado. Estamos os três esgotados. O que menos precisamos agora é discutir uns com os outros. Quando

propus esta nossa ceiazinha frugal, com um papo agradável regado por um bom vinho, a ideia era que pudéssemos, à medida do possível, relaxar um pouco, como nos velhos tempos. – Como anfitrião perfeito, Victor insistiu para que compartilhássemos do prazer desta refeição. Não permitirá, portanto, que uma tolice qualquer destrua o clima ameno, ainda que melancólico, da ocasião. – Ademais, prometo que amanhã cedo Félix recuperará a plenitude do seu livre arbítrio.

Com um sorriso, Eduarda levanta o glóbulo num brinde tácito.

– Tudo bem, tudo bem... Vou parar de criar caso. No fundo, em nossa verborragia etílica, acabamos retomando a velha questão que os pensadores vêm debatendo há milênios: o que é mais relevante para o florescimento mental do ser humano, a liberdade ou a felicidade? No Espaço, optamos pela liberdade. Pelo visto, aqui na Terra, vocês favorecem a felicidade. – Ela sorve mais um pouco de vinho. Como Thereza, minha cunhada torna-se adoravelmente filosófica com um pouquinho de álcool a mais. – O próprio Huxley, há mais de trezentos anos, já havia abordado essa mesmíssima questão, com uma lucidez impressionante, em seu *Admirável Mundo Novo*.

Victor murmura baixinho para que o A.N. carregue o romance referido direto em sua memória. Sua fisionomia assume uma expressão concentrada. Então, trinta segundos mais tarde, reconhece, surpreso e deliciado:

– Tem razão. Aldous Huxley tratou com grande pertinência dessa oposição entre a busca da felicidade e o anseio pela liberdade. – Victor exibe um sorriso sonhador. – O autor conseguiu imprimir nuances proféticas inusitadas à mera palavra impressa. De fato, abordou a destruição do livre arbítrio com maestria invulgar, bastante inesperada para um antigo. Só faltou propor biochips e nanobôs para cumprir esse propósito. Mas obteve um resultado semelhante, porém muito mais tétrico, com esse tal de *soma*...

De cabeça cheia com aquela discussão toda, deito na plataforma que Victor ordenou que a U.R. germinasse do piso junto ao sítio da biblioteca. Sem que meu irmão precisasse pedir, divisórias se ergueram em torno da plataforma na afobação zelosa de me conceder uma privacidade que julgo despropositada.

Eduarda ficou com o quarto de hóspedes que brotou da extremidade oposta do vasto ambiente da U.R.

Na penumbra deste novo aposento, quebrada apenas pela luminosidade do grande aquário marinho de peixes tropicais da biblioteca, cerro as pálpebras e tento dormir.

Apesar da exaustão, o sono não comparece. Rolo na plataforma, murmurando que ela se torne ora mais macia, ora mais dura; que eleve ou baixe a temperatura, que vibre ou pare quieta e muito mais. Porém, não consigo atingir as condições ideais, que me fariam adormecer instantaneamente, como por encanto.

Enfim, desisto de lutar e peço a meu A.N. que me induza o sono. Em geral, não gosto de recorrer a tais artifícios, mas de momento parece-me que é a única coisa sensata a fazer.

Durmo profundamente.

Meu amor me visita na plataforma.

No sonho, é Eduarda e não Thereza que perece, numa falhada pressurização num sublev escavado nas profundezas sublunares de Mare Imbrium.

Minha mulher chora um dia inteiro quando recebemos a notícia da morte da irmã. Entre lágrimas, explica que, agora que sua gêmea morreu, assumirá o papel de Eduarda. Viverá uma existência dupla. Será Eduarda e Thereza num só corpo.

Desse dia em diante, quando nos amamos, é como se eu fizesse amor com duas mulheres diferentes ao mesmo tempo. A Thereza de sempre e uma outra Thereza. Ambas com o mesmo cheiro e o mesmo sabor delicioso, exalados do corpo da mulher que eu amo.

Acordo assustado; o corpo inteiro recoberto de suor.

A onda de prazer intenso que me sobe virilha acima atropela o pavor. Onde foi parar a dor e o pesar que eu julgava insuperáveis?

A rigidez vibrante da ereção. Tão forte que chega a doer, dentro da roupa de dormir, antes folgada, que Victor fez a U.R. fabricar para mim.

No aposento ao lado há uma mulher com o mesmo cheiro e com o gosto exato da minha Thereza. Corpo idêntico até o último detalhe. O corpo da mulher amada.

O pensamento me traz novo arrepio de prazer.

Não. Isto é loucura! É Eduarda e não Thereza...

Levanto como um autômato. Dois, três, quatro passos incertos em direção à porta.

Com um sorriso nos lábios, constato que já não sinto a menor vontade de morrer.

É bem outro o ímpeto que me domina.

Desejo Thereza com todas as fibras do meu ser.

É claro que posso tê-la... em Eduarda.

Thereza não me disse que, se Eduarda morresse, ela teria que ser Eduarda e Thereza ao mesmo tempo?

Pois então. Com Thereza morta, Eduarda será Thereza e Eduarda.

Quando eu saborear o corpo gostoso da minha cunhada amada, despertarei a Thereza adormecida dentro dela...

– O que você quer aqui?

A voz de Eduarda ecoa sonolenta na penumbra do quarto de hóspedes, criado horas atrás, quando ela acorda na madrugada e me surpreende de pé, ao lado da plataforma.

– Thereza...

– Félix, você está... – Já inteiramente desperta, ela se senta dum pulo. O antebrço roça em meu pênis ereto. Irritada, sussurra entre os dentes: – O que é isto, cara? Você está nu? Não estou gostando nem um pouco desta brincadeira!

– Thereza, meu amor.

– Eu sou Eduarda. Você tá malu...

Não permito que conclua a frase. Corto seu protesto no meio com um beijo apaixonado. Seguro-lhe a nuca com a mão esquerda enquanto a direita explora suas costas às cegas e não sossega até aprisionar uma nádega carnuda.

Thereza reclamou de mim, mas também está nua sob o lençol diáfano.

Agora com ambas as mãos em seus ombros, forço-a a deitar na plataforma. O peso do meu corpo sobre o dela impede que se levante.

Claro que ela luta contra o inevitável. Ela sempre o faz. Debate-se como louca. Já deve estar toda molhadinha... minha fêmea no cio!

Thereza sempre gostou de uma boa sessão de sexo selvagem. Adora se sentir dominada. Como sempre, estou disposto e ávido para lhe preencher os anseios.

As coisas saem diferentes desta vez.

Tudo bem que a penetração é rápida, como eu esperava. Minha amada está bem lubrificada, como sempre. Só que não para de lutar. Não se entrega à paixão quando me aprofundo dentro dela.

Muito ao contrário.

Minha gata brava urra e tenta se libertar a qualquer custo, como se não gostasse do que estamos fazendo.

Contudo, após dez anos de permanência na gravidade variável de Asgard, não obstante as genedrogas inteligentes que circulam em seu organismo, minha mulher ainda não recuperou toda a tonicidade e a força muscular de terrestre.

Seu desempenho convincente e prolongado eleva minha excitação a um ponto em que não consigo mais controlar.

Prestes a gozar, beijo seus lábios com furor apaixonado.

A mordida forte na língua dói tanto que me faz perder o fôlego. Acho que arrancou um pedaço...

– Você está me estuprando, seu louco idiota!

Ela se aproveita da minha paralisia momentânea ante sua reação violenta para livrar o braço num safanão. Com precisão advinda de muito treino, crava dois dedos em riste com toda a força em meus olhos.

A dor lancinante nos olhos perfurados me deixa zozzo. O A.N. me alerta quanto à gravidade das lesões: estou cego. Como se eu não soubesse disso... ainda tento segurar-lhe o braço. Veloz, sua mão recua já enclavinhada e regressa a meu rosto, lanhando-me a bochecha esquerda e o queixo com unhas duríssimas, aguçadas como bisturis-laser.

Desesperado, preste a engasgar com a boca cheia do meu próprio sangue e os olhos latejando de agonia, ergo o antebraço e golpeio em ato reflexo, fincando o cotovelo em seu rosto.

Com a pancada surda, ela arqueja um gemido lânguido e então relaxa o corpo, entregue aos meus braços.

Temporariamente cego, começo a tatear no escuro. Sei muito bem onde Thereza está. Minhas mãos encontram seu rosto perfeito molhado do meu sangue e das nossas salivas.

Seu pescoço... O pescoço da mulher amada.

Sinto meu corpo se inundar de endorfinas para combater a dor nos olhos, na língua e no rosto.

Ah, Thereza! Por que você não quer voltar? Por que não me deseja mais?

Sem surpresa alguma, percebo que ainda estou dentro da minha Thereza-Eduarda.

O formigamento agradável no fundo dos globos oculares anuncia que os nanobios residentes já desencadearam o processo de cicatrização acelerado.

Meus dedos cerram-se em torno do pescoço, pressionando cada vez mais. Enquanto isto, dotados de vida própria, meus quadris bombeiam no ritmo frenético de um daqueles bate-estacas dos velhos holos históricos.

Na explosão do orgasmo, ao jorrar bem fundo no âmago da minha amada, ouço o ruído longínquo. Estalo de brinquedo recém-partido entre meus dedos.

Exausto e plenamente saciado, viro de lado e desfaleço, imerso num estupor cáldo de prazer.

Minutos depois, quicá horas mais tarde, um Victor de olhos vidrados me arranca de cima do cadáver ainda morno de Eduarda.

Indiferente, constato que meus olhos estão curados. Pelo menos, consigo enxergar a expressão apavorada no rosto do meu irmão.

Não esboço reação ante sua histeria crescente.

– O que você fez, Félix? – Sacode a cabeça, desconsolado. Por que é tão difícil aceitar a enormidade da minha paixão? – Você matou a Eduarda! Estupro seguido de assassinato...

Diante de minha apatia, para em frente à autoalmofada onde me pôs sentado. Agacha-se com as mãos pousadas nos meus joelhos e me fita nos olhos.

– Estou falando com você! Acaso tem consciência do ato que acabou de praticar? – Como não reajo logo, ele responde a própria pergunta. – *Homicídio*... Esse é o termo técnico correto. Há quanto tempo não temos um homicídio por aqui? Não compreendo como isto pôde acontecer justamente conosco...

De súbito, atina com o método perfeito de obter respostas para questões que o atormentam. Ergue-se dum salto. Em tom imperativo, dispara num brado feroz:

– Por que você não impediu o Félix?

“Eduarda não pediu ajuda.” – O programa-mestre da U.R. se justifica com voz pressurosa. – “Ela não gritou e tampouco sentiu medo em momento algum.”

– Sua idiota! Devia ter notado que ela estava morrendo...

“Consultei os registros comportamentais dos cidadãos envolvidos. Como não obtive acesso online aos bancos de Asgard, decidi extrapolar a Cidadã Eduarda a partir dos registros da irmã gêmea. Félix e Thereza costumavam proceder de maneira análoga em diversas cópulas. Segundo concluí, eles se divertiam assim. Até onde pude descobrir, tal conduta nunca gerou sequelas. Eduarda pareceu indignada com a postura do Cidadão Félix, mas também se encontrava sob forte estado de excitação. Quando constatei que estava sendo estrangulada, inundei prontamente o pseudoapartamento com gás anestésico. Contudo, Félix mostrou-se pouco responsivo à ação do gás. Portanto, fui obrigada a elevar a dosagem. Quando a droga finalmente surtiu efeito, já era tarde para evitar o óbito.”

– O que mais você fez, além de me chamar?

“Acionei a emergência do hospital mais próximo. O turbocóptero-robô pousou no terraço do prédio quarenta segundos atrás. Os autômatos paramédicos estão descendo no elevador nove. Se bem que, de acordo com minha estimativa, como já não observo sinais holoencefálicos há...”

– Quem mais você avisou?

“Ao serviço de detenção, é lógico.”

– Detenção policial. – Victor mastiga a expressão pouco usada como se fosse um objeto pontiagudo debaixo da língua. Vira para mim e vasculha meu semblante abúlico com o olhar desolado, nítido na penumbra reinante no quarto de hóspedes. – Acaso consegue atinar com as implicações do seu ato?

– Obliteração total da personalidade. – Forço-me a recitar, recém-emerso do meu transe.

– Exato. Será o primeiro caso de obliteração imperiosa na cidade em mais de um século e meio. Aquilo que os antigos chamavam *demolição do ego*. – Sempre o historiador, mesmo face à tragédia, Victor não põe a vocação de lado. – Sua mente e suas memórias serão apagadas, meu irmão. Para todo e qualquer efeito prático, deixará de existir como indivíduo.

– Eles vão me reconstruir. Reescrever minha personalidade a partir do zero.

– Isto mesmo.

– Então, nunca mais recordarei do meu amor por Thereza.

Só ao enunciar esta conclusão óbvia, percebo que não posso permitir em hipótese alguma que a obliteração cumpra seu propósito hediondo.

As consciências artificiais que presidem o Tribunal Solar podem até me sentenciar à morte, se assim o desejarem. Mas não têm o direito de arrancar Thereza da minha vida.

Não deixarei que me privem das lembranças do meu amor.

Decisão tomada, levanto da almofada dum salto.

Antes que Victor possa impedir, tomo impulso e me lanço através da janela panorâmica aberta na parede do sítio da biblioteca.

Não sinto medo em momento algum desta longa queda do quadragésimo-sétimo andar.

Porque não estou sozinho.

Thereza aparece a meu lado. Nua e bela. Minha verdadeira Thereza. Não uma mera imitação.

Minha mulher amada.

– Pronto, minha querida. Estamos juntos outra vez. Até que a morte nos separe.

– Para sempre. – Ela me corrige, com um sorriso carinhoso. Os cabelos revoltos no vendaval deste nosso voo glorioso.

Mergulhamos de mãos dadas.

Para sempre.

Eu, a sogra **Giulia Moon**

– Mamãe, esta é Mariko, minha mulher.

Meu filho Guilherme foi direto, como sempre. Enxuguei as mãos com o pano de prato e olhei, perplexa, para aquela criatura na minha cozinha. A minha nora. Uma oriental baixinha e magrela, com um minivestido amarelo-canário e cabelos descoloridos. Loiros, com mechas laranjas.

– Ora... – exclamei com um sorriso congelado na face. – Que surpresa, Gui!

Guilherme riu sem jeito, procurando colocar-se entre mim e ela. Isso me deixou ainda mais furiosa. Puxa, não sou nenhuma bruxa malvada. Mesmo quando uma nora desconhecida aparece sem avisar, em plena noite de sexta-feira 13. Bem na hora em que me preparava para começar um encantamento raro, que só pode ser realizado uma vez a cada trinta anos.

– Desculpe não ter ligado antes, não deu – Guilherme começou a se justificar, rápido. – A correria das reuniões da empresa em Tóquio, o lançamento da nova linha de comida afrodisíaca *zen...* Bom, o que interessa é que estamos aqui, mamãe, após um ano de casamento. Mari estava louca pra conhecer você. Ela é uma pessoa maravilhosa, eu sei que vocês duas vão se dar muito bem.

– Um ano... – observei, ressentida. – Pensei que você tinha se esquecido da gente, Gui.

– Desculpe, mãezinha. – Ele me abraçou e beijou, daquele jeito que me deixava sempre sem ação. – Você sabe que eu amo você!

Ramiro, meu segundo marido, já dava beijinhos na garota, perguntando sobre receitas de *sushi* e o último *anime* da TV. Ele adora bater um papinho sobre generalidades. Enquanto isso, eu observava o casal, deprimida. As imagens do pequeno Gui vieram à minha memória. Meu filhinho aprendendo a voar na vassourinha paraquedas, pulando de felicidade ao ganhar o primeiro gato preto, segurando a minha mão com força no primeiro dia de aula na escolinha Pequeno Crowley. Ah, os filhos... Pena que crescem e começam a desandar. Ao terminar a Faculdade de Feitiço Aplicado, Gui não quis seguir carreira, conseguiu um emprego no ramo de alimentos no Japão e mudou-se pra lá. E agora isto. Um ano quase sem dar notícias e uma nora oriental minúscula e esquisita. Se ela fosse uma bruxa, esse amor fulminante poderia ser obra de algum feitiço, mas nem isso. Ela não possui um pingo de dom mágico, posso garantir. E tem cabelos laranja!

– Mamãe? – Era o meu filho, com o seu olhar de cachorrinho perdido, puxando a minha mão de leve. Oh, meus deuses... Vamos lá, seja uma sogra boazinha, Maura.

– Ahn... Mariko, não é? Deve estar cansada, vou mostrar o quarto de hóspedes.

– Não precisa, mãe – disse Guilherme. – Já levei as nossas coisas pro meu antigo quarto.

Bem, sou uma bruxa, não uma vidente. O dormitório que Guilherme ocupava antes de se mudar estava servindo provisoriamente de quartinho de despejo. Espero que minha nora não se incomode com algumas múmias de gato, patas de macaco empalhadas, glândulas de rato vencidas e outras coisinhas na cabeceira. Raios, como eu ia adivinhar que meu filho chegaria sem aviso e invadiria a casa, trazendo a jardineira de *bonsai* a tiracolo? Só pra me pegar assim, suada e amassada, de avental e cabelos revirados. Com cara de bruxa má. Espelho, espelho meu...

– Vamos para a sala, Gui. – Ramiro puxava o enteado pelo braço. – A prima Barbarina chegou e quer ver você.

– Ah, tenho mesmo que ir? Quero mostrar os presentes que eu trouxe para a mamãe...

– Depois, filho, depois. Agora, vá cumprimentar os convidados. – Não deixe Gui se alongar, pois não podia lhe dar atenção. – Ai, meus deuses, Barbarina já está aí?

– Barbarina veio antes de todo mundo, já está esperando há mais de uma hora – Ramiro respondeu, distraído. – Tio Jorge e Tia Helena também chegaram, trouxeram os sobrinhos. Não é ótimo? Estão todos aí, parece até festa de Natal!

Ramiro tinha a sensibilidade de um dinossauro cego. Só ele pra não perceber, após tantos anos de vida em comum, que era uma noite muito importante para mim e para Barbarina. *E eu estava atrasada!* Precisava me concentrar. Ia pedir para que levassem Mariko com eles, quando ouvi uma voz ao meu lado.

– Quer ajuda, dona Maura?

Ora, a criaturinha falava a nossa língua! E tinha uma voz fininha que me confundiu por instantes, dando chance a Guilherme para emendar, todo feliz:

– Isso mesmo, Mari, fique aqui com a mamãe. Quero que se conheçam melhor. Eu e Ramiro vamos fazer sala para as visitas.

Assim, lá se foram, na maior empolgação, os dois homens da minha vida. Eu só pensava no meu encantamento, que precisava sair do forno antes da meia-noite. E sem falta, pois outra oportunidade só daqui a trinta anos. Com um nó de ansiedade no peito, comecei a me organizar para iniciar o processo mágico. Ainda bem que eu estava no melhor local do mundo: a minha cozinha, onde eu tinha à disposição o meu velho superfogão de seis bocas que ganhei no casamento, as insubstituíveis painéis de ferro, as colheres de pau que herdei da minha avó Elisabeta, o caldeirão feito pelas bruxas da Toscana...

– Quase não uso a cozinha – ouvi de novo a vozinha em falsete. – Lá no Japão comemos muita comida congelada ou semipronta, é só colocar no microondas.

Oh, meus deuses! O meu pobre Gui nas mãos desta devoradora de miojo... Pare com isso, Maura. Concentre-se. Faça cara de interesse, mas não perca

tempo! Felicitei-me por ser uma bruxa precavida, havia preparado a maior parte dos ingredientes de antemão. Ia ser corrido, mas o tempo que me restava dava justinho para terminar o feitiço. Vejamos, vejamos. Farinha de mandioca. Um pouco de mel. Canela, cravo e pimenta. Raminhos de alcaçuz. Vinho tinto. Nacional ou importado? Barbarina bebe qualquer coisa, desde que seja alcoólico, portanto o vinho doce de mesa deve servir. Duas gemas de pata. Meio cálice de extrato de cantáridas.

– Interessante. – A garota franziu o narizinho. – Que prato exótico, *né?*

– Meu filho não te explicou nada sobre mim, Mariko?

– *Hai*. Disse que a senhora cozinha muito bem. Por isso estou aqui, para aprender um pouco da culinária brasileira...

Ai, ai, ai, Gui. Custava ter contado à esposinha sobre as minhas atividades mágicas?

– Minha filha, não tenho tempo pra te explicar agora, por isso faça uma coisa pra mim?

– *Hai*, dona Maura.

– Não pergunte mais nada e fique quietinha aí no canto. Deixe-me trabalhar sossegada. Você faz isso, queridinha?

– Ah, entendo... Bem que Gui me falou. – Ela riu, colocando a mão sobre a boca. – A senhora tem ciúme da sua cozinha, *né?*

Ora... como ela ousa? Conte até dez e respondi, toda sorrisos:

– É mesmo? Engraçado, ele nunca comentou isso comigo.

– Não se preocupe, dona Maura – Mariko continuou, animada. – Eu não cozinho. Lá em casa, Gui é o cozinheiro. Até inventa novas receitas, faz experiências. Sabe preparar qualquer coisa. Disse que aprendeu tudo com a senhora.

Nem tudo, minha pequena. Nem tudo. Nunca o ensinei a transformar noras em estátuas de sal, por exemplo. Ui, chega. *Maura, pare de se fazer de sogra bruxa*, pensei com os meus botões, enquanto colocava o feitiço no forno pré-aquecido. O relógio marcava onze horas e a campainha da porta soava. Mais convidados para o ritual. Com certeza Ramiro os estava entediando com a sua conversa interminável e a cerveja gelada, que vinha de tempos em tempos apanhar na grande geladeira do quintal.

– Não os embriague demais, Ramiro.

– Tá bom, querida. Ah, estão aí dois repórteres do *Jornal Místico* pra documentar a realização do feitiço. Eles queriam vir espiar os preparativos, mas não deixei. Tranquei todos os convidados no Salão do Pentagrama, como você pediu.

Ah, que maravilha, repórteres. Era pra ser só um ritualzinho em família e agora descubro que o mundo inteiro vai estar de olho em mim.

– E aí, menina, ajudando a sogra?

Ramiro parecia ter simpatizado com Mariko. Mas isso não contava, ele se dava bem com todo mundo.

– Infelizmente, não estou ajudando muito, seu Ramiro. Não sei cozinhar.

Apesar do tumulto na minha mente, reconheci a deixa e cumpri com o esperado, como uma boa sogra do Bem.

– Que é isso, Mariko, você está me dando apoio moral!

– Claro, claro! – arrematou Ramiro. – Maura fica nervosa à toa!

O sorriso falso desmoronou no meu rosto. Mariko deu uma risadinha. E lá se foi o meu marido, assoviando, feliz da vida com as suas cervejas na mão.

Apesar de tudo, eu me sentia mais calma agora que o feitiço estava encaminhado. Resolvi ir até o Jardim de Especiarias Orgânicas para colher alguns ramos de urtiga. O chazinho dessa planta é ótimo para aliviar a tensão e eu queria servi-lo depois da cerimônia, acompanhado de biscoitinhos de gengibre. Então aconteceu.

– *Dona Mauraaaaa!*

Era a voz da minha nora. Deixei cair os galhinhos de urtiga no chão, horrorizada. *Cheiro de feitiço queimado!* Oh, meus deuses, eu tinha esquecido de desligar o forno na hora marcada. Corri para a cozinha. Um cheiro desagradável de carne queimada misturava-se ao odor de especiarias. Em meio à confusão enxerguei Mariko, empurrando a tampa do forno, que rangia e tremia. Das frestas, projetavam-se vários braços peludos recém-carbonizados, que tentavam agarrar a garota. Tive vontade de chorar. O meu precioso feitiço. Queimado, consumido, inutilizado. Barbarina ia me atormentar por mais trinta anos!

– Por favor, dona Maura! – disse Mariko, enquanto golpeava as mãos monstruosas com uma faca de pão. – Poderia me ajudar?

Olhei para Mariko. Todo esse desastre começara com a chegada dela. Um pensamentozinho malvado passou pela minha cabeça. As bruxas mais antigas contavam histórias arrepiantes sobre feitiços queimados que escaparam dos fornos e saíram pelas redondezas, espalhando morte e destruição... Mas o bom senso prevaleceu. Ergui os braços e conjurei os meus protetores para salvar a minha nora.

– *Koot-eh-katebas-tet!*

Foi um só golpe. Um grande raio fulminou o monstro, acabando com o problema – e com a minha cozinha. Quando a fumaça se dissipou, deu para ver toda a extensão da catástrofe: a única coisa que parecia ter escapado à explosão era a minha nora, que se ergueu com um movimento rápido, limpando com tapinhas o pó do seu vestido moderninho.

– Dona Maura, *arigatô!* A senhora foi muito eficiente!

Não respondi. Eu apenas examinava, arrasada, os restos da minha cozinha. Minha geladeira com centenas de suprimentos mágicos que juntei ao longo da vida. Os armários cheios de ingredientes raros. O meu velho e fiel fogão. As

colheres de pau. A minha bancada de mármore. Tudo destruído. No chão, tiquetaqueava, sem danos, o relógio que marcava a hora certa. Onze e meia da noite.

– E agora, dona Maura?

Agora poderia sumir, por favor? Respirei fundo. Comecei a limpar os escombros da cozinha, reação automática de dona-de-casa. Mariko veio me ajudar.

– Não sei como os seus convidados não ouviram a explosão.

– Eles estão trancados no Salão do Pentagrama, à prova de som.

– E o prato que a senhora estava preparando? Queimou tudo...

– Já percebi, obrigada.

– Posso pedir pelo telefone alguma coisa para servir aos convidados. Uma pizza...

Ai, meus saís.

– Olha, minha filha, vou contar tudo, pois não aguento mais essa sua cara de interrogação. – Olhei para o relógio, desconsolada. – E também porque agora tenho todo o tempo do mundo!

Enchi os pulmões e comecei a falar.

– Eu sou uma bruxa...

– Oh, não, dona Maura, a senhora não é uma bruxa.

– Como assim? Não me interrompa, menina.

– A senhora não é tão má. Só está um pouco nervosa, *né?*

Levei as mãos à cabeça.

– Ah, pelo amor dos deuses, mocinha... Só eu sei o quanto estou me controlando para não ser esse tipo de bruxa, uma dessas sogras irascíveis que infernizam as noras. E vou dizer uma coisa, minha querida, eu poderia ser uma sogra bruxa *daquelas*... Talento, não me falta!

Fiz a minha melhor cara de má para Mariko, mas ela continuou a me olhar com aquele ar de criança curiosa. Bom, a minha cara de má não era lá essas coisas, mesmo. Sentei-me, desanimada, num monte de madeira, tudo o que tinha sobrado da minha cadeira favorita, e disse:

– Sou uma bruxa, sim, mas do tipo que faz amuletos, poções, sortilégios, entendeu? Que faz feitiços como este, que acabei de arruinar! – Bati no meu fogão carbonizado com raiva. A minha nora limitou-se a franzir a testa, atenta, por isso continuei a me lamentar. – Meu Feitiço de Trinta Anos está perdido... Tanto tempo de preparação e tudo em vão. Como vê, Mariko, sua sogrinha não é apenas uma bruxa, mas é também uma bruxa fracassada!

Esperei por uma avalanche de perguntas, mas invés disso, uma mão pequenina tocou o meu ombro de leve.

– Faça tudo de novo, dona Maura – disse Mariko, colocando-se à minha frente com ar decidido, balançando os fios laranjas do seu cabelo. – Vamos

consertar o estrago, né?

– Refazer o feitiço? – Olhei para o relógio, que marcava onze e trinta e cinco. – Não vai dar tempo.

Ela pegou o seu celular verde-limão decorado com inúmeros clones de Pokémon.

– O que vai fazer? – Indaguei, surpresa com a sua reação.

– Chamar ajuda... Alô? Gui? Precisamos de você. Venha aqui, para a cozinha.

Logo Guilherme chegou, avaliando os estragos numa rápida olhada.

– Xi, o feitiço gorou?

– Sim, houve um acidente – disse Mariko. – Você pode ajudar?

Guilherme colocou a mão no queixo e disse, preocupado:

– Não sei, não...

– Não estou entendendo nada – interrompi. – São onze e quarenta, está tudo acabado. Tenho que admitir a derrota, crianças, perdi a oportunidade de fazer o feitiço!

Vou confessar. Eu quase chorei nessa hora. Guilherme respirou fundo, como se tivesse tomado uma decisão.

– Escute, mãe – ele segurou-me pelos ombros. – Em todo esse tempo no P&D do *Watanuki Foods*, eu nunca deixei de pensar nos seus sortilégios. Lembra como eu ficava ao seu lado, desde moleque, vendo-a preparar poções e amuletos? Então. Eu pensava: mas que trabalho mais chato! O que fazer para tornar todo esse esforço mais rápido e produtivo?

– Puxa, Gui... Você acha o trabalho da mamãe chato? – Sim, eu estava muito sensível.

– Não é esse o ponto, mãe. Veja, foi por isso que comecei a fazer as experiências. Foi difícil no início, mas percebi que os meus conhecimentos de Alquimia Avançada e Engenharia Alimentar iam ser muito úteis. Assim, criei alguns feitiços instantâneos, que já vêm com todos os ingredientes dentro de uma caixinha.

– Impossível! – exclamei.

– Que nada, mãe. Já consegui desenvolver a Essência Para Atrair Sacis, a Poção da Chuva, o Unguento para Corpo Fechado...

– E o Feitiço de Trinta Anos – completou Mariko.

– Como assim? Quem lhe deu a receita? – perguntei, espantada.

Guilherme pigarreou.

– Desculpe, mamãe, eu tirei uma cópia na última vez que estive aqui. Mas isso não é importante. O que importa é que encarei o Feitiço de Trinta Anos como o meu maior desafio. Trabalhei duro nas minhas horas de folga e cheguei a uma fórmula aceitável, que trouxe para você de presente, mamãe. Mas você não me deixou mostrar...

– Espere, espere... – Sacudi a cabeça, ainda digerindo as informações. – Você quer dizer que trouxe o Feitiço de Trinta Anos na mala, como uma mistura pronta pra bolo?

– Quase – disse Gui, com um sorriso. – Na verdade, tive que fazer umas adaptações. Eu sempre penso em produção em grande escala.

– Não dará certo – interrompi meu filho, que tentava pela segunda vez ir até o quarto para apanhar a sua invenção. – Só de tempo de forno, a receita pede vinte minutos. O meu forno virou sucata com a explosão. E já são quinze pra meia-noite!

– *Hai*. Mas usaremos o nosso outro presente. Vai dar tudo certo, dona Maura – disse Mariko, levando o marido para a porta.

Mais presentes! Olhei, estupefata, para o meu filho. Ele voltava com um grande volume nas mãos. O outro presente, que ele trazia, radiante, era um objeto cuja presença na minha cozinha, até alguns minutos atrás, seria uma verdadeira ofensa: um forno de micro-ondas!

– Vamos começar, dona Maura – disse Mariko, ligando o aparelho na tomada. – Acho que cinco minutos em potência máxima neste novo modelo japonês vai ser suficiente. De micro-ondas, eu entendo.

O tal feitiço instantâneo era um pó amarelo-gema guardado dentro de um pote quadrado de plástico, desses que vão do *freezer* para micro-ondas sem deformar. Fiquei lá, em estado de choque, vendo a minha nora apossar-se da cozinha. O local onde sempre reinei. Onde alcancei as maiores glórias como Especialista em Sortilégios de Forno & Fogão, autora de dois *best-sellers* sobre o assunto. A minha preciosa cozinha... Que agora se resumia a um micro-ondas japonês e um relógio que não parava de tiquetaquear.

Mariko juntou um pouco de água ao feitiço instantâneo e misturou a massa amarela no próprio pote. Depois, colocou-o no micro-ondas, ajustou o tempo e deu o *start*. Sob a luz clara do interior do forno, assisti o pequeno volume de massa se concentrar no centro do pote. Logo começou a crescer. A cabeça surgiu, e depois o tronco e os membros, até formar a figura de um homenzinho perfeito. Examinei com atenção o espaço entre as pernas, pois Barbarina jamais me perdoaria se um certo detalhe anatômico não estivesse ali. Sim, estava tudo certo. O homem de massa equilibrou-se devagar sobre os dois pés, saiu do potinho e estendeu os braços para cima e para os lados, andou e se agachou sobre a bandeja giratória. Por fim, deu um salto ágil quando o micro-ondas disparou o sinal sonoro. O Feitiço de Trinta Anos estava pronto. Faltavam cinco minutos para a meia-noite. *Banzai!*

Levamos, os três de braços dados, o homenzinho de massa numa bandeja dourada para o Salão do Pentagrama. Tio Jorge e Tia Helena nos receberam com sorrisos de alívio. Vovô Licurgo, venerável bruxo de cento e sessenta anos, lançou um sinal de reconhecimento ao piscar o seu olho esquerdo. Alguns

sobrinhos adolescentes conversavam, alheios a tudo, num canto afastado. E, lá do fundo, levantou-se quem eu mais temia: prima Barbarina!

Ela estava especialmente assustadora com a sua indumentária de bruxa solteirona: uma túnica roxa estampada com grandes rosas fúcsia sobre uma calça justa de helanca preta, que ressaltava as suas pernas finas, contrapondo-se ao tamanho avantajado do peito e do traseiro. O cabelo ruivo caía em cascatas dignas das Cataratas do Iguaçu sobre o rosto supermaquiado. O pescoço curto parecia soterrado sob dúzias de pesados colares dourados.

– Não tente me enganar de novo, Maura – ela disse, apontando para mim a sua longa unha escarlate. – Desta vez, eu não terei misericórdia. Uma de nós duas não sairá inteira daqui.

Ui... Senti as minhas bochechas vermelhas. Toda a família interrompeu o que estava fazendo e concentrou a sua atenção naquilo que parecia o desfecho trágico de trinta anos de desavenças. Enchi-me de brios. As coisas haviam mudado muito em trinta anos, mas eu – ainda era a mesma. Ora, se era! Respirei fundo e avancei, distribuindo sorrisos e abraços, até a prima Barbarina.

– Cara prima! – disse, dando dois beijinhos em suas faces impregnadas de *pancake*. – Que prazer em revê-la! Sente-se aqui, querida. É o melhor Feitiço de Trinta Anos que já fiz. Especialmente para você, minha amiga e parenta!

Um murmúrio de aprovação partiu da assistência. Barbarina limitou-se a um sorriso forçado que mais parecia uma careta. O círculo se abriu, dando espaço para o *gran finale*.

– Venha, Mariko – chamei. – Você preparou o feitiço. Fique ao meu lado e repita comigo as palavras mágicas.

Mariko avançou com o rosto sereno de um Buda. Dava para sentir de longe o tamanho do sorriso orgulhoso de Guilherme. A família, curiosa, examinava a nova integrante. Barbarina me vigiava com os olhos raivosos. Mentalizei todos os meus guias de proteção e coloquei o pequeno homem de massa no centro do pentagrama. Ele sentou-se, obediente, no seu lugar. O relógio soou meia-noite.

Comecei a entoar o Mantra da Criação Sobrenatural. Mariko tentou me acompanhar com a sua voz aguda, o que causou um pouco de aflição entre os assistentes. Peguei uma pena de condor e escrevi o nome de Barbarina na nuca do homenzinho. Com um grande estrondo, o feitiço se consumou. O minúsculo boneco explodiu em centenas de cacos e, no seu lugar, um homem em tamanho real surgiu. Tinha o corpo jovem e bem proporcionado. Estava nu. Uma criatura pura, recém-nascida. Ele olhou para os lados e piscou os seus olhinhos puxados. Depois, fez uma reverência e disse:

– *Kon-ban-wa!*

Ops... Ele não se parecia em nada com o garanhão loiro de olhos verdes e dois metros de altura que Barbarina tinha exigido. Voltei-me para Guilherme. Ele abanou a cabeça, vermelho, e disse:

– Bem, acho que trocar a farinha de mandioca e o vinho por arroz e saquê produziu algumas mudanças no *design* do produto.

Olhei, receosa, para Barbarina. Todos faziam o mesmo. Até os dois repórteres pareciam perceber a tensão no ar. O rosto da minha prima estava agitado por dezenas de tiques. Ela mastigava com vigor de carniceira o seu lábio inferior. A sobrancelha curvava-se ora para cima, ora para baixo. A bochecha contraía e relaxava. E, das narinas, vinha um bufar entrecortado de roncoss.

– O que a criaturinha disse? – perguntou, após um instante que durou uma eternidade.

– Fez uma saudação em japonês. Um “boa noite” – respondeu Guilherme.

– Sinto muito, prima – interfeiri, decidida. – Foi o máximo que consegui. A opção é esperar mais trinta anos. Você é quem sabe.

Barbarina concentrou a sua atenção no jovem oriental, que parecia assustado com a sua proximidade. Ela o encarava, desconfiada, demorando-se nas partes baixas. Por fim, com um suspiro, declarou:

– Oh, está bem! Após trinta anos de *secura*, não posso reclamar. Ele até que é bonitinho...

A plateia irrompeu em aplausos. A paz voltava à família. Os repórteres se aproximaram para me entrevistar. Um pequeno tumulto se formou quando o japonês fugiu, tão logo a porta foi aberta. Mas ele foi seguido de imediato pela prima Barbarina, que pegou a sua vassoura e foi embora sem ao menos esperar pelo chá de urtigas. Ela sempre teve uma personalidade muito difícil.

– Ué, cadê Mariko? – perguntei, enquanto Guilherme me ajudava com alguns ingredientes mágicos na minha cozinha novinha, completamente reformada após o acidente do feitiço queimado.

– Ah, está na garagem, consertando a moto do Ramiro. Ela tem jeito pra mecânica, sabe?

– Por deuses! Mariko é bem especial. – Sorri. – No começo, pensei que o seu casamento fosse resultado de alguma bruxaria...

Guilherme ficou vermelho como o sangue de morcego em saquinhos que estava guardando no *freezer*, uma das novas aquisições da minha cozinha.

– Como a senhora adivinhou?

Arregalei os olhos, incrédula.

– Como assim? Mariko não é uma bruxa... Ela não pode ter enfeitado você.

– Não, mãe.

– Ah... Não me diga que quem fez a bruxaria foi *você*!

– Só no início, mãe. Mas depois me apaixonei por ela. E agora Mari e eu somos felizes, a senhora viu!

Fiquei um pouco decepcionada.

– Nunca imaginei que um filho meu usaria um feitiço para conquistar alguém...

– Ah, não me venha com essa, mamãe. Você mesma fez todo aquele alvoroço pra criar um namorado pra prima Barbarina. E por falar nisso...

Guilherme deixou de lado a raiz de mandrágora e as flores de absinto que estava lavando, e sorriu com aquele seu jeito de menino malcriado.

– Mamãe, por que a prima Barbarina tinha tanto ódio da senhora? – disparou.

Foi a minha vez de corar.

– Ah... Bem... Você sabe como ela é.

– Mamãe. – Ele segurou o meu rosto com as duas mãos e me encarou. – A ver-da-de.

– Oh, está certo. Uma hora você ia descobrir, mesmo. – Pigarreei. – Trinta anos atrás, Barbarina e eu éramos amigas inseparáveis. Um dia, durante a limpeza do nosso porão, achamos um fragmento do Feitiço de Trinta Anos em alguns velhos manuscritos da família. Era só um antigo feitiço para criar *golens*, você sabe, seres de barro que algumas bruxas ancestrais utilizavam como serviçais. Na época, você era recém-nascido e seu pai tinha acabado de falecer. Pobre Gustavo, morreu tão jovem, você é a cara dele...

– Não desconverse, mãe!

– Está bem, não precisa falar assim com a mamãe. O que aconteceu foi o seguinte. Barbarina nunca teve muito jeito nem pra magia, nem pra conquistar homens. Ela tentava arranjar um namorado desde a adolescência, mas nada. Então percebeu a oportunidade única. Fez-me prometer que aperfeiçoaria o feitiço para produzir algo muito melhor do que simples escravos de barro. Alguém de carne e osso, que fosse bonito, *sexy* e carinhoso. Um amante ideal.

– E a senhora fez?

– Fiz. Já naquela época eu era muito hábil com feitiços.

– Mas o que houve de errado, então?

Olhei para os lados para me certificar que estávamos sozinhos.

– Bem, esse tipo de coisa é uma tentação pra qualquer bruxa. E eu estava solitária, deprimida com a morte do seu pai...

– *Oh, meus deuses!*

– Ai, Gui, que gracinha, você fala igualzinho a mamãe quando está aflito.

– Mamãe, a senhora fez o feitiço... pra si mesma?

– Bem, eu...

– Mas... mas...

Dei um pontapé na perna do Gui sob a mesa, pois Ramiro e Mariko entravam na cozinha.

– Oi, Maura! – disse Ramiro, dando um beijinho na minha face. – Mariko é uma mecânica de mão cheia. Jorjão e Carlos, do nosso time de futebol, ficaram de trazer as motos pra ela consertar. Não é joia?

Mariko sorria, inabalável por baixo das manchas de graxa no rosto, na roupa,

nos cabelos loiros com mechas laranjas. Ah, a fantástica paciência oriental! Guilherme, ainda com a cara crispada de dor pelo pontapé, olhou primeiro para Ramiro e depois para mim. E depois de mim para Ramiro.

– Então, quem quer uma cervejinha gelada? – perguntou Ramiro, pra depois responder, levantando a própria mão. – Eu!

O meu maridinho foi-se, feliz, em busca da cerveja. Pois é. Eu fiz o ritual do Feitiço de Trinta Anos para mim mesma, ao invés de fazer para Barbarina. Arranjei um amante bonito, *sexy* e carinhoso para me esquentar nas noites solitárias. Não era a perfeição em pessoa, mas, como dizem por aí, ninguém é perfeito...

– E então, gatona? – disse Ramiro, assoprando no meu ouvido. – Que tal um banho gostoso antes do almoço? Eu faço aquela massagem que você adora nos seus pezinhos...

Ah, palmas para a imperfeição! Dei o braço a Ramiro e subimos a escada rumo a uma deliciosa banheira cheia de espuma. No meio do caminho, porém, algo me ocorreu. Voltei-me para Mariko, que nos observava da porta da cozinha, de braços dados com meu filho. Ela continuava a sorrir, serena. Olhei para Guilherme. Imediatamente ele caiu na gargalhada. Ora, ora, ora... Entendi. Meu filho tinha testado a sua mistura instantânea do Feitiço de Trinta Anos um ano atrás, no Japão. E, devo admitir, o resultado foi muito bom, embora os cabelos laranjas tenham prejudicado um pouco o visual.

Troquei um olhar cúmplice com Guilherme e continuei a subir as escadas com Ramiro a tiracolo. Por dentro, eu gargalhava. Bem que eu desconfiava... A minha nora era boa demais para ser uma nora de verdade!

Veio... novamente **Jorge Luiz Calife**

1 Pisca-pisca estrelinha.

– Mãe, você já viu tanta estrela? Parece que dá para estender a mão e tocá-las.

Helen concordou plenamente com sua filha de sete anos, Melody: - É, querida, o céu do deserto de Mojave é realmente lindo. Aquilo lá é a Via Láctea, e ela tem mais estrelas do que todos os grãos de areia de todas as praias do mundo. Pense só nisso. Se você pudesse contar todos os grãos de areia, de todas as praias, o número ainda seria menor do que a quantidade de estrelas lá em cima.

– Puxa não vou tentar. Ei! Olhe lá, uma estrela cadente!

– Faça um pedido.

Melody fechou os olhos, pensativa. – Já fiz.

– Não me conte, senão o desejo não se realiza.

O telefone celular tocou dentro da casa e a bela mulher deixou a filha olhando as estrelas e foi atender. Era seu marido Bob, que vinha de Pasadena se encontrar com elas.

– Está tudo bem aí?

– Está querido. Melody está maravilhada com o céu noturno. Está lá na varanda, tentando contar as estrelas.

– Eu não disse que um fim de semana no deserto ia ser uma experiência educativa para ela?

– Quando você chega?

– Estou agora na interestadual, perto de Palmira. Devo chegar aí lá pelas onze da noite. É muito melhor dirigir de noite no Mojave. Não tem aquele calor infernal do dia.

– Eu que o diga. Vou ver se consigo colocar nossa filha pra dormir antes de você chegar.

– Hum, parece uma ótima ideia. Que tal a gente se amar sob as estrelas?

– Você é um romântico... Mas eu acho que no nosso quarto vai ser mais confortável.

– Te adoro.

– Te adoro também, querido.

Helen deixou o telefone em cima da mesa e voltou para junto da filha. A casa, no alto da colina, ficava a trinta quilômetros do vilarejo mais próximo, bem no meio do deserto de Mojave. Durante o dia tudo o que se via era uma vastidão de terreno pedregoso cheia de pés de cacto gigante, os saguaros, árvores Joshua retorcidas e iucas espinhosas. Estendendo-se por milhas e milhas até a Serra Nevada no horizonte.

Quando Bob sugerira a ideia de passarem o fim de semana no deserto, Helen hesitara. Loira, de olhos e pele clara, ela achou que o Sol causticante do

Mojave não ia lhe fazer bem. Mas a casa que alugaram era uma beleza, toda envidraçada, com uma piscina e ar refrigerado da melhor qualidade, abastecido por células solares no telhado. Durante o dia Helen se abrigara dentro daquela caixa refrigerada de metal e vidro. Na hora do sol poente dera uns mergulhos na piscina e agora admirava a noite com sua filha. Estava ficando frio e Helen sabia que era normal. De dia, faz 40 graus à sombra no Mojave, mas de noite a temperatura pode cair para 10, 15 graus centígrados. Era melhor acrescentar uma jaqueta ao conjunto de calça jeans e camisa bordada que estava usando.

Das oito às dez horas da noite Melody contou mais de 15 estrelas cadentes. E não dava sinal de ficar com sono. Afinal, a menina começou a bocejar.

– Vamos para seu quarto? – Sugeriu a mãe.

– Eu queria esperar o papai.

– Ele só vai chegar às onze, meia-noite querida. Amanhã você se diverte com ele.

– Ele disse que vai me mostrar um ninho de coruja, dentro de um saguaro.

– Aposto que vai. Mojave é um deserto cheio de vida, tem coiotes, tartarugas, lagartos Gila, pássaros que fazem ninhos nas árvores Joshua.

– Cobras e tarântulas, acrescentou a menina.

– Isso, cobras e tarântulas. Por isso é bom a gente fechar bem as janelas na hora de dormir, para não ter visitantes indesejáveis.

– Mãe, você acha que...

Melody não terminou o que ia dizer. Uma luz dourada brilhou sobre a casa, fazendo o mar de cactos e iucas lá embaixo aparecer nitidamente. Mãe e filha olharam para cima, admiradas e viram uma coisa assombrosa. Uma bola de fogo deslumbrante cruzar a Via Láctea e descer na direção delas como se fosse atingir a casa. O estrondo sônico ribombou até nas montanhas. Melody se agarrou à Helen assustada enquanto a coisa caía atrás de umas colinas, a dois quilômetros da casa, fazendo o chão tremer com o impacto.

– Mãe o que era aquilo? – Perguntou a menina assustada.

– Eu não sei filha, não sei.

A queda durara segundos, mas Helen sabia que não era meteoro nem estrela cadente. Dentro da bola de fogo ela distinguira um objeto artificial. Um tipo qualquer de cápsula ovoides ou esférica, não tinha bem certeza.

– Foi um meteoro, mãe?

– Acho que não querida. Parecia um tipo qualquer de... nave espacial. Talvez uma cápsula da Nasa, ou um satélite russo. Não era um avião, nem um meteoro, disso eu tenho certeza.

– Ele caiu perto daqui, atrás das colinas. Puxa, deve ser enorme.

– Pode apostar. Eu vou telefonar para o seu pai. Ele não deve estar longe e também deve ter visto essa coisa.

– É emocionante! – Disse, Melody. – Mãe, tô adorando passar a noite no

deserto.

Helen foi até a sala e pegou o telefone celular. Mas não conseguiu falar com o marido. O celular dele dava fora de área. Depois tentou ligar para a polícia e a defesa civil da cidade mais próxima, para comunicar o que vira. O celular ficou mudo, totalmente bloqueado.

Era estranho. Aquele aparelho era um *Morningstar*, conectado a satélites em órbita. Devia ser capaz de fazer contato mesmo no meio da selva ou do deserto de Mojave. Helen largou o celular e tentou fazer uma ligação pelo telefone fixo da residência. Descobriu que o aparelho também estava mudo.

O jeito era relaxar e esperar o Bob chegar. Mas seu marido não veio. O relógio deu meia-noite e nada do Bob aparecer. E Melody perdera o sono completamente. Se agasalhou e foi para a varanda, tentar enxergar o local de impacto do objeto voador não identificado com a luneta astronômica. Não conseguiu ver nada.

À meia-noite e quinze, Helen ouviu uns ruídos estranhos no bosque de saguaros embaixo da colina. Depois Melody cismou que vira uma coisa estranha, como uma fosforescência azul, ondulando por entre as árvores Joshua. Os telefones continuavam mudos e nada do Bob aparecer. A bela loira começou a ter um pressentimento ruim e tomou uma decisão.

– Sabe o que podemos fazer querida? Vamos pegar o carro e encontrar com o seu pai na estrada. E no caminho damos uma olhada no local de impacto daquela coisa.

– Puxa, que legal. Se for uma nave tripulada podemos até dar carona para os astronautas.

– Isso querida. Venha. É melhor fazer alguma coisa do que ficar aqui esperando a noite inteira. De repente o carro do seu pai enguiçou e ele está tentando andar a pé até aqui.

– Chocante!

2 Enigma de outro mundo.

Helen levou Melody para dentro do LandRover, estacionado no pátio atrás da casa, prendeu o cinto de segurança de três pontas em torno da filha e acionou a ignição. Era uma noite escura, sem lua, mas o carro tinha faróis potentes e ela não teve dificuldade de descer a alameda asfaltada e pegar a estrada embaixo da colina. Seguiu na direção da cidade mais próxima, mas nunca chegou lá. Além das colinas ela descobriu porque o telefone fixo estava mudo e porque o Bob não tinha chegado.

A coisa do espaço sideral, o objeto voador não identificado, tinha feito um pouso de emergência bem perto da rodovia. Abrira uma vala de três metros de profundidade no solo pedregoso, esmigalhando cactos e árvores Joshua, depois pulverizara os postes telefônicos e por fim desintegrara um trecho da estrada até parar, finalmente, no acostamento, à beira do asfalto derretido.

Não havia meio do carro saltar o fosso de três metros de profundidade, aberto na rodovia, e Helen parou a uns vinte metros de distância daquela coisa. Melody olhou boquiaberta e afinal conseguiu reencontrar as palavras.

– Mãe? Isso é um satélite?

– Não querida. É grande demais.

O visitante das estrelas era uma bola metálica facetada com uns quinze metros de diâmetro. Parecia feita de placas hexagonais, como uma colmeia ou uma bola de futebol. E brilhava envolto numa fosforescência dourada que devia ser algum campo de energia de algum tipo.

– Acho que não vai dar pra passar. – Disse Melody.

– É, só se a gente saísse da estrada e tentasse contornar pelo deserto. – Disse Helen preocupada.

– Vamos fazer isso?

– Acho que não. É muito arriscado. O carro pode ficar preso na areia e aí teríamos que voltar para casa andando. E são cinco quilômetros daqui até lá.

– Vamos voltar? Cadê o papai?

– Fique aqui querida. Não saia do carro. Eu vou dar uma olhada.

Helen pegou uma lanterna potente e caminhou pelo asfalto frio, tentando ver melhor aquela coisa. Um dos painéis hexagonais formando a esfera se abriu, como uma escotilha. Tinha mais de dois metros de largura. Dentro da coisa era totalmente escuro. Helen caminhou com cuidado e chegou a uns oito metros da nave. Olhou para dentro da abertura e pensou ter vislumbrado um brilho lá dentro. Como papel celofane cintilando ao sol.

Não tinha certeza, mas dali dava para ouvir um som. Como um grande coração batendo dentro daquela bola. Um “tum, tum, tum” quase inaudível, no limite da percepção.

Helen baixou a lanterna e então viu outra coisa estranha. Um rastro luminoso, como pó de vidro espalhado pelo asfalto. Formava uma faixa reta, como as esteiras que os caramujos e lesmas deixam no jardim de manhã. Só que a lesma que produzira aquele rastro devia ter uns três metros de comprimento.

Chegou mais perto e se abaixou examinando o rastro cintilante. Não, não era uma gosma como o rastro de uma lesma. Era algo como purpurina ou ouro em pó. Que cintilava como estrelas no foco de lanterna. Ela se levantou, direcionando o foco da lanterna e percebeu que o rastro saíra da escotilha aberta, do lado da bola e se dirigira para o deserto.

Olhou para trás, para se certificar de que Melody continuava dentro do carro e então ouviu aquele som. Um uivo, um lamento indescritível. Como se milhões de almas penadas ululassem todas ao mesmo tempo, tentando escapar das portas do inferno. Helen ficou gelada, um arrepio percorreu-lhe o corpo. Melody dentro do carro começou a gritar assustada.

Correu ao encontro da filha, entrou no carro e fechou a porta.

– Mãe, o que foi aquele barulho?
– Acho que um coiote, filha. É isso, deve ter sido um coiote.
– Coiote? Nos filmes os coiotes não uivam assim. Nem os lobos.
– Vamos embora daqui. Vamos para casa. É melhor esperar o dia amanhecer dentro da casa do que ficar aqui nesse deserto.

Girou a chave na ignição mas o carro não quis pegar. E essa agora, só faltava essa! A coisa lá no meio dos cactos não era coiote, disso ela tinha certeza. Nada neste mundo produziria um som como aquele, capaz de gelar o sangue dentro das veias.

Tentou de novo, e de novo e o carro continuou se recusando a pegar.

– Mãe, eu estou com medo.

– Fique calma. Foi só um coiote, eu estou aqui com você.

– Mãe, acho que eu vi uma coisa. Aquele brilho azul no meio das árvores.

– Pega, por favor pega!

E como num milagre o motor do carro finalmente arrancou. Helen deu marcha ré e manobrou o carro, partindo a toda velocidade em direção a casa. Dirigiram em silêncio e logo tinham as colinas de novo ocultando o mistério que ficara lá trás. A casa continuava com as luzes acesas, Helen estacionou o *Land Rover* no pátio e entrou pela porta da frente. Não entrou pelos fundos.

Porque se tivesse entrado pela porta dos fundos teria visto o rastro de purpurina no chão.

3 O monstro intergalático

Melody entrou na sala e arregalou os olhos admirada. Seu pai estava sentado no sofá, olhando muito sério para ela.

– Pai! Você veio!

Ela correu e abraçou o Bob que continuou sério e olhou para sua esposa.

– Olá... Helen.

– Querido, como chegou aqui? Viu aquela coisa lá na estrada?

– Coisa?

– Aquela... nave, ou veículo espacial. Rasgou uma vala no meio da estrada. Como conseguiu chegar aqui?

– É... foi difícil... eu tive que contornar.

– Cadê seu carro?

– O carro? Parou... atolou na areia. Eu tive que saltar e caminhar até aqui. Entrei na casa pelo outro lado.

– Bob, é tão bom você estar aqui. Aquela coisa lá fora. Tem alguma coisa lá. Nós ouvimos um ruído horrível. E tinha um rastro luminoso na estrada.

– Não se preocupe... querida. Está tudo bem agora.

– Não Bob, não está bem. Os telefones estão mudos. O seu celular está funcionando?

– Não, não funciona. Ele disse, deixando Melody no sofá e se aproximando

de sua bela esposa.

– Tem alguma coisa sinistra acontecendo aqui, Bob. Os telefones mudos. Aquela nave lá na estrada. Tinha alguma coisa naquela nave... eu tenho certeza.

– Não se preocupe querida. O governo vai mandar uma equipe para cá. Bradbury de Moffet Field e o Arnold do JPL. Eles vão isolar a área e examinar aquela coisa.

– Será que viram aquilo chegar?

– A costa oeste inteira viu aquela coisa. Não se preocupe... Helen...vai ter soldados e... heli... aviões aqui em poucas horas. Vamos dormir. Já é tarde.

– É, eu tô com sono disse Melody. Vou pro meu quarto. Amanhã vai ser um dia agitado.

– Isso, querida. Concordou a mãe. Vá dormir. Eu já vou lá ajudar você a se cobrir.

Era estranho Melody ficar com sono assim de repente. Logo depois de abraçar o pai. Provavelmente todas as emoções daquela noite incrível tinham acabado por deixá-la esgotada.

Helen arrumou a filha na cama e voltou para a sala. Para junto do marido.

– Tá tudo bem com você, querido?

– Claro... Helen.

Ela se aproximou dele. Bob estava meio esquisito, meio fora do ar, mas era seu marido. Ele colocou as mãos nos ombros dela e olhou para seu rosto de fada, a um metro de distância. Depois disse algo totalmente inesperado.

– Helen, você é... loira, de olhos azuis.

Ela ficou atônita. – Agora que reparou, querido? Depois de sete anos de casamento?

– Lindos... olhos azuis.

– É, e também tenho pernas longas, que você adora.

– Pernas longas, que eu adoro. Ele repetiu.

– Você andou bebendo?

– Não, acho que é a emoção de andar por esse deserto a noite, atravessar milhas para estar aqui com você. Com minha Helen... loira, de olhos azuis e pernas longas. Minha Helen... querida.

– Acho que você precisa de um banho frio para ativar de novo os neurônios. Eu vou trancar a casa e esperar o dia clarear. Ou a cavalaria chegar.

– Cavalaria?

– É, a Sétima, com os Fuzileiros, a Nasa e o exército. Eu estarei te esperando no quarto. Puxa, essa noite vai ficar na história.

Bob ficou uns dez minutos no banheiro e depois foi para o quarto. Helen estava parada perto da janela, parecendo preocupada com alguma coisa. Ela veio ao encontro dele, mas parou a uns dois metros de distância.

– Tá se sentindo melhor agora? Já reativou todos os neurônios?

- Já. Puxa, como você está...
- Bonita?
- É. Você é alta e esguia como um...como um...
- Salgueiro? Willowy, é o que eles dizem do meu tipo físico. Tenho um metro e setenta e cinco, e para seu governo, meu marido, meu peso é de exatamente...
- Helen, alta esguia, olhos azuis, cabelos loiros.
- Você não é o Bob. Acho que pode parar com a farsa. O que é você? O que fez com meu marido?
- Ele está conosco. Na nave. Precisamos da ajuda dele, para ir embora daqui. Nós não queremos ficar aqui. A gravidade desse mundo nos esmaga.
- Por favor, não faça nada com minha filha. Pode me levar se quiser. Mas deixe minha filha em paz.
- Não fique nervosa... Helen. Não quero que fique violenta. Os humanos são uma espécie muito violenta. Nós evitamos vocês. Não queríamos descer aqui. Estivemos aqui uma vez e três dos nossos morreram. Sua gente os matou. Havia outra Helen, mas não era loira, nem tinha olhos azuis. Por isso nos confundimos.
- Eu quero ver meu marido. Meu verdadeiro marido, não esta... simulação.
- Eu posso te levar lá, mas é melhor que fique aqui. Sua filha pode acordar, e ficar assustada. Prometo que o Bob estará aqui com vocês de manhã. Mesmo que não possamos partir. Mesmo que tenhamos que destruir a nave. Traremos o Bob para você.
- É o que você diz. Que garantia eu tenho?
- É por isso que estou aqui, Helen. Eu ficarei com você como garantia de que meus colegas libertarão seu marido. Você pode me destruir se eles não libertarem seu marido.
- Destruir... você?
- Essa aparência é uma ilusão. Na verdade eu sou frágil como uma medusa. Você poderia me despedaçar com suas mãos. Não fomos criados para um mundo de alta gravidade como este. Somos criaturas do espaço. De um ambiente de gravidade zero. Precisamos tomar a forma humana para poder existir na Terra, ainda que por um breve espaço de tempo. É por isso que precisamos do Bob, para reparar nossa nave. Ele é engenheiro espacial no JPL.
- Bob faz robôs para exploração de Marte e Júpiter. Disse que já estiveram aqui.
- Foi há muitos giros do seu planeta em torno do primário. Acho que cinquenta de seus anos. Vocês não mudaram muito. Ainda usam veículos de combustível fóssil. Mas houve mudanças. Já aprenderam a usar a energia radiante de seu Sol. Talvez algum dia sua espécie escape da barbárie e nos encontre lá em cima. Não voltaremos aqui. É perigoso demais para nós.
- Porque vieram então?

– Às vezes usamos uma rota que passa pelo seu sistema. Mas não vamos fazer isso de novo. O risco não compensa. Já perdemos três dos nossos aqui neste mundo. Sua gente os matou.

– Eu sinto muito. Não somos todos violentos. É que ficamos assustados com coisas diferentes, coisas que não entendemos. Como criaturas que se esgueiram na noite e copiam nossa forma física.

– Se nos ajudar, se nos der uma chance. Iremos embora para sempre.

– O que você quer?

– Apenas que seja paciente. Que espere algumas horas. É só o que peço.

4 Reflexos no espelho.

Helen esperou, até as cores da aurora começarem a tingir o céu acima do horizonte. Passou a madrugada diante da porta do quarto onde sua filha dormia. Não ia deixar aquela “coisa” de outro mundo chegar perto de sua filha outra vez, nem que tivesse que morrer lutando.

O prazo estava terminando. Helen procurou pelo monstro e o encontrou na varanda, olhando fixamente para as montanhas a leste, aonde o Sol surgiria dentro de alguns minutos.

– A noite terminou.

– Estou vendo, ele respondeu, sem tirar os olhos do horizonte. – O raiar do dia no seu mundo é uma das coisas que fazem a viagem até aqui... valer os riscos.

– Nós chamamos de aurora.

– Já dá para ver a coroa surgindo... ali em cima das montanhas... fios de plasma dourado... dourado como seu cabelo... Helen.

Aquela conversa já estava começando a aborrecê-la.

– Desculpe, mas eu não estou vendo nada. É só uma alvorada, como outra qualquer.

– Eu já contemplei o nascer do Sol em dezenas de mundos, mas aqui... é especial. Desculpe, acho que seus olhos... azuis, não enxergam essa faixa do espectro. Devia ver os fios de plasma se erguendo do horizonte... dourados como seus cabelos...

– Eu quero meu marido. Você prometeu.

– Ele já vai chegar. E nós prosseguiremos em nossa busca. Procurando em outros mundos por aquilo que nos trouxe até aqui.

– O que vocês querem? Conhecimento? É isso que tentam obter invadindo outros planetas.

– Já temos todo o conhecimento necessário para nossas viagens. O que procuramos é... a harmonia, a beleza das formas simétricas. Como a sua forma Helen. Talvez por não sermos simétricos e harmônicos em nossa forma original, passamos a venerar a elegância que surge da poeira das estrelas aqui e ali. As formas cristalinas, a simetria dos seres vivos. Tentamos observar e copiar toda a

beleza que existe no Universo. Visitando mil mundos para registrar a simetria, a elegância de plantas e animais. As linhas perfeitas das formas cristalinas. A poesia que brota das nuvens de plasma. Acho que você não entenderia. Seu mundo é tão bonito, Helen. E quem vive cercado de beleza como você não pode dar valor a algo que sempre teve... Ohh, lá vem ele. Lá vem o Sol!

Uma estilha de luz dourada brotou por cima da montanha. E alguém bateu na porta.

Helen abriu e se viu diante de si mesma. De uma mulher que não só parecia sua irmã gêmea, como usava roupas iguais as dela.

Recuou assustada. A mulher entrou, acompanhada por um segundo Bob. Outra réplica de seu marido.

Não. Aquele era o original.

– Está tudo bem querida. Eles precisam copiar nossa forma para sobreviver aqui na Terra. Nossa gravidade os esmaga.

– Bob, é você mesmo?

– Sou, nossos amigos das estrelas vão partir. A nave deles está em condição de voo novamente. Puxa, eu queria poder ir com eles. Sabe que eles têm uma torção de tempo que os permite ir além da barreira da luz?

O Bob número dois, segurou a Helen-2 pela mão e os dois saíram pela porta. Helen os viu descendo as escadas em direção ao deserto.

– Você viu como eles são? Em sua forma real?

– Como medusas. São muito frágeis.

– Ele me falou. Querido, eu tive uma noite terrível.

– Eu sei. Queria poder vir aqui, mas eles não me deixaram sair daquela nave enquanto não consertassem o módulo propulsor.

– Vamos embora daqui. Pra mim chega de deserto, de aliens, de cópias de mim mesma.

– Acho que eles pensam a mesma coisa.

Lá fora, além das colinas uma esfera dourada subia para o céu azul. Leve como uma bola de sabão.

A encruzilhada **Ana Lúcia Merege**

*O essencial não é o que se faz do homem,
mas o que ele faz do que se fez dele*

Jean-Paul Sartre

O Sol batia impiedoso sobre a campina. Suando em seu manto negro, Mael, o Mestre das Águias, cavalgava entre dois soldados experientes, cujos ferimentos lhes tinham valido um posto de intendência na Escola de Guerra. Jovens ainda, e robustos, eles se ressentiam por não estar no campo de batalha, e por isso praguejavam sem parar e chicoteavam os cavalos. Inútil: os animais não podiam ir mais depressa. Não naquele calor. Não enquanto não tivessem asas – o que, pensou o mago com desânimo, seria provavelmente a próxima coisa que lhe ordenariam fazer.

O Mestre das Águias era um homem atarracado, de cabelos cinzentos, cuja barba dava sempre a impressão de ter sido feita há dois dias. Com cerca de cinquenta anos, era mais velho que os outros dois, embora houvesse passado menos tempo no exército. Isso era encarado com estranheza até que se conhecesse sua história: os cidadãos de Scyllix começavam o treinamento aos quatorze anos, mas Mael não nascera ali e sim num vilarejo no extremo Sul de Athelgard. Seu mestre, um mago sem grande poder, ganhava a vida de aldeia em aldeia, fazendo pequenos encantos que ajudavam no amor e nas colheitas, e Mael seguiu seus passos até decidir se juntar a um grupo de mercenários que rumava para o País do Norte. Guerras, perigos e aventuras de todos os tipos se sucederam nos anos seguintes, ao fim dos quais o jovem se tornara um homem maduro e um mago bastante bom. Então, aliando esse conhecimento à experiência em batalha, ele se tornou o Mestre das Águias de Scyllix, sede da Escola de Guerra, da qual dependia a defesa de toda a região. Era Mael que, em tempos de conflito, recebia as águias enviadas da distante floresta de Vrindavahn; era ele que as comandava em suas investidas sobre o inimigo, e que, por meio de suas artes, procurava prolongar ao máximo o encanto que as transformava de simples aves de rapina em pássaros guerreiros. Em tudo isso ele sempre tivera êxito. No entanto, após a última campanha, seus superiores haviam-lhe solicitado outra tarefa, que dessa vez dizia respeito aos cavalos da Escola de Guerra. A exemplo das águias, eles queriam que os animais se tornassem mais fortes, mais velozes, sobretudo mais belicosos, como convém a corcéis de batalha; quando Mael ponderou sobre a Fonte Azul, da qual as águias de Vrindavahn tiravam seu poder, disseram-lhe que tinham tomado conhecimento de algo semelhante em Scyllix, e que um mago tão bom como ele saberia usar os recursos que tinha à mão.

Era por isso que Mael estava indo ver a Fonte Âmbar.

– Quanto falta? – perguntou ele, voltando-se na sela. – Pensei que a fazenda ficasse mais perto.

– E fica. Fergus mora ali – disse o soldado que ia na retaguarda. Mael olhou na direção em que ele apontava e viu uma casa com cobertura de colmo, tendo ao lado um celeiro e um curral que abrigava duas vacas. Uma mulher de vestido remendado saía de trás da casa, trazendo um molho de verduras e uns nabos raquiticos. Seu rosto magro e ansioso se ergueu ao ouvir o tropel.

– Saudações! Viemos à procura de Fergus – disse, do alto da sela, o soldado que vinha à frente. – Mestre Mael, aqui, veio ver a Fonte Âmbar. Ele já acertou tudo com seu marido.

– É? Ah, bem... ele não me disse – murmurou a mulher. – Mas os senhores podem aprear, se quiserem. Eu mando minha filha até o campo para chamar o pai.

– Obrigado. Podemos dar água aos cavalos? – tornou o soldado. Com uma mão longa e fina, mas muito maltratada, a mulher indicou o cocho, e os homens se dirigiram ao poço enquanto ela entrava em casa. Momentos depois, uma moça saiu lá de dentro e passou pelos três sem lhes dirigir a palavra. Os cavalos já haviam matado a sede quando ela voltou, acompanhada pelo pai: um homem grande, de cabelos e barba emaranhados e olhos maldosos.

– Como está, Fergus? – perguntou Mael, com reserva, pois não gostava dele. – Não esqueceu o que combinamos, não é?

– Claro que não. E espero que a Escola também não tenha esquecido – grunhiu o sujeito. – Quero uma peça de bronze, por dia, por cada cavalo que ficar na fazenda.

– Não sabemos se vão ficar – replicou o mago. – Como eu disse, preciso ver a fonte e fazer algumas experiências. Se comprovar suas propriedades, então sim, a Escola de Guerra me autorizou a trazer os animais.

– Não há o que comprovar! A fonte é milagrosa, você vai ver com seus próprios olhos. Eu vou mandar o garoto levar vocês até lá. Ele já está vindo, foi só levar um carneiro que vendi para o vizinho.

– Está bem. Vamos esperar – disse um dos soldados. E, enquanto isso, você não teria aí uma caneca de cerveja? Todo esse Sol e a poeira secaram minha garganta.

Fergus contraiu o rosto – *além de tudo, é sovina*, pensou Mael –, mas mesmo assim fez sinal para que os três entrassem. O interior da casa era modesto, atravancado por bancos e arcas e ferramentas de trabalho; mas pelo menos era limpo e, graças aos céus, muito mais fresco que o lado de fora. Sobre a lareira, um escudo de bronze, do tipo usado pelos soldados do Oeste, era o indício de que Fergus tinha estado na guerra, e nela feito ao menos um prisioneiro. Nada mau para alguém cuja função era cuidar dos cavalos.

– Bom, sentem aí – disse ele, e foi nesse momento que entrou o filho, um garoto alto e taciturno de treze anos. Seus olhos se fixaram sobre os recém-chegados: um olhar perscrutador, que fez Mael lembrar o de suas águias. E ele

era orgulhoso como elas, podia-se ver... ainda que, ao invés de uma bela plumagem, vestisse roupas grosseiras, cobertas de poeira e de manchas que pareciam de sangue.

– Olá, rapaz – disse Mael, tentando ser amistoso. O garoto inclinou a cabeça, mas não respondeu. Na mão, ele trazia uma cestinha contendo alguns ovos, que entregou à irmã, quando esta se aproximou com a jarra de cerveja.

– Dê isto à mãe – disse, com uma estranha voz grave. – Da parte de Ceridwen.

– E o dinheiro? – inquiriu Fergus, com violência. Em resposta, o rapaz tirou do cinto algumas moedas e as empilhou sobre a mesa, diante do olhar agora mais satisfeito do pai.

– Está bem... O velho General pagou direito, desta vez – disse ele, e se levantou, indo guardar o dinheiro em uma arca. Só então se voltou para Mael.

– Bom, mago, esse aí é meu filho, ou pelo menos é o que diz minha mulher. Ele está pronto para levar vocês até a Fonte Âmbar.

– Oh, Fergus – interveio a esposa –, o guisado está quase pronto, e a fonte fica longe. Não seria melhor comer antes?

– Não se meta – disse o marido, ríspido. – Isso não é com você.

– A senhora tem razão – disse Mael. – Falta pouco para o meio-dia... eu devia ter vindo mais cedo, mas não pensei que a Fonte Âmbar ficasse tão distante.

– Fergus deve ter-lhe dito que era perto – disse o veterano que pedira cerveja. – Ele faz de tudo para não perder o negócio com a Escola de Guerra. Até mentir.

– Eu não menti! – protestou Fergus, com as faces vermelhas. – Para mim, a fonte fica mesmo bem perto. É um trecho que se faz num instante, com um bom cavalo!

– Está bem...! Não vamos brigar – disse Mael, erguendo as mãos. – Perto ou longe, eu quero ver essa fonte, que dizem ser tão miraculosa. E devo passar a tarde lá. Preciso me certificar das qualidades da água.

– Está vendo, Fergus? – tornou suavemente a mulher. – O Mestre das Águias e os companheiros vão demorar a voltar. Temos a obrigação de convidá-los para o almoço, por mais simples que seja. Além disso, Kieran vai ser o guia... ele também tem que...

– *Kieran!* Agora, sim! – exclamou Fergus, batendo com as mãos nos joelhos. Agora, entendendo o seu jogo. O fedelho não pode ficar sem comer! E a mãe quer fazer três homens atarefados esperarem por ele!

– Quanto a isso, não se preocupe – riu um dos veteranos. – Esperamos com prazer... se a comida da Dama Olwen for tão boa quanto a sua cerveja.

Ouvindo isso, o outro soldado soltou uma gargalhada. Fergus não teve mais como replicar. Apenas olhou com raiva para a mulher, que se encolheu como se

soubesse que pagaria por aquilo mais tarde. Pobre Olwen, pensou o mago, ao mesmo tempo que olhava com interesse para os dois filhos. Para sorte deles, ambos se pareciam com a mãe, altos e esguios, com bocas de lábios finos e olhos brilhantes; mas tinham o nariz aquilino do pai, e Seril, os seus cabelos castanhos. Os de Olwen tinham um tom prateado, enquanto os do rapaz eram pretos como azeviche. Ele os usava longos, na altura dos ombros, e eles escondiam seu rosto sempre que o baixava. Boa maneira de não demonstrar o que estava sentindo.

Pouco a pouco, o cheiro do guisado tomou conta da casa. Sem que ninguém lhe pedisse, o jovem Kieran montou uma mesa, uma tábua larga de carvalho sobre dois cavaletes, à qual, para desgosto de Fergus, Mael e os soldados tomaram lugar. Olwen tirou alguns pratos de uma arca e serviu o guisado, destinando as porções maiores ao marido e aos visitantes. Outras duas, menores, ficaram esperando pelos filhos, que tinham saído da sala. Os soldados começaram logo a comer, assim como Fergus, mas Mael esperou, levado por uma intuição que não saberia como explicar. Tudo que sabia é que tinha a ver com o rapaz – que, por sinal, acabava de voltar, com as mãos e o rosto lavados e uma túnica limpa. Sem uma palavra, ele se aproximou de Olwen, que lhe estendia o prato de guisado; mas em vez de pegá-lo o garoto recuou, soltando uma exclamação indignada ao ver a panela.

– Está vazia! – disse, em tom de acusação. – O que é isso, mãe? Será possível que você não vai comer nada, *mais uma vez?*

– Sim! Vou, sim! Calma, meu filho! – Mael percebeu o alarme na voz da mulher. – Sua irmã foi buscar queijo e pão... há muito molho na panela, é só passar um...

– Vocês! Calem a boca, os dois! – ordenou Fergus. – Temos pessoas importantes aqui. Não me envergonhem!

– Vergonha é ver minha mãe se privar de tudo por sua causa! – rebateu o garoto, sem hesitar. Fergus cerrou os punhos e o encarou, cheio de um ódio que não se pensaria poder vir de um pai; os olhos de Kieran se estreitaram e sustentaram a mirada.

– Coma você o guisado, mãe – disse ele a Olwen, que se afligia em silêncio junto à lareira. – Eu fico com o pão e o queijo.

– Não vai fazer nada disso! – rosnou Fergus, pondo-se de pé. – Você vai engolir esse maldito guisado e levar o mago até a fonte. E vai fazer isso agora!

Com essas palavras, ele avançou para o filho, quase derrubando um dos soldados, que praguejou e agarrou sua cerveja. Mael assistia a tudo sem se mexer. Momentos atrás, ele tivera uma visão de si mesmo – intervindo, acalmando os ânimos, talvez se oferecendo para dividir sua comida –, mas de novo a intuição dissera o contrário, e ele esperou para ver até onde aquilo iria chegar.

E, com a rapidez de um raio, tudo aconteceu. Tomado de fúria, Fergus se

precipitou sobre o rapaz e o agarrou pela túnica, empurrando-o contra a parede. Olwen segurou o braço do marido, e este a repeliu com violência, fazendo-a cambalear. Ela soltou um grito, e ele erguia a mão para esbofeteá-la quando o escudo de bronze, que adornava a parede sobre a lareira, tombou atingindo-o no ombro. Fergus uivou como um animal ferido e os soldados o cercaram, examinando, um o braço do fazendeiro, o outro o lugar agora vazio onde estivera o escudo.

– Não quebrou, mas aposto que vai ficar roxo – disse o primeiro. – E você tem sorte, Fergus. Se fosse na cabeça, teria aberto um rombo.

– Estranho, esse escudo ter caído assim – comentou o outro. – Os ganchos ainda estão bem presos à parede, e não se pode dizer que alguém esbarrou ali. Parece até bruxaria.

– É! Parece um dos encantos do Mestre das Águias – riu o companheiro. – Você não teve nada com isso... não é, mago?

– Não. Eu, não – disse Mael, sem olhar para o soldado. O que fitava era, isso sim, a aura de energia em torno de Kieran: um halo azul, cor de chama, revelando uma poderosa força de pensamento, atravessado por violentos raios sanguíneos. Resquícios dessa mesma energia flutuavam no ar, formando uma ponte entre o rapaz e o objeto da sua vontade; e enquanto os soldados devolviam o escudo ao seu lugar, enquanto Fergus praguejava agarrando o braço, os olhos do mago se encontraram com os de Kieran, e entre os dois brilhou uma centelha de reconhecimento.

Uma hora depois, quatro cavaleiros se acercavam da chamada Fonte Âmbar, que nos últimos tempos vinha sendo apontada como mágica pelos camponeses. Era uma nascente subterrânea, cujas águas quentes e sulfurosas afloravam num leito de pedras. Vistas de longe, tinham um tom amarelado, ambarino, ao qual a fonte devia seu nome; de perto, porém, via-se que as águas eram límpidas, erguendo-se, aqui e ali, em bolhas que rebentavam transparentes na superfície.

Kieran desmontou a alguns passos do lago. Sem hesitar frente ao odor pungente do enxofre, caminhou sobre as pedras úmidas, e após um momento Mael decidiu segui-lo. Quanto aos soldados, não lhes passou pela cabeça ir mais adiante: eles eram a escolta, não os acólitos do Mestre das Águias. E, além disso, nenhum dos dois estava disposto a tomar um banho fora de hora.

– Então? O que lhe parece? – perguntou o rapaz, sem se voltar. Mael se equilibrou sobre as pedras e fitou o lago, concentrando-se na tentativa de perceber sua essência. Mas seus pensamentos estavam dispersos demais para isso.

– Não é fácil saber – disse ele. – Nem sempre é simples sentir a energia mágica. E, quando a sentimos, nem sempre temos como saber se ela serve aos nossos propósitos.

– E quais são os seus? – quis saber o garoto. – Fazer cavalos guerreiros, como eles fazem águias guerreiras em Vrindavahn?

– Dito de maneira simples... é isso – confirmou o mago. – Mas a fonte de Vrindavahn possui, justamente, esse poder. Ela torna as águias mais fáceis de adestrar para o combate. Já da Fonte Âmbar, tenho ouvido dizer que é milagrosa, mas que tipo de energia tem? E como ela pode agir sobre os cavalos? É isso que preciso saber antes de levar a ideia adiante.

– Bom. – Kieran parecia refletir. – Como vai ser com os cavalos, não sei dizer. Mas sei o que essa água faz. Aliás – acrescentou, olhando para o mago –, é possível que eu tenha sido o primeiro a descobrir os poderes da fonte. A notícia deve ter se espalhado por aí.

– O quê...? Mas... Como? – Mael arregalou os olhos, imaginando que ouviria a descrição de algum encanto poderoso. – Você conseguiu perceber a essência da fonte? Onde foi que aprendeu a fazer isso?

– Foi por acaso – replicou o garoto –, há umas duas ou três Luas. E *como...* Bom, hoje estou em condições de lhe mostrar.

Dizendo isso, ele voltou as costas para o Mestre das Águias e tirou a túnica; e Mael soltou uma exclamação de espanto e piedade ao ver seu dorso jovem, a pele lacerada por golpes de chicote, que sangravam sobre as marcas de surras mais antigas.

– Seu pai – afirmou ele, mais do que perguntou, e Kieran fez que sim.

– Isso foi ontem à noite – disse. – Nem sei o motivo, mas ele me pegou de surpresa e me atirou de cara no chão, e tudo que pude fazer foi proteger a cabeça dos golpes. O desgraçado é mais forte que eu... *ainda*.

– Entendo. – Mael sentiu um calafrio ao ouvir o tom da última palavra. – Mas o que isso tem a ver com a fonte?

– Já vou chegar lá – respondeu o rapaz. – Eu disse que isso foi ontem, não disse? Pois bem, há duas Luas, ou um pouco mais, aconteceu a mesma coisa, e eu peguei um cavalo e saí galopando sem destino, até que vim parar na Fonte Âmbar. Minhas costas sangravam muito, e, sem saber bem o porquê, resolvi dar um mergulho na água quente. Então... bom, veja o senhor mesmo.

E, livrando-se das roupas que restavam, Kieran deslizou para dentro do lago, mergulhando todo o corpo, até que só a cabeça estivesse de fora. Pelo espaço de cem respirações ele ficou ali, o cabelo úmido de vapor, o rosto brilhando com o reflexo do Sol sobre as águas. Estava em silêncio e bem quieto, mas não se concentrando, notou Mael. Não como um mago faria. O que quer que acontecesse, seria obra da fonte e não da sua vontade.

Kieran apoiou as mãos sobre as pedras e ergueu o corpo, sentando-se à beira do lago. As feridas em suas costas não tinham se fechado, mas tinham melhorado muito, como se houvessem se passado dias desde a surra. Tudo indicava que a Fonte Âmbar era mesmo mágica, com propriedades que

apressavam a cura... mas, se fosse só isso, de nada adiantaria ao seu propósito, pensou o Mestre das Águias. Era preciso saber se os poderes iam além.

E o alvo da indagação não era apenas a fonte.

– Kieran – começou ele, escolhendo as palavras com cuidado. – Pense bem antes de responder. O que mais você descobriu? Além do fato de que a água ajudou com seus ferimentos?

– Bom... ela foi usada por outras pessoas – disse o garoto. – Contei a meus camaradas, e um deles tratou de cortes nas mãos com a água; e Doron, o filho do General Gwil, que é nosso vizinho, disse que ela também ajudou a criada deles, a velha Ceridwen, que estava com uma ferida na perna. Acho que é prova suficiente, não?

– Sim, a respeito da cura – replicou o mago. – Eu perguntei se você descobriu algum outro poder.

– Ah. Não, Mestre Mael. – O rapaz ainda não entendera o alcance daquilo. – Fora o poder da cura, não descobri mais nada. O senhor acha que pode haver outros poderes na fonte?

– Na fonte eu não sei – respondeu Mael, olhando-o com franqueza. – Mas em *você*, sim, há poder, Kieran ap Fergus. E não adianta tentar negar – acrescentou, vendo que o jovem contraía o rosto. – Eu vi o brilho da sua aura e a sua força de pensamento. E eu vi o que essa força é capaz de fazer.

– Eu não fiz nada – disse Kieran, mas logo engoliu em seco e se corrigiu. – Bom, não queria fazer *aquilo*. Em geral, não tenho muito controle.

– Eu sei – disse Mael, com simpatia. – Isso é comum, no princípio. E desde quando você faz coisas como aquela?

– Não muito tempo. Começou há três anos, talvez – disse o garoto. – Mas acho que ficou mais forte de um ano para cá.

– Sei. E depois que você se banhou na fonte? O que aconteceu?

– Bom... Depois disso, eu inventei uma espécie de jogo – disse Kieran. – É como um desafio para mim mesmo. Eu tento fazer as coisas se moverem... ou, dentro da minha cabeça, mando que Doron me ofereça uma cerveja, ou que Fergus pare de atormentar minha mãe. Tem dado mais certo nos últimos tempos, mas não sei se é por estar praticando ou por causa da fonte. Será que ela influi nisso?

– Não sei. Já disse que não sei nada sobre a Fonte Âmbar. Mas vou investigar; e você vai me ajudar, Kieran – disse Mael, erguendo a mão para calar o protesto do rapaz. – Há algum tempo, venho pensando que gostaria de ter um aprendiz, e você é perfeito para isso. Juntos, nós vamos descobrir mais sobre essa fonte, e eu vou ensinar você a controlar seu poder e a desenvolvê-lo. Vou ensiná-lo a trabalhar com as águias guerreiras... porque você gosta delas, não é? Tenho certeza de que sim.

– Gosto – confirmou Kieran. – Mas eu... eu não posso ser seu aprendiz. Eu

tenho que trabalhar, dia e noite, aqui na fazenda.

– É verdade. Mas isso por pouco tempo – replicou o mago. – A julgar pelo seu tamanho, você vai fazer quatorze anos em breve, e vai ter que se apresentar à Escola de Guerra. Isso o deixaria longe da fazenda de qualquer jeito; e eu, como Mestre das Águias, posso requerer que o ponham a meu serviço. Viu? Nada mais fácil do que torná-lo meu aprendiz.

– Sim, mas... Desse jeito, eu não aprenderia a lutar – disse o rapaz, com o cenho franzido. – E quero ser um soldado.

– É claro que quer – sorriu o Mestre das Águias. – É o sonho de todo garoto aqui em Scyllix, e você não é diferente. Mas existem outras coisas em você que o fazem, sim, diferente dos outros. Você pode chegar muito longe se aprender a lidar com elas.

– O quanto é longe? – indagou Kieran, desconfiado. – O que quer dizer?

– Quero dizer que – bem, para começar, você pode aprender a lutar ao mesmo tempo que aprende Magia – disse Mael, usando a palavra pela primeira vez. Era quase como um teste, mas Kieran passou com distinção. Ele não era do tipo que se impressiona fácil.

– Eu posso ser um mago e também um soldado? – perguntou. – Posso chegar a ser um Mestre de Combate?

– Sim, claro que pode. E queira Deus que seja melhor do que Hillias – disse Mael, pensando no único outro mago a serviço do exército: um sujeito arrogante, de família nobre, que se comprazia em punir subordinados e em torturar prisioneiros de guerra. Felizmente, ele se achava importante demais para se ocupar com aprendizes, o que o manteria longe de Kieran. O garoto já tinha razões demais para odiar e querer vingança. Não precisava de um mestre que lhe ensinasse isso.

– Você terá as mesmas oportunidades que seus companheiros, e pode chegar a Comandante ou mesmo a General – tornou Mael, buscando entusiasmar o rapaz. – Se for um mago bom o bastante, pode me suceder, dentro de alguns anos, como Mestre das Águias. O pagamento é razoável, e você tem direito a uma parte do butim em todas as campanhas. E além disso vai ter prestígio. É claro, o início não vai ser fácil – acrescentou, observando-lhe a reação. – Seus amigos podem não entender, e talvez se afastem, achando que você está meio estranho. As pessoas que não gostam de você podem aproveitar para atacá-lo, como se estivesse fazendo algo de errado, e as garotas... hum, os magos não costumam ter muita sorte nessas coisas. Mas suponho que, hoje em dia, sua vida não seja tão boa assim, não é?

– Não mesmo. – Kieran quase sorriu. – E era isso o que eu mais queria saber. As coisas de agora – ah, não meus camaradas, ou as meninas, mas o resto. O que o senhor viu na minha casa. Se eu for seu aprendiz, posso acabar com aquilo de uma vez?

– Claro que pode. Quer dizer, sim, pode fazer as coisas melhorarem... aos poucos... porque uma situação como essa não se resolve tão rápido. No entanto, eu acredito que seu pai passe a olhar você com outros olhos, e assim você vai poder proteger a si mesmo e a sua mãe. Porque é isso que você quer, não é? Evitar que ele a maltrate?

– É. É isso que eu quero – disse o garoto, com expressão feroz. – E hoje, de certa forma, consegui, mas não da maneira que queria. O escudo não fez mais que atingi-lo no ombro. Eu...

– Espere. – Mael estremeceu ao ouvir as últimas palavras. – Disse que o escudo *apenas* atingiu Fergus no ombro? O que você queria fazer – matá-lo?

– É claro – replicou o rapaz. – Não é o que ele merece?

Mael o encarou com o cenho franzido e não respondeu. Sem se abalar – e sabendo, de alguma forma, o que devia ser feito – Kieran olhou dentro dos olhos do Mestre das Águias, por uma vez revelando-se como era, a fim de que ele o pudesse ver por inteiro, e o que havia para ver não era bom nem bonito. Sombrias, as cenas do passado se sucederam diante de Mael: a criança nos braços da mãe, chorando de medo, e o pai que ameaçava se livrar do filho nascido na sua ausência, com aqueles inexplicáveis cabelos negros. O menino de seis ou sete anos espancado até sangrar, trancado durante dias num porão úmido, e a irmã esbofetada por lhe levar comida. O adolescente, por fim, de pernas finas lanhadas por espinhos, trabalhando de Sol a Sol enquanto o pai trancava na arca as moedas e as sacas de trigo. Tudo isso o mago viu no passado de Kieran, e era o bastante para tornar uma alma negra; e, no entanto, no futuro... Sim, no futuro ele podia enxergar luz, embora nenhuma imagem que assegurasse glória ou felicidade para o rapaz. Sucesso ou ruína dependiam de suas escolhas; não do poder, que cresceria com ou sem a ajuda de Mael, mas da forma como Kieran decidisse usá-lo. E mestre algum poderia fazer mais por ele do que lhe mostrar os caminhos.

Mesmo assim, valia a pena tentar.

– Olhe, Kieran, não vou lhe dar conselhos. Ao menos não por enquanto – disse Mael, na tentativa de ser honesto. – Também não vou ter pena de você pelo que já passou. Você tem uma vontade poderosa e senso de justiça; tem boa saúde apesar de tudo, é inteligente, e agora tem um mestre disposto a ensiná-lo. Não é todo mundo que tem tantas coisas a seu favor, por isso vou perguntar uma única vez. Você vai ficar aí, pelado, com o cabelo na cara, esperando que seu pai lhe dê outra surra? Ou vai enfiar as roupas e me ajudar a descobrir o que mais há nessa fonte?

Sua voz soou mais dura do que teria desejado: o tom empregado numa ordem, não num convite. *Maldito exército*, pensou Mael, mas logo se lembrou de que o garoto estava acostumado a coisa bem pior. E não era dos que se deixam intimidar. Após um breve instante de silêncio – não havia muito sobre o que

refletir – ele se levantou, caminhando pelas pedras escorregadias até aquela, mais seca, onde estavam suas roupas. Vestiu-se da cintura para baixo e se voltou para Mael – e ao fazê-lo, pela primeira vez o mago notou um leve sorriso no canto de sua boca.

– Por onde começamos? – perguntou.

Mesmo sem Magia, Olwen e sua filha tinham conseguido preparar um bom jantar, que ofereceram ao mago e aos soldados assim que os viram de volta. Mael aproveitou a ocasião para contar sobre os poderes que percebera na Fonte Âmbar, e, apesar de não ter entendido nem a metade do que ouviu, Fergus adorou saber que a água servia aos propósitos da Escola de Guerra. Principalmente quando entraram num acordo sobre o dinheiro.

– Então está combinado. Os cavalos vão começar a chegar amanhã – disse o Mestre das Águias. – Mas lembre-se de que em breve iremos precisar de toda a propriedade. A casa fica, é claro, vai haver um pedaço de terra para uma horta, mas é só. Bois, porcos, lavoura... Você terá que se livrar de tudo isso para dar lugar à pastagem.

– Pode deixar. Resolvo isso em um quarto de Lua – prometeu Fergus. – Os animais, já tenho quem compre, e bastam uns poucos dias para acabar de ceifar o feno.

– Talvez não, já que você vai estar sozinho – disse Mael, em tom descuidado. – Eu esqueci de lhe dizer, mas, de hoje em diante, seu filho não trabalha mais na fazenda. Ele vai ser meu aprendiz.

– Seu o *quê*? – Fergus arregalou os olhos, esquecendo-se de engolir o que tinha na boca. – Foi isso mesmo que ouvi? Aprendiz? Não quer dizer ajudante?

– Bom, ele vai me ajudar, sem dúvida, com a Fonte Âmbar – respondeu o mago. – Mas também vai aprender de outras maneiras. Com livros e com prática.

– Livros? Não vá dizer que... Não. – Uma nuvem de desconfiança lhe toldou os olhos enquanto fitava o rapaz. – Você deve estar brincando, mago. Como é que esse garoto pode ser seu aprendiz?

– Talvez possa, Fergus – murmurou Olwen. – Talvez ele tenha o Dom da Magia. Quem sabe?

Seus olhos brilhavam, cheios de orgulho e de amor pelo filho. Mael pôde ver que o rapaz fora tocado de alguma forma. Ele estendeu a mão, buscando a dela, e ia dizer alguma coisa quando Fergus soltou uma risada grosseira.

– É piada. Só pode ser – afirmou. – Dom da Magia...! Quem acredita que o fedelho tem isso?

– O Mestre das Águias acha que sim – disse um dos soldados. – Eu confiaria nele, se fosse você.

– Ah, eu confio! – exclamou Fergus, batendo com as mãos na mesa. – Confio que ele vai me mandar o garoto de volta, ainda a tempo de ceifar o feno.

Dom da Magia... rá, rá, rá!

– Quer ver como eu tenho mesmo? – De repente, a voz de Kieran, grave como sempre, mas estranhamente límpida. – Quer ver o que sou capaz de fazer com esse dom?

– Qual? Você não tem nenhum – zombou Fergus. A não ser que ser que limpar o chiqueiro seja... Ui!

Calou-se, atordoado pelo impacto de uma colher de estanho que lhe batera na testa. Olwen se levantou, abafando um grito, e os veteranos soltaram exclamações que dobraram quando uma segunda colher atingiu o rosto de Fergus. Dessa vez foi em cheio na face, deixando uma marca vermelha à qual ele levou a mão já meio trêmula de susto.

– O que é isso? – perguntou, a voz entrecortada. – Mago... o que, com os diabos, você está fazendo?

– Não é ele. Sou eu – disse Kieran. Ato contínuo, uma caneca rodopiou no ar, molhando a túnica e a testa do fazendeiro. Este soltou uma praga e se levantou, tentando correr para a porta, mas caiu ao tropeçar num ancinho que deslizara pelo chão até seus pés. Kieran se levantou e cresceu sobre ele, as ondas azul-rubras de sua vontade começando a se concentrar em mais um objeto.

O escudo. De novo. E dessa vez com muito mais facilidade. *Isso é poder*, pensou Mael, para em seguida cair em si e pensar: aquele era um momento decisivo, e o caminho que o rapaz estava prestes a seguir não era bom. Talvez nem mesmo tivesse volta, fosse na senda da Magia ou na própria vida. As regras não permitiam que Mael escolhesse pelo aprendiz, mas pelo menos tinha o direito de alertá-lo, e ele respirou fundo, esperando que suas palavras surtisses efeito.

– Chega, Kieran – disse, com firmeza. – Você já teve o que queria. Agora pare.

– Por quê? *Ele* nunca parou – disse o rapaz. Doze anos de surras e humilhações escureciam seu olhar. Ele fitava o homem ajoelhado como se o julgasse, o perfil agudo lembrando mais que nunca uma águia guerreira, e Mael sentiu um nó na garganta ao se lembrar de como elas podiam ser implacáveis. Uma vez sua presa, era difícil escapar, mais raro ainda obter clemência. Para sorte de Fergus, porém, Kieran era uma águia jovem, com mais orgulho e raiva do que plumas – e assim, após alguns momentos de tensão, o ímpeto justiceiro cedeu, e ele recuou permitindo que Olwen pusesse os braços à sua volta. Já solto dos ganchos, o escudo caiu no chão com todo o seu peso, não longe da cabeça de Fergus, que se encolheu ainda mais e protegeu o rosto com as mãos.

– Então foi isso...! – murmurou um dos soldados, com ar perplexo. – Da outra vez também... Tinha sido o garoto!

– Você nasceu de novo, hem, Fergus? – disse seu companheiro. Era um homem rude, mas Mael teve de reconhecer que tinha razão, embora essas palavras se aplicassem menos ao pai do que ao filho. Ele lançou um olhar de

esguelha para o rapaz, aliviado do seu peso e subitamente mais velho, e se perguntou se um dia ele chegaria a compreender o que de fato estivera em jogo.

Pois nem sua mãe, que o amava, nem a irmã em seu silêncio, nem ele próprio, tão jovem como era agora – ninguém, a não ser o Mestre das Águias, sabia o quão perto seu aprendiz estivera do caminho escuro, e o quanto tinham uivado de raiva e frustração os demônios da trilha, sem que, no entanto, pudessem lhe deitar as mãos.

Kieran tinha vencido a encruzilhada.

Por toda a eternidade **Carlos Orsi**

Otelo apontou a arma para mim e sorriu. O sorriso era uma novidade: até então, ele parecia aturdido. Magoadado. Tudo, menos feliz. O sorriso era um sinal de que pensava que havia entendido. Pobre palhaço.

Estávamos na bolha de observação da *Ícaro* (típico de Otelo, dar o nome de um herói trágico a uma astronave experimental), e Otelo tinha o traje propulsor e a arma. A faca e o queijo.

Pobre palhaço.

– É o fim, Silas – disse-me ele, saltando para fora da plataforma, a inteligência artificial do traje ativando seus jatos. Flutuando, não sem alguma elegância, para o alto e para longe. – Sabe, isso vai parecer um acidente.

Fiz minha melhor cara de horrorizado, enquanto pensava: claro que vai parecer um acidente. Só não vai ser o acidente que você espera.

– Por Maria – disse ele, enquanto ganhava velocidade, os motores projetando-o de encontro à película de força que separava a bolha de observação do vácuo.

Tive de fazer força para não rir.

“Por Maria”. Ele achava que eu queria matá-lo, o que era verdade, e que já havia matado Maria, o que não era. Achava que eu queria me apossar da *Ícaro* e vender a nave aos taurianos, o que também era um palpite razoável.

Maria poderia, em tese, ter se divorciado dele e casado comigo. Nossas cotas, somadas, bastariam para que vendêssemos a nave, e Otelo que se danasse.

O problema estava nos compradores.

Num arroubo romântico, Maria e Otelo tinham se casado usando a cláusula de indissolubilidade, “até que a morte nos separe”. Claro, quase todo mundo entende que isso é apenas uma fórmula retórica. Mas os taurianos têm essa coisa com contratos.

Nunca, mas nunca mesmo, fazem negócio com quem rompe um contrato. E se o papel diz “até que a morte nos separe”, então...

Bom, então, Otelo tinha de ir.

Sei exatamente o que ele esperava que acontecesse: quando o traje propulsor tocasse a bolha, o campo de força, feito para ser rígido por fora e maleável por dentro, ia se romper. Otelo acreditava que estaria seguro dentro do traje propulsor, que não teria dificuldades em usar os jatos para alcançar uma das escotilhas externas da *Ícaro*.

Já eu, pobre coitado, estaria exposto ao vácuo repentino, ao vazio que nos separava do buraco negro lá embaixo.

Taurianos são fanáticos por buracos negros: para eles é um fetiche, uma compulsão. A elite intelectual da espécie não consegue resistir a um debate sobre o assunto.

Não é de se estranhar, portanto, que fizessem ofertas obscenamente altas

pela *Ícaro*.

Todas as tentativas anteriores de chegar tão perto quanto tínhamos chegado de um abismo espacial haviam terminado em destroços. Criando a *Ícaro*, capaz de se aproximar e continuar intacta, Otelo ganhara uma reputação de gênio. Perfeitamente compreensível, portanto, que ele se recusasse a vender: a nave era seu troféu.

Como também era perfeitamente compreensível que Maria detestasse a ideia de trocar montanha de dinheiro pelo ego inflado do marido.

Eu também tinha investido um bocado no projeto, mas dinheiro não era meu interesse principal. Agora, juntando dinheiro e Maria, a coisa mudava de figura.

O topo do capacete de Otelo tocou a película. Ele deve ter sentido alguma coisa, porque foi nesse momento que pôs a arma no coldre – não precisava mais usá-la para me “forçar” a ficar parado ali na plataforma, aguardando a morte certa. Eu não teria tempo de fugir. Talvez quisesse me ver correndo, em pânico.

Acho que foi o ato de Otelo guardar a arma que fez Maria se mostrar. Tínhamos simulado sua morte dois dias antes – um “acidente” estudado para parecer um pouco conveniente demais, para fazer Otelo começar a suspeitar de minhas reais intenções.

Ela passara as 48 horas seguintes escondida em meio aos motores, entre as camadas do núcleo de computação. Tinha usado esse tempo para reconfigurar o campo da bolha: nem tanta rigidez por fora, nem tanta moleza por dentro.

Maria parou ao meu lado, passou a mão pela minha cintura, ergueu a cabeça para olhar bem nos olhos de Otelo, projetar o brilho das íris castanhas através da placa facial foto-inteligente do capacete, e riu. Um riso maravilhoso, como o tilintar de taças de cristal.

E então a luz explodiu à nossa volta. Uma luz branca, intensa, a faísca gerada pela descarga do campo de força – o campo reconfigurado, que não iria se desligar automaticamente ao ser tocado por dentro, mas que já se fechava mesmo enquanto Otelo o ultrapassava, sem permitir que o vácuo violasse a bolha.

Fechava-se. Fritando, no processo, todos os sistemas do traje propulsor, transformando Otelo num bólido à mercê do buraco negro e que, em breve, cruzaria o horizonte de eventos: a linha da onde nada pode escapar jamais. O crime perfeito.

Os taurianos compraram a *Ícaro*. Duas semanas depois, Maria e eu fomos presos.

Parece que existe essa hipótese, de que nada realmente cruza o horizonte de eventos de um buraco negro. Por causa da aceleração violenta. Teoria da Relatividade: quanto mais rápido você vai, mais devagar o tempo passa. O último segundo antes do contato com o horizonte deveria durar mais que toda a idade de Universo.

Os taurianos queriam a *Ícaro* para testar a ideia. E conseguiram: conseguiram criar hologramas de tudo que o monstro já havia engolido – tudo que tinha ficado congelado ao redor do horizonte. Incluindo Otelo, seu traje, sua placa facial foto-inteligente.

Você sabe, o tipo que se adapta às variações de iluminação, com robôs microscópicos em suspensão que se posicionam para compensar o excesso, ou falta, de luz. Sempre se mexendo, correndo entre camadas, sem parar jamais.

A menos, claro, que a inteligência artificial do traje de que fazem parte tenha fritado. Isso poderia imobilizá-los.

Como no caso da placa facial de Otelo, por exemplo. Onde o brilho intenso da descarga do campo de força havia gravado, ao que tudo indica para todo o sempre, a imagem em negativo do riso de escárnio de Maria.

Twist in my sobriety **Flávio Medeiros Jr.**

O sussurro da chuva contínua e fina era o som que predominava na noite. Isso significava que a maior parte da cidade já estava dormindo. O agradável burburinho das corredeiras nas sarjetas, que remetiam à recordação de um riacho abrindo caminho entre pedras, proporcionava a Tony Rodrigues um daqueles raríssimos, preciosos momentos, em que ele conseguia crer que ainda existia algo de agradável em viver na cidade grande.

A noite de quinta-feira estava especialmente parada. Não havia sequer uma sirene ao longe, ou o motor de um carro passando em alta velocidade pelos temerários cruzamentos da madrugada, o que era uma coisa rara. Tony ajustou o capuz de plástico e reduziu a velocidade dos passos, desfrutando do ruído chapinhado que seus pés faziam sobre as poças rasas, acumuladas entre as rachaduras da calçada.

Foi justamente a quietude do resto da cidade que lhe permitiu ouvir a música abafada que vinha de algum lugar a meio quarteirão dali, na rua transversal. A batida da percussão ao fundo, como os tique-taques de um relógio, e o solo triste de um instrumento de sopro que ele desconfiava ser uma clarineta, trouxeram à tona sentimentos antigos e recordações quase inteiramente apagadas da infância. Fragmentos de um tempo mais feliz, anterior às preocupações da vida adulta; anterior ao Colapso; anterior aos *iphrym*. Tony estacou na esquina em meio a uma passada, e mudou de rumo como um autômato. Era um inseto inexoravelmente atraído por uma luz irresistível.

O *pub* se chamava *Acoustic Zombie*. Tony entrou em uma espécie de *lobby*, onde enxugou os pés em um capacho grosso de tecido poroso e deixou a capa de chuva em um guarda-volumes. Abriu a segunda porta e a música o atingiu com força, junto com a fria lufada do ar condicionado e os cheiros mesclados de cigarro, álcool e outros perfumes não identificáveis. Demorou um segundo para adaptar sua visão à penumbra. Dirigiu-se ao balcão do bar, onde um homem calvo de avental enxugava copos. Seus olhos estavam voltados para o palco fracamente iluminado no fundo do *pub*, o que atraiu o olhar de Tony na mesma direção. A surpresa fez com que perdesse o fôlego por um instante.

Sim, a música era mesmo *Twist in my Sobriety*, como ele se lembrava de muitos anos atrás. O arranjo instrumental era exatamente o mesmo da gravação dos anos 80 de que ele se recordava. Entretanto, a voz que cantava não era a de Tanita Tikaram. Bem que poderia ser. Tinha o mesmo timbre, e a mesma melancolia. Na verdade, era praticamente a mesma voz, a um só tempo áspera e suave, que lhe chamara a atenção no passado; um pouco rouca, uma “voz de travesseiro”, como costumava dizer seu pai. Tony não sabia se Tanita Tikaram ainda vivia. Nesse caso, deveria estar bastante idosa. A mulher que cantava sobre o palco, porém, com aquela voz maravilhosamente emprestada da antiga cantora, não podia ter mais que trinta anos. Sua forma esguia revelava curvas

generosas, sob o vestido longo e brilhante que lhe cobria o corpo. Os ombros largos e nus se continuavam com braços muito brancos e mãos delicadas, que seguravam o microfone junto à boca de lábios carnudos. O cabelo loiro e levemente ondulado era cortado rente à curva delicadamente arredondada da cabeça, que balançava levemente, enquanto de olhos fechados ela recitava o refrão, num divino sussurro que faria inveja à própria chuva que caía lá fora:

Look my eyes are just holograms

Look your love has drawn red from my hands

From my hands you know you'll never be

More than twist in my sobriety

Tony não conseguiu desgrudar os olhos da sereia que cantava como a chuva, nem mesmo quando o atendente colocou o caneco de cerveja no balcão ao seu lado. A música terminou, e ele se uniu, na salva de aplausos, ao pequeno grupo de dez ou quinze pessoas espalhadas nas mesas ao redor. A cantora agradeceu com uma discreta mesura, depois desceu do palco e sumiu na escuridão.

– Quem é a cantora?

– Chama-se Leila, disse o atendente calvo. Canta aqui sempre às quintas. Boa, não é?

– Como eu não via há muito tempo.

– O cliente estava te elogiando, moça.

– Ora, obrigada...

O coração de Tony acelerou. Emergindo da penumbra, Leila se apoiava no balcão bem ali, ao seu lado, e pediu ao atendente seu *drink* preferido. Quando se voltou para ele, com expressão curiosa, um lindo broche de pedra azul que trazia junto à gola do vestido reluziu, chamando a atenção de Tony para a generosa curva dos seios. Recompondo-se, ele pigarreou e sorriu.

– Bela voz. Fechando os olhos, parece a própria Tanita Tikaram cantando.

– Hum, você conhece – exclamou ela, surpresa – Olha que não é comum, ela está sumida do meio musical há bastante tempo.

– Na verdade meu pai era um fã dela. Lembro-me de uma gravação antiga, se não me engano ainda em DVD, que ele assistia sempre em casa. Você tem razão, ela emplacou uns dois ou três sucessos mundiais, não mais que isso. Meu preferido é exatamente esse, que você interpretou com uma perfeição quase... mediúnica.

Ela riu e agradeceu novamente. Durante alguns segundos o silêncio prevaleceu no balcão. Tony procurava desesperadamente algo para dizer e não deixar morrer a conversa, que se iniciara tão bem.

– Conhece Maya Angelou?

– Não. Também é cantora?

– Na verdade é poeta. Essa música, *Twist in my Sobriety*, começa com um verso que é exatamente o título de um livro dela.

Leila arregalou os olhos, novamente surpreendida. Tony viu que seus olhos

eram verdes, e aquele sorriso o fez tontear. Ela repetiu lentamente, com sua voz rouca e suave:

– “*All God’s children need travelling shoes*”. Sempre me perguntei de onde vinha isso.

– Bem, o livro é uma autobiografia. Angelou o escreveu após uma viagem à África, de onde voltou com um forte sentimento de estar deixando seu “lar simbólico”. Algo semelhante ao que eu sinto quando ouço essa música.

– Saudades da infância?

– Um pouco disso também. E talvez um pouco do que a humanidade esteja sentindo, quando se lembra do tempo anterior aos *iphrym*.

Tony deu um sorriso amargo. Mas percebeu, surpresa, que Leila se retraiu diante de sua brincadeira. Ela desviou o olhar, um pouco desconcertada, e bebericou seu *drink*. Ele se recriminou internamente; ora, se ele mesmo tinha suas mágoas e cicatrizes por causa dos malditos alienígenas deveria saber que muita gente também tinha. Só que nem todo mundo reagia às próprias frustrações com ironias descabidas. Decidiu mudar o rumo da conversa para praias mais acolhedoras.

– Como vê, eu sei algo de Tanita Tikaram, e apesar da impressionante semelhança das vozes, você não se parece com ela.

A artimanha deu resultado. Uma mulher sempre se interessa quando um homem a compara a outra mulher. Ela pousou nele os estonteantes olhos verdes e arqueou as sobrancelhas.

– Nunca vi uma fotografia dela. Não se parece comigo?

– Ah, não! Tanita Tikaram era uma moça muito bonita...

Tony contou mentalmente cinco segundos para obter o efeito desejado, observando a fisionomia espantada da moça com o canto dos olhos, depois completou:

– Mas você é muito, muito mais bonita que ela.

Levantou o caneco de cerveja em uma saudação à garota, e bebeu sorridente.

Riram juntos, assim que ela percebeu exatamente a brincadeira de que fora vítima.

Dali em diante as coisas correram com muito mais naturalidade e fluidez. Leila estava no final de seu horário de trabalho, e ao permanecer no *pub* como uma cliente comum, não resistiu quando Tony lhe roubou um beijo. Saíram abraçados do bar quando a chuva deu uma trégua, e o dia começava a clarear. Tony não estava de carro, mas se ofereceu para levá-la até em casa de táxi. Ela recusou, apesar de sua insistência, mas combinaram de se encontrar no final de semana em outro bar da cidade, mais aberto... e mais romântico.

Tony seguiu a pé para casa, e após uma longa e escura noite o sol parecia voltar a querer despontar em sua vida.

Deitado em sua cama, ele rememorava o excitante encontro da noite anterior. Mas o incômodo episódio de sua menção aos *iphrym* fez a mente de Tony mudar de rumo, e ele começou a divagar. Recordou diversos episódios que, em conjunto, faziam parte do inesperado turbilhão que, nos últimos anos, envolvera a história humana no planeta Terra.

O Colapso já vinha se anunciando anos antes, mas a humanidade parecia não querer ver, como se tentasse negar, num ato inconsciente de defesa emocional, os sinais de doença grave que lentamente se insinuam em um ser querido. Todos se preocupavam em algum nível, mas ninguém tomava atitudes efetivas. A depredação dos recursos naturais e o aquecimento global continuavam. As diferenças socioeconômicas entre povos e dentro de um mesmo país tornavam-se cada vez mais gritantes. A evolução tecnológica vertiginosa prometia tornar a vida do Homem mais cômoda, mas o que se via era a automação roubando empregos, remédios e produtos químicos gerando novas e insuspeitadas doenças, o conhecimento científico rebaixado a uma mera ferramenta a serviço da vaidade, da intolerância e da ambição. Quando tudo finalmente ruiu, até parecia algo orquestrado. O colapso definitivo da saúde pública e da credibilidade das instituições políticas gerou focos múltiplos de convulsão social que se espalharam como fogo no combustível subjacente das insatisfações e do desespero. O pânico gerou a repressão, a repressão gerou violência, a violência gerou mais violência descontrolada. Barreiras éticas e morais foram definitivamente colocadas abaixo, as últimas e carcomidas muralhas da fortaleza da civilização. A Natureza também aproveitou para cobrar seu preço: oceanos engoliram cidades costeiras, extensas áreas outrora produtivas sucumbiram às mudanças climáticas, gerando a fome e o êxodo inflacionado. Todas as lentas e penosas conquistas de séculos de evolução humana pareciam destinadas a ruir inevitavelmente.

Quando menos se esperava, surgiram os *iphrym*, como um arremedo de lenda bíblica, desceram literalmente dos céus, a bordo de suas gigantescas espaçonaves em forma de gota. Em princípio geraram algum pânico, principalmente porque não se pareciam nada fisicamente com anjos, e nossa humanidade destituída de consciência cósmica ainda se aferrava fortemente à aparência física associada ao seu conceito de Bem. E os *iphrym* eram uma espécie alienígena na mais literal concepção da palavra. Seu corpo era um cilindro de mais de três metros de altura, todo coberto de abundantes apêndices semelhantes a algas marinhas. Na parte ântero-superior, como a tromba erguida de um elefante ou o bico de um bule, erguia-se um apêndice mais grosso, encimado por um globo translúcido amarronzado, que abrigava os órgãos dos sentidos e dava àquela cabeça um bizarro aspecto de máscara de esgrima. De várias partes do volumoso tronco costumavam emergir finos tentáculos de vários tamanhos e aspectos, que funcionavam ao que parecia, como órgãos preenseis

ou sensitivos. Era difícil dizer se eram criaturas do reino animal ou vegetal, e quem tivera a oportunidade e a coragem de tocar neles afirmava que a consistência do corpo sob a espessa cobertura de “algas” era semelhante ao xaxim, apenas mais macio, quente e pulsátil. Os *iphrym* se comunicavam principalmente por via telepática, o que facilitava o entendimento para os seres humanos, pois as imagens mentais independem de idioma. Nas raras vezes em que usavam a voz, geralmente falando entre si mesmos, era semelhante a distantes ecos do som emitido por animais selvagens em meio a uma floresta onde sopra um vento muito forte.

O fato é que, em meio ao caos do Colapso, os *iphrym* inundaram o mundo com imagens mentais tranquilizadoras e ofertas de ajuda. Tinham a capacidade tecnológica para regenerar o solo calcinado, e com esporos geneticamente modificados podiam reverter em tempo recorde a devastação das grandes florestas, paralisando e até mesmo recuperando os estragos da degradação climática. Paralelamente, dispunham de tecnologia para fazer avançar a níveis excepcionais a qualidade de vida humana nas áreas urbanas, sem aumento de poluição e a baixo custo.

Como seria de se esperar, esse “custo” era a principal preocupação da desconfiada humanidade. Para nossa surpresa, os *iphrym* só nos pediram uma coisa em troca: o *status* sem restrições de observadores. Queriam acesso livre a qualquer lugar na Terra ao qual pretendessem ir, com a promessa de rigorosa não-interferência, sempre que a humanidade cumprisse sua parte no acordo, de uso dos recursos disponibilizados para a reconstrução do planeta. Obviamente, seria muito difícil ludibriar seres capazes de leitura telepática, e a humanidade compreendeu isso. O acordo teria que ser sincero, e mesmo assim parecia um negócio extremamente vantajoso.

Durante um bom tempo a Terra viveu uma era de paz e prosperidade únicas em sua história. Éramos como crianças bem educadas sob o olhar zeloso de nossos guardiões *iphrym*. Mas aos poucos se percebeu que, no mundo ideal dos alienígenas, a competitividade natural do ser humano era permitida. Se a melhoria do modo de vida de um povo implicava em se sobressair, ou mesmo subjugar outra nação, isso seria permitido sem interferências, desde que não implicasse na destruição do planeta. A seleção natural era legítima, na filosofia *iphrym*. Iniciada a corrida, em que cada país ambicionava a posse dos recursos dos extraterrestres para se destacar frente aos demais, as últimas portas, que a humanidade ainda resistia a abrir, vieram abaixo para a entrada dos observadores de outro mundo. A propriedade privada e até a intimidade pessoal, que custaram tanto a tanta gente, passaram a ter seus limites corrompidos enquanto os governos estimulavam a franquia de suas portas aos *iphrym*. Foi inevitável que as classes mais abastadas ou detentoras dos meios de produção comesçassem a ter seu capital diluído, em favor de uma coletividade que

alegremente se recusava, por pura falta de necessidade, a fazer esforço. Todos contavam com o mínimo necessário para a sobrevivência digna. Ao mesmo tempo os governos concentravam em suas mãos os recursos para a gestão e expansão dos poderes de seus países, e se digladiavam nas fronteiras, enquanto na intimidade do seu território os povos sobreviviam contando com alimento e diversão, mas muito pouco trabalho e criatividade. O livre arbítrio, supérfluo, era solenemente desestimulado. O pouco que se tinha não faltava a ninguém. E com a expansão dos países, a promessa dos governos era de que “esse pouco se transformaria em cada vez mais”.

A opinião pública contrária aos *iphrym*, que em dado momento era minoria, começou a se fortalecer quando começaram a vaziar informações e imagens das guerras de fronteiras, que eclodiam em praticamente todo o mundo. O nacionalismo exacerbado estava se convertendo num movimento predatório mundial, que paradoxalmente era de paz e harmonia internas, mas tendente ao desaparecimento de etnias, culturas e civilizações inteiras! E o caldo entornou de vez quando foram divulgadas imagens de instalações onde eram reunidos os feridos nas guerras, que ali permaneciam sob a observação dos *iphrym*. Observação, pura e simples. Eles permaneciam inertes enquanto seres humanos feridos sofriam e definhavam, muitos deles até a morte. Apenas observando. Não se opunham quando chegava socorro por parte de outros humanos, mas eram incapazes de mover um tentáculo em benefício de seres humanos em sofrimento. “Dão os brinquedos, e deixam que as crianças humanas os utilizem a seu bel prazer”, diziam uns. “Crianças precisam ser educadas”, retrucavam outros, “para eles nós não passamos de animais em laboratório, prontos para ser sacrificados ao final da experiência”.

A oposição crescente diante da prepotência dos alienígenas começou a gerar restrições, por parte do ser comum, à presença deles em suas atividades. A tentativa de reprimir essa censura, que quebrava o pacto feito com os *iphrym*, originou conflitos internos nos aglomerados humanos, e o caos ameaçava retornar. Atentados contra indivíduos *iphrym* eclodiam em vários países, e apesar de inócuos diante da superioridade tecnológica alienígena para a própria proteção, geravam desconforto nos governantes, e assim os atos de repressão do poder público começaram a estilhaçar de vez a frágil paz social.

A qualidade do clima já havia melhorado notavelmente em todas as partes. Florestas tropicais estavam restauradas, e as áreas de plantio eram férteis como nunca. A Terra parecia retornar a sua saúde ancestral, e assim os seres humanos decidiram, em prol da manutenção da prosperidade, renegociar o pacto. Os *iphrym* continuavam a ter acesso aos locais de atividades públicas, principalmente naquelas restritas aos governos e sem ampla participação popular. No plano privado, a presença ou não de alienígenas passou a ser decisão dos humanos envolvidos. Assim, muitos foram banidos, e um grande número de

espaçonaves deixou pacificamente o planeta. O número de *iphrym* na Terra caiu consideravelmente, e as criaturas concordaram com isso com uma docilidade espantosa. A humanidade deu de ombros. Bem, são alienígenas, certo? Por que esperar que reajam como seres humanos?

Desse modo o Homem voltou suas atenções para o restabelecimento de novos tratados de paz entre as nações, e os “tutores alienígenas” permaneceram em segundo plano, diluídos em meio ao contexto global.

Tony suspirou e fechou os olhos, em busca do sono que não vinha. Melhor assim, pensou. Tudo indicava que a “Era *Iphrym*” caminhava para seu final, e a vida tendia a retornar aos eixos.

– Tony é de Antônio? – indagou Leila, olhando distraída para as gotas da chuva forte que despencava sobre as árvores, ao redor da varanda coberta.

– Nada tão óbvio. É Newton.

Um trovão forte arrancou exclamações de espanto, e logo depois risos, de algumas pessoas das mesas ao redor.

– Você não tem a impressão de que essa chuva nunca mais vai parar? – sorriu Tony, dando um grande gole no chope.

– Já está demais para esta época do ano, não é? As alterações climáticas estão acontecendo muito rápido, mas imagino que eles saibam o que estão fazendo. Apesar de haver menos *iphrym* monitorando o uso da tecnologia que eles nos cederam...

– Não sei se faria muita diferença, Leila. – A fisionomia de Tony endureceu. – Quando aquelas torres de musgo se arrastavam em toda parte, só aparentavam estar participando. Eles deram tecnologia, mas mostraram que na verdade pouco se importam conosco.

Leila permaneceu um minuto em silêncio, como se decidisse o que dizer. Já havia percebido na outra noite que Tony fazia sérias restrições aos alienígenas.

– Imagino que toda transição traga coisas boas e ruins.

– Você pensaria diferente se houvesse sentido na pele a parte “ruim” dessas mudanças – Tony disse, mais rispidamente do que gostaria.

– Talvez eu tenha sentido mais do que você imagina.

Os olhos verdes da moça brilharam, competindo com a pedra azul do indefectível broche que continuava ostentando na lapela. Diante do olhar inquisidor do rapaz, prosseguiu:

– Vim para cá, ainda muito jovem, do interior do estado. Meu irmão mais velho decidiu buscar uma nova vida, após a morte de nosso pai. A mãe, já havíamos perdido muito antes. As coisas pareciam promissoras nas grandes cidades, onde se concentrava a tecnologia, graças à evolução acelerada pelos *iphrym*, e de fato meu irmão conseguiu rapidamente um emprego. A vida ia seguindo, mas ele não conseguiu domar seu próprio gênio explosivo e idealista. Alistou-se para combater na Amazônia, deixando uma conta bancária em meu

nome para que depositassem parte de seu soldo generoso. O resultado foi que, após um ano, eu me vi sozinha nesta cidade, com dezoito anos e um irmão morto na fronteira da Colômbia. Os rendimentos da indenização enviada pelo governo ajudaram a pagar algumas contas, mas em pouco tempo as coisas começaram a ficar difíceis de novo. Andei pulando entre alguns empregos diurnos, e à noite ainda tento ganhar um extra fazendo o que gosto. Por isso, não diga que não conheci a parte ruim das mudanças.

Comovido, Tony beijou os dedos da mão da moça.

– Desculpe. Esse é um dos poucos assuntos que atualmente me tiram do sério. – Deu mais um gole enquanto ela esperava em silêncio, os olhos fixos nos dele. – Eu também tive um único irmão mais velho, e recebemos uma boa herança após a morte de nossos pais em um acidente. Ele também me criava como um filho. Tinha um bom instinto para negócios, e logo após o início da escalada tecnológica *iphrym*, investi nosso dinheiro numa rede de oficinas de transformação de automóveis; você sabe, adaptando carros antigos para essa nova tecnologia dos carros flutuantes.

Ela assentiu com a cabeça em silêncio, sem querer interromper.

– O problema é que os malditos alienígenas estavam sempre metidos em tudo, conforme o acordo. Um deles, que nós chamávamos de “Silva”, permanecia o tempo todo na sede de nossas oficinas. Nunca imaginei que um sujeito tão silencioso incomodasse tanto. Estava sempre presente nas reuniões da diretoria, e deslizando pela linha de montagem, e acompanhando o recebimento de matéria-prima e produtos. Meu irmão não ligava, estava muito ocupado se matando de trabalhar. Literalmente. Eu sempre o advertia que se cuidasse, pois tinha problemas com a pressão arterial, mas ele não dava trela, porque não sentia nada. Um dia, cheguei à oficina e entrei no escritório. Meu irmão estava caído por trás da mesa. Infarto do miocárdio. Pela posição do corpo, parece que tentou alcançar o telefone para pedir ajuda, mas não conseguiu. Lembra-se do nosso amigo, o Silva? Ele estava lá. De pé no canto do escritório, como um vaso de plantas. Quietamente. A secretária disse que o *iphrym* entrara no escritório, seguindo meu irmão, uma hora e meia antes. Entendeu, Leila? Aquele maldito desgraçado de outro planeta ficou ali de pé, assistindo enquanto meu irmão morria do coração, sem mover um cipó sequer. Depois disso, renegociamos o acordo. A empresa perdeu dinheiro, mas considero um preço barato demais para nunca mais ter que ficar olhando para aquelas... coisas verdes deslizando perto de mim.

Foi a vez de Leila, que acompanhara com um olhar triste, fazer um carinho em seu rosto.

– Parece que temos muito mais em comum do que imaginávamos.

Beijaram-se.

O sábado terminou na casa de Leila. Tony se surpreendeu com a bela e aconchegante casinha nos arredores da cidade, sem luxo, mas muito agradável.

Ficava em um pequeno bosque, que nos últimos meses estava ficando notavelmente mais denso, e tinha nos fundos uma grande estufa. Leila disse que cultivava orquídeas, *hobby* que herdara do pai.

No auge das carícias, a moça se preocupou em dobrar cuidadosamente a blusa com o broche de pedra azul para cima, ao lado da cama. Tony beijou impacientemente seu pescoço, e riu:

– Você parece gostar mais desse broche do que de mim.

– De jeito nenhum. Mas admito que ele tenha sua importância, e isso tem que ser respeitado...

– Que tal deixar essa história para depois? Acho que temos algo melhor para fazer aqui do que naquele bar, onde havia muito tempo para contar casos do passado.

Ela o beijou apaixonadamente. A chuva incessante lá fora fazia fundo para suspiros e gemidos, e Tony teve a convicção de que era a felicidade com que sonhava, aquela que mantém a esperança acesa para seguir em frente quando a vida se torna cinzenta demais. Dormiu com um sorriso nos lábios, abraçado à mulher por quem estava definitivamente apaixonado.

Como de costume, a manhã surgiu com uma breve interrupção da chuva, e o sol se infiltrando entre as cortinas o fez despertar. Dormira pouco, mas estava completamente revigorado. Leila ainda dormia profundamente, a silhueta de curvas harmoniosas deitada de costas para ele. Decidiu preparar um belo café na cama, e seguiu para a cozinha. Procurou fazer o mínimo de barulho possível, e logo encontrou tudo de que necessitava. Bandeja pronta, faltava alguma coisa. Tony olhou para a área de serviço nos fundos, e depois dela a porta da estufa. Quem sabe uma bela flor para o arremate final?

Entrou cuidadosamente no ambiente confinado. Raios de sol se cruzavam em feixes por sobre as fileiras de mesas e vasos, repletos dos mais diversos tipos de plantas. De fato, havia muitas e belíssimas orquídeas. Ele caminhou extasiado por entre as fileiras, tentando escolher uma que fosse pequena o suficiente para caber na bandeja.

Com o canto do olho, percebeu um movimento no fundo da estufa. Olhou na direção dele, e demorou um pouco para distinguir as formas na penumbra. Finalmente, entre os ramos de uma pequena palmeira, deparou com uma forma familiar: parecia uma máscara de esgrima, de um marrom translúcido e escuro. Tony deu um grito de terror e saltou para trás. O *iphrym*, descoberto, deslizou para o lado, expondo a silhueta do corpanzil coberto de algas trêmulas. O rapaz esticou um braço e agarrou o cabo de um ancinho, que descansava a um canto. Levantou o forcado metálico em direção ao monstro, urrando sons desconexos entre dentes. Da boca invisível do alienígena emergiu uma espécie de grito, como um mugido no interior de uma caverna onde houvesse uma cachoeira. Um tentáculo brotou de seu corpo em velocidade espantosa, enroscando-se na ponta

de metal do ancinho, e puxou. Tony voou pelo ar e caiu atrás de uma mesa de madeira, derrubando alguns vasos. Largou o ancinho, mas levantou-se agora empunhando uma afiada machadinha de jardinagem. Com um grito, ele apoiou o pé em um grande vaso de barro e lançou-se no espaço, agarrando-se pelo meio do corpo da criatura, que começou a girar tentando derrubá-lo. Tony brandiu a machadinha diversas vezes, enquanto com a outra mão se firmava, pendurado entre as algas. Viu quando uma seiva escura e mal-cheirosa começou a escorrer pelo flanco do *iphrym*, que voltou a gritar. A mente de Tony se encheu de imagens violentas que se sucediam em altíssima velocidade. Sua cabeça passou a doer, e ele começou a ficar tonto. Sentia-se intimidado, apesar de um fio de lógica continuar advertindo, no fundo de sua consciência, que estava em vantagem no combate. Do nada, uma voz feminina invadiu o cenário caótico. Algo o puxou para baixo e Tony caiu, a mão direita ainda empunhando a machadinha, a esquerda segurando firmemente um tufo de algas arrancadas. Sua mente começou a clarear rapidamente, o mundo ainda girava, e ele vomitou.

Ergueu os olhos injetados. A sombra gigantesca do *iphrym* recuara para o fundo da estufa, e arfava de encontro a uma das paredes de vidro. Ao seu lado, de pé e vestindo um roupão, Leila o fitava em prantos.

– O que foi que você fez? O que foi que você fez?

– Aquilo – Ele ergueu a mão trêmula e apontou. – Aquilo é um desgraçado de um monstro de musgo, e está aqui, bem dentro de sua casa!

– Eu sei disso, Tony. Ele vive aqui porque eu permito! Assim ele cuida de mim...

Tony permaneceu paralisado e boquiaberto.

– Ele faz... o quê?

– Como eu te disse... O dinheiro da indenização acabou logo. As coisas estavam bem mais difíceis do que antes, com a debandada dos *iphrym*. Eu era jovem, estava sozinha, e fiquei com muito medo. Via, nas ruas, como acabavam as moças do interior que vinham tentar a vida na cidade, e chorava com medo de ter o mesmo destino. Um dia, um dos oficiais que conheciam meu irmão do exército me ligou. Ele disse que Luiz falava muito de mim, e se preocupava com meu futuro. Como meu irmão tinha morrido em defesa de nossas fronteiras, e aquela guerra era uma consequência indireta da vinda dos *iphrym*, eu tinha uma opção: vários deles estavam partindo para o espaço, mas alguns queriam ficar na Terra. Eu poderia optar por hospedar um deles...

– Hospedar um desses bichos?

– Eles não são “bichos”, Tony, assim como nós não somos! Como eu disse, eu poderia receber um deles em minha casa, e ele cuidaria de boa parte de meu sustento.

– Você disse que tinha um emprego!

– Eu disse que tive “alguns empregos diurnos”! Que tipo de emprego você acha que oferecem a uma moça do interior, sem estudo, nestes dias de alta tecnologia em que vivemos? Elói, que é como eu o chamo, me dá casa e alimentação, e até alguns luxos. E só quer uma coisa em troca: observar. Observar tudo que faço, todos os dias, o tempo todo.

– Como ele consegue... – Os olhos de Tony subitamente se iluminaram, compreendendo. – O broche de pedra azul!

Leila assentiu.

– Tem um projetor de campo holográfico dentro. Grava tudo que acontece a um raio de dez metros ao meu redor, e transmite para o equipamento que Elói guarda aqui na estufa.

– Então, tudo que conversamos... e ontem à noite...

– Tony, não significa que não foi verdadeiro!

– Onde está sua dignidade, Leila? Como o pode custar tão barato? Você vive permanentemente em um maldito *reality show*, para deleite dessa monstruosidade...

Leila não podia suportar o olhar de raiva de Tony, ou o desprezo que ecoava em sua voz. Apontou para a porta da estufa.

– É melhor ir embora. Você o machucou, e tenho que cuidar dele.

Ela olhava para o chão, e as lágrimas pingavam sobre o solo enriquecido. Tony não encontrava as palavras adequadas. Caminhou lentamente para o interior da casa, em busca de seus pertences.

O carro flutuante de Tony subiu suavemente a estrada de terra, enquanto a chuva voltava a cair pesada sobre ele. Atrás de si, Leila chorava sobre a cama, sem que ele soubesse. E sem que ela também soubesse, lá na estufa, o *iphrym* chamado Elói esticava um tentáculo fino e introduzia um pequeno casulo escuro na cavidade de uma máquina que, a uma observação rápida e descuidada, poderia ser confundida com uma planta. Segundos após, um feixe de ondas indetectável explodia dali em direção ao espaço distante, levando os dados coletados pelo broche de pedra azul na última semana. Aquilo acontecia diariamente em muitas partes do mundo. O quebra-cabeça estava quase completo. Em breve, pensava a criatura, o clima do planeta Terra estaria adequado ao conforto dos *iphrym*, bem a tempo para a chegada da frota colonizadora. E de acordo com a preocupação ecológica que era base de sua cultura, eles já teriam as informações suficientes para que se construíssem os grandes reservatórios ecológicos, onde seriam mantidas, num habitat o mais perfeito possível, as amostras de grupos humanos que impediriam a extinção da espécie. Afinal, apesar de estranha e violenta, a humanidade ainda merecia existir, nem que fosse para estudo e diversão da poderosa espécie *iphrym*.

Um toque do real: óleo sobre tela **Roberto de Sousa Causo**

Os dedos longos de Fátima Hines viraram a página de papel brilhante. Um reflexo difuso interrompia as palavras da página seguinte. Um pequeno ajuste para fugir das luzes do apartamento, e seu olhar passou a correr atrás da unha comprida, que deixava um traço fino no *couché*.

Minha arte fala de mim, é claro. E são as pinceladas, conduzidas por meus reflexos, mãos e olhos, que traduzem a minha personalidade, tanto quanto a escolha do assunto.

É por isso que desprezo o realismo. A mera imitação da forma real das coisas nada diz de mim como homem ou artista. Deixando livres as mãos e a mente, abandonando as intenções miméticas, abro janelas para que minha paisagem mental interfira nas imagens. Afasto a racionalidade da pintura, até que eu próprio me sinta parte do objeto retratado.

Fátima fechou a revista *Galeria*, e ergueu os olhos. Egberto esperava junto à grande janela da sala de jantar, as luzes da cidade tocando seus ombros e seus cabelos com um cintilar distante. Havia uma mal disfarçada ansiedade em seu rosto. Tinha um copo de uísque seguro na mão direita; mão forte, de pelos alourados e veias escuras e marcadas. Fátima sentiu um enternecimento estranho – familiaridade, amor e insegurança misturaram-se nela por um instante, compondo um único sentimento confuso. Como, mãos grosseiras assim, podiam compor uma arte tão bela? Bem, seus quadros tinham qualidades enérgicas, másculas, que ela aprovava. Sem dúvida, orgulhava-se dele.

– Está ótima, Egberto – disse. – A entrevista vai atrair mais atenção sobre o seu trabalho, tenho certeza.

Ele abriu um breve e apagado sorriso.

– É o que espero, Fátima.

Mas não parecia confiante.

Fátima sabia o que o perturbava. Após dois anos expondo com algum sucesso na Europa e Estados Unidos, Egberto temia a maneira como São Paulo, a cidade onde começara iria receber seu trabalho. Sua exposição seria aberta em duas semanas. A tensão emanava dele em cada gesto e olhar.

– O grande teste é aqui, você sabe – ele disse, olhando-a nos olhos. – Santo de casa não faz milagre, não é mesmo?

Fátima atirou a revista para o lado e levantou-se. Fez menção de deixar a sala, desistiu, afastou uma mecha de cabelos castanhos da testa, e encarou-o novamente.

– Não me acuse de não dar importância à sua arte. Você sempre foi injusto e egoísta, Egberto. Sei que não somos casados, mas você pensa mesmo que os dois anos que passou longe de mim não me afetaram em nada?

Só então ela saiu, dando-lhe as costas e caminhando com passos duros para o quarto.

Egberto Miranda passeou o olhar pela sala agora vazia, detendo-o na mobília

moderna e pelos espaços amplos. Somente seus quadros nas paredes rompiam com a modernidade da decoração. Incompatibilidade que o fez questionar, uma vez mais, o seu relacionamento com Fátima Hines.

Através da janela que ia do piso ao teto, ele podia ver a Avenida Paulista estendendo-se dez andares abaixo, em luzes, reflexos e superfícies cinzentas de fria modernidade. Nada havia ali que alimentasse seu encanto pelas formas clássicas e pelos objetos que diziam do passado e de realizações construídas sobre tradição e história. O Brasil era tão pobre nisso, comparado à milenar cultura europeia e à exaltação nativista dos americanos.

Mas um apartamento na Avenida Paulista era alguma coisa, mesmo para o pintor Egberto Miranda e seu crônico deslocamento em relação à modernidade e à pós-modernidade a sua volta. Era esse o seu problema maior – nunca teria o lugar que esperava nas artes plásticas, um lugar ocupado por artistas com visões apoiadas por teorias hipertrofiadas de fragmentação e fluxos de identidades.

O fato de o apartamento pertencer a Fátima era um incômodo secundário, mas presente. De Egberto havia pouco ali, além das pinturas. Fátima, alta funcionária do jornal *Folha de S.Paulo*, possuía tudo o mais – talvez até ele próprio.

Tinha 48 anos, e ela 33. Estava cansado das suas diferenças, mas não podia dispensar o mecenato.

Egberto virou o que restava do copo e preparou nova dose. Caminhou em seu robe azul até o banheiro contíguo à suíte principal, onde Fátima lia o romance *V*, de Thomas Pynchon (atualizando-se com a literatura pós-modernista), deitada na cama. Ela não lhe deu atenção. Egberto terminou a dose – a terceira após o jantar – e escovou os dentes.

Sentiu uma súbita dor no alto da cabeça e uma ira surda por Fátima. A fria atitude dela o perturbava. A raiva cresceu e, no espelho, seu rosto, marcado pelo bigode grisalho, avermelhou-se e as veias incharam na têmpora e na testa. Tais erupções de ânimo vinham se tornando mais frequentes a cada dia, mas se resolviam com uma dose de Valium. Egberto despejou alguns comprimidos na mão, num gesto cansado, e levou-os à boca. Fechou o armário do espelho e sorriu para a sua imagem. Agora podia dormir e enfrentar a presença de Fátima ao seu lado, na cama.

Deitou-se. Fátima apagou o abajur e virou-lhe as costas.

Egberto dormiu – e sonhou.

Afagava-se em uma piscina de tintas. Das beiradas, Fátima o observava se debater, ladeada por uma multidão de homens de terno e sem face. De algum modo, ele os viu como seus críticos e competidores.

O cheiro forte das tintas acrílicas invadia seus sentidos, em associação com a textura pegajosa dos óleos e resinas. Sentiu o abraço pastoso fechando-se sobre ele, sentiu que se dissolvia, lentamente, fundindo-se ao cadinho de substâncias

minerais, vegetais e animais – era apenas mais uma, reduzida a essências cromáticas, sem mais individualidade. A memória residual do que havia sido.

Acordou liso de suores frios. Ergueu-se na cama e olhou em torno. Já havia amanhecido. O pesadelo se conduzira por horas a fio, no correr da noite.

Egberto limpou o canto dos olhos com dois dedos, tentando integrar-se à manhã.

Ainda sonhava.

Havia algo de estranho em tudo o que via. Uma indefinição de formas, embora ainda reconhecesse todas as peças do quarto. Levou alguns segundos para perceber que cada uma das formas, cores e sombras existia agora como vasta cena materializada da interpretação de um pintor. No *seu* estilo.

Fechou os dedos sobre os lençóis e puxou-os. Sentiu a textura exata do tecido, mas o que viu foi uma grande superfície, desenvolvida por fortes e densas passadas de um pincel largo e chato, formando traços de caimento como se um pintor invisível traçasse diante de seus olhos rugas e dobras com extraordinária velocidade.

A lembrança do momento anterior do pesadelo o fez largar os lençóis – pareciam tanto com tinta ainda fresca sobre uma tela, que ele podia reviver os cheiros e o contato dos óleos contra a pele.

Fátima moveu-se ao seu lado. Sentia o calor de seu corpo e os lençóis puxados por ela correndo sobre ele. Fátima virou-se.

Seu rosto não existia mais. Era uma máscara pintada, esboço rápido e indefinido a partir de pinceladas fortes que marcavam apenas volumes, limites e intenções posteriores de um retrato. A visão de Fátima assim estilizada era inumana, monstruosa.

A entidade sem face sustentou-se diante dele, e então uma massa escura abriu-se dela – cave escancarada de tons ocre e vermelhos, crua e despersonalizada, vazia e cruel em sua síntese elementar da expressão de um grito aterrador.

Pôde ouvi-la, a voz de Fátima, desfigurada pela rouquidão das cordas vocais ainda adormecidas, num grito longo e animal.

Levantou-se e correu para o banheiro. Tinha roupas ali, e enquanto as vestia e calçava um par de sandálias de couro, viu seu reflexo no espelho – ainda real, como uma colagem fotográfica aplicada a uma pintura impressionista.

No quarto, Fátima reduziu os gritos a um soluçar contínuo e apático. Egberto passou por ela a passos rápidos, sem olhá-la, e foi para a sala. Levou alguns segundos para se situar no cômodo. Podia ver que a iluminação provinha das amplas janelas, e o tom dourado dos raios solares nas paredes fora fielmente reproduzido, com brilhos metálicos e nebulosos espalhados com habilidade na tela. A avaliação técnica inconsciente apenas fez aumentar o estranhamento de Egberto – podia um sonho ter essa qualidade de textura e interpretação? E cores?

Lera em algum lugar que sonhos coloridos são frutos da mente, enquanto os em preto e branco, cinza e sépia, seriam experiências espirituais e premonitórias. Significaria que estava livre de um pesadelo possuidor de algo ainda mais real que apenas a nitidez incomum?

A parede que recebia a incidência direta do sol pareceu inchar, com lentidão. Sombras desenharam-se imediatamente a partir do volume que se formou, o pintor invisível compondo-as com pinceladas que Egberto era agora capaz de perceber. A superfície inchou, como se a própria tela fosse comprimida contra um objeto às suas costas.

Egberto notou feições, um rosto envolto num lenço de linho manchado, crescendo e se movendo por baixo da tela, permitindo-lhe reconhecer os traços grosseiros e angulosos. Por um segundo apenas identificou seu próprio rosto ali, antes que a imagem se transformasse numa representação em autorrelevo de qualquer coisa gargulhoide, medieval, sombria e aterradora forçando passagem contra a tela, movendo as mandíbulas e os músculos da testa num estertor animal. Um líquido escuro escorreu das lacerações na tela imaginária. Mas não escorria como tinta a óleo, violando a coerência do pesadelo. Fluía fresco e gotejante, mas denso, vermelho. *Sangue*.

Egberto cobriu o rosto com as mãos e cambaleou. Ouviu um rugido grave. Sentiu um hálito de coisas apodrecidas vindo da parede.

Não suportava mais o horror onírico, mas não conseguia escapar do sonho. Era presa de sua inconsciência.

A fuga só existiria dentro da realidade do pesadelo.

Correu para fora do apartamento.

Para as ruas.

Os interiores foram substituídos por imensa e cambiante paisagem – a Avenida Paulista pela manhã, obra-prima de perspectiva, luzes, sombras e volumes. Egberto foi assolado pelo impacto do virtuosismo técnico e soluções de representação. Nesse momento, a arquitetura moderna e o chapado vivo dos anúncios lhe pareceram válidos. A iluminação refletia-se em brilhos líquidos contra o capô e os vidros dos carros, as janelas foscas dos arranha-céus, o granito escuro das fachadas, a superfície quase fluvial do asfalto. Pontos cruzados de iluminação, ele notou. O sol nascente refletido nas janelas, que devolviam os raios para as ruas, forçando poças de luz em torno de veículos e passantes.

Uma obra de gênio. Contudo Egberto sabia não possuir talento igual, ainda que ali estivessem *suas* pinceladas, *seu* estilo.

O cenário pulsava. Só por isso Egberto certificou-se de que, como em uma animação, as formas, linhas, tons vibravam enquanto fluía o tráfego de pessoas e carros – uma obra-prima diferente pintada a cada segundo. Os fotogramas de um filme impossível.

Sentindo com passos incertos o pavimento sólido da calçada, ele levou a

mão aos olhos. A pulsação do cenário lhe provocava náuseas. Havia em sua mutabilidade oleosa uma agitação celular, vertiginosa. Embora sentindo a solidez sob os pés e o frio ar matutino no rosto, não pôde aceitar um mundo assim incerto.

Alguém esbarrou nele. Ouviu o pedido de desculpas, enquanto o vulto, apressado, afastava-se. Olhou para as representações das pessoas. As mesmas pinceladas rápidas e fortes e longas compondo rapidamente volumes, roupas, calçados, bolsas – e mãos, braços e rostos descobertos. Bem resumidos em formas e reflexos, mas agora a falta de realismo, na ausência de olhos e bocas, unhas e pelos, não lhe pareceu mais expressiva. Ao contrário, *opressiva* em sua anonimidade.

Toda essa gente fora reduzida a *sketches*, esboços sem distinção diante dos volumes e presenças brilhantes da paisagem, apenas filigranas ornamentais da arquitetura.

Cobriu o rosto uma vez mais. Ao afastar as mãos, um minuto depois, viu-as cobertas de fina camada de tinta à óleo.

Aumentou o passo, à procura de um painel espelhado que recobrisse uma das fachadas. Caminhou por vários minutos, antes de encontrá-lo.

Mirou-se no espelho. Viu-se diante de um retrato muito realista e bem acabado de si mesmo. Admirou essa obra e aceitou-a com gratidão – era Egberto Miranda, retratado com fidelidade e elegância, e lhe pareceu positivo ver-se assim, porque temia que estivesse *acontecendo com ele*. Que fosse se tornar o esboço sem rosto de uma figura humana sem identidade.

Olhou em torno. A paisagem continuava pulsando. O sonho não acabava.

Então a viu. Uma mulher, caminhando do outro lado da avenida. Nua – mas isso foi detalhe menor, para ele.

A mulher era *real*.

Ele atravessou as pistas, aproveitando as filas de automóveis alinhados num farol fechado.

Perseguiu a mulher nua – colagem animada, contra a paisagem de óleo sobre tela – trotando e se desviando dos vultos espectrais dos passantes. Viu que ao redor dela, formando uma curta aura à sua volta, a pintura se afastava e imagem do real retornava, como se a pintura fosse executada sobre o tecido da realidade e a presença da mulher descascasse a representação.

Correu para ela. Observou as nádegas pequenas e firmes movendo-se livres com o caminhar, a suavidade dos ombros estreitos e de pele clara. Estendeu um braço para ela. A tinta em suas mãos recuou. Conforme se aproximava era como se mergulhasse os dedos, as mãos, os pulsos numa cortina invisível de solvente.

Então a mulher voltou o rosto em sua direção, sem o perceber, apenas observando algo em uma vitrine, sem deter o passo.

Egberto estacou.

Ela distanciou-se dele, levando a aura do real consigo. A tinta voltou a cobrir Egberto, enquanto ele a observava parar junto a um ponto de ônibus. As figuras humanas aglomeradas por perto receberam a bênção que ele ansiava, recuperando seus contornos. Um ônibus encostou e a mulher subiu com outras pessoas. O veículo foi se afastando, e à medida que se distanciava, foi também se constanciando em metal e vidro e formas verdadeiras.

Egberto conhecia aquela mulher. Uma jovem chamada Ana Paula de Moura, que posara para ele no início de sua carreira. Fizera uma longa e apreciada série de nus com ela, uma coleção de peças que ajudaram a projetá-lo.

Tivera um bom relacionamento profissional com Ana, antes de se apaixonar por ela e deixar que isso estragasse tudo. Foram amantes durante algum tempo, Egberto ainda se lembrava dela com frequência. Queria que seu relacionamento com Fátima tivesse uma fração do que desfrutara com Ana, antes que ela partisse, temendo que ele a asfixiasse com seu mau gênio e arrogância.

Era assim que se lembrava de Ana. Nua, o corpo pequeno e esguio, de ombros estreitos, longas pernas, seios pequenos e cabelos escuros e leves caindo até o meio de suas costas. Tinha corpo de bailarina, apoiado por um rosto vivo e juvenil de olhos grandes, nariz longo e boca pequena. Mesmo posando, guardava uma sugestão de movimento sensual e feminino. Era perfeita, e Egberto apreciava lembrar-se dela nua, a imagem da nudez das poses, e dela com ele na cama. Gostava de lembrar-se dela.

Ana Paula de Moura morrera doze anos atrás, de uma deficiência congênita do coração. Mas agora sorria – e piscava para ele – da janela do ônibus que se afastava.

Egberto esboçou um gesto, levantando a mão, como que para impedi-lá de desaparecer. “Você levou meu coração com você, Ana”, pensou. “É isso o que este sonho louco quer mostrar? Que perdi o meu melhor, quando você partiu?”

Sua mão não tinha mais unhas ou pelos. Apenas pinceladas soltas definindo palidamente os dedos e a palma.

O táxi parou na esquina da Avenida Sumaré com a Rua Wanderley, em Perdizes.

Ana Paula saltara do ônibus uma quadra adiante. Egberto, num impulso, havia decidido segui-la. Como tudo em seu sonho absurdo, era obrigado a ater-se a uma coerência estrita: usar chaves para abrir portas, desviar-se de pessoas na rua, chamar um táxi e pagar o motorista sem rosto com o dinheiro estilizado da carteira. Considerou a possibilidade de não ser um sonho, mas um surto esquizofrênico. Supor a loucura, porém, não o dirimiu de perseguir Ana. Sentia, com certeza inabalável, que ela poderia tirá-lo desse mundo por trás da moldura.

Ela subiu a ladeira da Rua Wanderley. Egberto soube para onde ia. Seu ateliê ficava em um pequeno sobrado, de fachada coberta de sebe. Ana entrou pelo

portão, sem precisar de chave alguma, e pela porta da frente, deixando-a aberta atrás de si.

O ateliê propriamente, ficava ao subir as escadas. Egberto galgou os degraus de mármore branco, belamente reproduzido com uma técnica bem solta, de tintas diluídas, enquanto seu punho sentia a aspereza do corrimão de metal. Era como se a elegância e o virtuosismo fossem intensificados com a proximidade do ateliê. Suas melhores obras vieram desse lugar. Talvez a inspiração tivesse vida em suas paredes.

Mas tudo era real, no ateliê, balsamizado pela aura de Ana, que se mantinha em pé no centro do cômodo, mirando-o com os olhos grandes – e sorrindo.

– Venha, Beto – ela disse, estendendo-lhe os braços. – Sabia que você me seguiria.

Ele se aproximou, tocou-a. Era sólida, real. Olhou fundo nos mesmos olhos castanhos que amara. Havia luz refletida nos lábios úmidos. Não era uma pintura. Abraçou-a e escondeu o rosto nos cabelos castanhos, de perfume conhecido, sentindo seu pescoço pulsar de encontro ao queixo que ele comprimia contra ela.

Desceu as mãos por suas costas nuas, pelos flancos até as coxas, como se a lisura da pele atraísse suas mãos num movimento contínuo de deslizar e reconhecer, lembrar um corpo guardado na memória.

– Senti sua falta – disse, afastando o rosto para fitá-la.

Nos olhos de Ana viu seu próprio reflexo. Real. Observou suas mãos, por sobre o ombro dela. Viu pelos, rugas e unhas roídas, livres de tinta. Voltara à normalidade.

Ana libertou-se de seu abraço e apontou a porta aberta que dava para a sacada do sobrado.

– Eu sei. É por isso que estou aqui. – Conduziu-o para fora. Sob seus pés o piso da sacada recuperou a consistência dos ladrilhos e do parapeito estrangulado pela trepadeira. – Olhe em torno – ela disse, fazendo um gesto amplo com os braços.

Egberto observou a paisagem de São Paulo, o sol agora alto no céu e as sombras e os brilhos definidos em toda parte, banhando todas as superfícies, os telhados, as copas das árvores, as longas paredes dos prédios, o teto metálico dos veículos passando na avenida assombreada. Tudo recomposto em pinceladas precisas, mas ainda no seu estilo livre e subjetivo. Uma beleza que o tocou também porque pintara muito na sacada, e estivera ali inúmeras vezes contemplando a cidade, Ana ao seu lado.

– Tudo isto é seu – ela disse. – Pertence a você, nascido de suas memórias. *Eu* também, e estou aqui porque sou sua melhor chance de compreender o que está acontecendo, de agir da melhor maneira...

– Não entendo.

– Não tenho muito tempo. Nem você. Veja aquilo.

Ela apontou para o muro do terreno da frente, com uma casa de bom tamanho e muitas árvores frutíferas – lembrança de quando o bairro era composto de chácaras à beira de um riacho, com bosques e casinhas de vida tranquila.

Egberto demorou para divisar, entre as sombras das árvores, algo movendo-se junto ao muro. Não, não junto ao muro. *No* muro. Brotando dele, crescendo na gravidez da pedra, como aquela figura monstruosa na parede do apartamento de Fátima. A coisa agitou-se. Egberto viu que estava *saindo* – libertava-se do emparedamento.

– Veja – Ana repetiu. – Ele quer você, e sua única chance é enfrentá-lo.

O monstro desprende-se completamente do muro e veio das sombras para a luz. Andava de quatro, o corpo longilíneo, caminhando como um gato, costas arqueadas e omoplatas salientes, tufo de pelos castanhos agrupados aqui e ali na pele coriácea. Pleno de músculos, dentes e garras, conservava, porém uma graça e coordenação de movimentos que eram reminiscência humana – um licantropo. Um homem animalizado, mas *real*.

Ao contrário do que acontecia com Ana, a pintura não retrocedia ao seu toque. Ela se *deformava*. Formava poças de tinta aos seus pés. Resinas borbulhavam e por baixo a tela se rompia. Um rastro de dissolução seguia-o, enquanto atravessava a rua.

Um carro desceu a ladeira. Era vermelho – toques fortes e densos de pincéis grossos. Passou pelo monstro – através dele. Houve um tremor. A representação do carro como que *borrou* por um segundo, antes de reassumir sua consistência.

– Não é real – Egberto murmurou. – Não é coerente. Não faz parte desta... realidade. O carro teria de bater nele...

Ana agarrou-o pelos ombros.

– Ele obedece a outra lógica, que também faz parte da sua mente. Não se iluda. Você tem que enfrentá-lo. E se perder, sua morte vai ser bem real. Acredite em mim.

– E você? Você está?...

– Vim para ajudá-lo, Beto. Você tem que lutar.

Ouviu um som de metal sendo dobrado e partido. Mas um ruído “errado”, misturado a chiados, como se barras de ferro fossem ao mesmo tempo arrebentadas e fundidas.

Entendeu imediatamente que o monstro acabava de passar pelo portão do sobrado.

Ana caminhou de volta ao ateliê. Parou em pé no centro dele e esperou, olhos voltados para a entrada.

Egberto ouviu outro som mestiço – madeira sendo arrebentada e dissolvida. A porta de entrada. E então a mesinha da sala de estar, num barulho lacônico, como se o móvel tivesse sido esmagado com o pisão de um gigante.

Ana permaneceu parada, olhando. Os cabelos escuros escorriam por seus ombros pálidos e estreitos. Parecia frágil, indefesa. Egberto caminhou para ela, ainda sem entender, mas movido pelo impulso de defendê-la.

Novos sons. Metal sendo retorcido – o corrimão, conforme a criatura avançava pelo espaço estreito do corredor da escada.

Egberto saltou para o armário embutido onde guardava os aventais e alguns objetos que usava para compor naturezas mortas. Procurou, atirando longe fruteiras, porcelanas, talheres e toalhas de mesa, até encontrar o que queria – um sabre antigo que adquirira numa feira de antiguidades e que usara para um estudo de ambientação histórica, com um retalho de bandeira ao fundo e réplicas ornamentais de pistolas de pederneira ao pé da empunhadura.

Empunhou-a agora com firmeza. Tinha um fiel vermelho atado ao punho, e a lâmina antiga fora polida o máximo possível, para que a pintura pudesse registrar com perfeição o brilho do sol na superfície de aço.

Egberto correu para a frente de Ana e a empurrou para trás. Pensava somente em protegê-la. Por segundos permaneceu em pé, ouvindo o rosnar e o resfolegar do monstro, antes de perceber que ele ficara preso no ângulo das escadas. Diante do monstro, o coração de Egberto ameaçou parar.

Sentiu o toque de Ana às suas costas, suas mãos fechadas sobre as suas enquanto segurava a espada.

Arriscou alguns passos hesitantes para dentro do corredor. Viu a criatura, entalada, seu estranho poder de dissolver as tintas do mundo pintado formando uma poça sob sua barriga, onde não havia mais degrau algum. Em mais um minuto as próprias paredes seriam desintegradas e ele estaria solto. Egberto levantou a espada, sabendo que não teria melhor chance. O monstro exibiu as garras e rugiu para ele.

Egberto baixou o sabre contra a sua cabeça, mas uma garra bloqueou o golpe. Sangue fluído esguichou do corte na palma coriácea e misturou-se com as tintas em dissolução nas paredes. Egberto vibrou mais um golpe, atingindo o focinho do monstro. Mais uma estocada bloqueada, e outra, e muitas até que as garras e os braços estivessem retalhados pelos golpes da lâmina. O couro pendia em tiras rotas e o sangue escorria de dezenas de ferimentos.

Egberto recuou, apoiando-se numa parede, buscando fôlego. Estava empapado de suor e o braço direito doía de tanto brandir o sabre.

A criatura foi aos poucos calando seus berros, ela também respirando pesadamente. A expressão de fúria em sua cara enorme foi relaxando, e Egberto reconheceu ali algo de humano. Os olhos injetados tinham íris azuis como os dele, a estrutura óssea por baixo do couro rugoso parecia humana – ao menos lembrava os zigomas e arcadas supraciliares e as mandíbulas de um homem, embora brutalmente deformadas. E o monstro era real, no peculiar sentido que este pesadelo impusera – feito de carne, couro, ossos e sangue que Egberto

identificava como tais, e não como a estilização de um artista.

E apenas agora Egberto notou que a espada em seu punho também era real.
O toque de Ana.

Mas agora, mirando nos olhos do monstro, enxergou, sem estranhamento, que era ele próprio que habitava por trás da face da fera. Seus olhos que o fitavam, presos em órbitas animais.

Egberto enristou o sabre.

O monstro libertou-se das paredes agora dissolvidas e lançou-se contra ele. Caiu com a garganta sobre a lâmina, mas seu peso derrubou Egberto, que soltou um grito abafado.

O sangue dos ferimentos da besta derramou-se sobre ele e o hálito fétido da criatura soprava seus cabelos. O monstro atirou inutilmente as garras contra a sua cabeça. Suas mandíbulas eram mantidas no alto pela espada, e as garras feridas não tinham mais força para matar.

Ainda assim ele abriu a bocarra e baixou-a contra Egberto. O punho do sabre estava apoiado no chão – enquanto o monstro se esforçava para abocanhar o homem, a lâmina comprida e larga enterrava-se ainda mais em seu pescoço. O sangue descia pelo fio da espada até as mãos de Egberto e delas por seus antebraços, como algo vivo que migrava de um corpo para outro, até finalmente formar um lago vermelho sob os dois. Egberto lutou para manter o punho firme contra o piso agora escorregadio de sangue.

Sentiu a lâmina enterrar-se ainda mais, raspando ossos. Viu os dentes brancos, longos como falanges, brilhando na boca escancarada e borbulhante de sangue. Ou o sabre o mataria antes que suas presas alcançassem Egberto, ou, como o tubarão arpoado que ainda nadava por um tempo antes que o cérebro primitivo aceitasse que estava morto, a cabeça do homem desapareceria entre suas mandíbulas.

Egberto fechou os olhos. Suas costas sentiram a poça de sangue envolvendo-o. Compreendeu que o sangue do monstro era a aguarrás que diluía o mundo pintado. Onde antes existira a laje do piso, havia agora uma matéria esponjosa cada vez mais suave. O punho da espada enterrou-se nela e as mandíbulas do monstro aproximaram-se de seu rosto. O sangue ainda escorria pela lâmina, e Egberto refletiu que agora não se afogava em tintas pastosas, mas em sangue escuro e denso.

“Eu perdi”, pensou, sem forças para manter o sabre em riste.

Dedos femininos tocaram seu ombro.

“Ana?...”

– Ana?...

Abriu os olhos. Uma mulher afastava-se dele.

– Ana – repetiu, mais forte.

A mulher voltou-se para ele. Estava vestida de branco e tinha cabelos louros.

Apertou alguma coisa que havia acima da cabeça de Egberto, e inclinou-se para ele.

Egberto percebeu que estava deitado. Sentia-se seco e letárgico. “Um leito hospitalar”, concluiu, após olhar pesadamente em torno. “E no mundo real.”

– O que aconteceu? – Perguntou, ouvindo sua própria voz soar quase inaudível.

Sentia-se imensamente cansado.

A enfermeira ignorou-o. Foi para junto da porta. Um médico entrou no quarto e o auscultou com um estetoscópio. Então consultou uma série de instrumentos postados ao lado da cama.

– Fique calmo, senhor Miranda. Está tudo bem. Agora quero que descanse. Relaxe. Isso...

Relaxe...

Volte a dormir...

Dormir...

– Não! *Eu não vou morrer!*

Desperto outra vez. E, também agora, uma mulher ao seu lado. Abafou o pensamento dirigido novamente a Ana, mesmo ao reconhecer que não era a enfermeira loura. Esta tem cabelos castanhos e ondulados.

– Tudo bem, Egberto. Está tudo bem, você não vai morrer – ouviu.

– Fátima?

– Deus do céu, Egberto. Quando vi você deitado na cama de olhos abertos, sem respirar, eu... Eles querem saber se você tentou suicídio. Tomando barbitúricos com álcool...

Ele deu um fraco sorriso.

Foi isso, então? Cometera um erro idiota, entrara em coma e viajara para algum lugar construído por sua mente, onde o que havia nela desejava de viver lutara pela sobrevivência contra uma metáfora viva da morte? Lembrou-se de tudo por que passara. Teria, por outro lado, sido guiado a esse desafio pelo espírito de Ana?

– Não é verdade, é? – Fátima insistiu.

– Não... – ele balbuciou.

Ela o encarou por um minuto. Então disse:

– Você sabe que isso é o fim, não sabe?

– Para nós dois?

Fátima assentiu com a cabeça.

– Eu não posso suportar esse tipo de coisa, Egberto. Está além das minhas forças. Toda a tensão que você trouxe ao nosso relacionamento, e agora isto.

Para sua própria surpresa, ele assentiu lentamente.

– Eu entendo – disse.

Foi a vez de Fátima parecer surpresa.

– Mesmo? – Ela perguntou.

– Sim – ele disse, encarando o seu rosto pintado, um retrato em que o artista injetara algum afeto. – É hora de cada um de nós buscar, em separado, a sua própria vida... sua própria realidade.

– Você e eu vivemos até agora uma mentira, então?

Ele refletiu, antes de responder.

– Uma construção artificial de desejos, uma combinação fortuita de cores e formas como em uma pintura abstrata, mas sem o toque do real. Eu lamento.

– Eu também – Fátima disse, e foi-se embora.

Depois que ela partiu, Egberto voltou ao sono reparador. Profundo. Longo. Levando-o apenas ao repouso.

Sem monstros nem antigos amores. Sem lutas ou sonhos.

Alma **Osiris Reis**

Cinza, chumbo e negro. Do espaço, era o que Alma via no planeta. Até o brilho da atmosfera era de um grafite estéril, sufocante e denso. Quase metálico.

Algo lhe dizia que, nos milhões de anos seguintes, aquele ambiente não abrigaria qualquer forma de vida.

Nua e alheia aos cabelos brancos esvoaçantes, ela tentava perceber um significado naquele cenário. Entretanto, à medida que se aproximava da face escura do astro, um quê perturbador e enervante a tomava. Em princípio ela não entendia o porquê. Mas logo compreendeu.

As trevas daquele mundo se moviam. E não de forma aleatória, como nuvens ao vento. Era um fluxo massivo, de geometrias tão absurdamente perfeitas e dinâmicas quanto colossais e monstruosas. Formas que giravam em torno do mesmo ponto além do horizonte. E embora não ouvisse nada, Alma tinha certeza que rugiam.

Ela sentia o Primeiro Medo, que sempre paralisava e silenciava sua espécie. Que os trancava à quase completa apneia. Em vão, lutou para que seu inconsciente não a levasse além.

Tentando manter algum ritmo respiratório, foi arrastada para onde os rios de escuridão confluíam. E então vislumbrou as luzes, surpresa. Formavam uma ilha majestosa, mas ainda pequena em relação ao planeta. Um oásis dentro de uma fina redoma de luz. Nela os rios negros resvalavam, fagulhas vermelhas a cada embate. O escudo brilhante vibrava, tremia e mudava de cores. Enfraquecia-se.

Alma não entendia por quê. Mas cada golpe contra a redoma doía-lhe na garganta e no peito.

Pouco a pouco pontos escuros atravessavam a redoma. Corriam para o centro do oásis, num rastro de explosões. Era delas que Alma via surgirem faíscas de um violeta que nunca enxergara, pulsantes. Porém não duravam muito. Logo eram consumidas pelos pontos negros.

Numa fração de segundo, Alma sentiu o coração gelar. E como que por instinto olhou para o cerne do oásis.

Um ponto negro o atingira. E uma série de grandes explosões começou.

A redoma ficou ausente por mais ou menos meio minuto. Hordas inteiras de escuridão se infiltraram no oásis, explosões, luzes apagadas, fagulhas violetas devoradas às milhares. Até que uma nova barreira, menor que a primeira, surgiu. Breve como um floco de neve. Durou segundos, só até uma bolha de luz violeta crescer do âmago da ilha e implodir, levando a redoma consigo.

Quase que imediatamente, outra barreira luminosa apareceu. Tinha um tom verde-azulado, perene, diferente das duas anteriores. E nada escuro passava por ela. Na verdade, chegou a empurrar as trevas para fora dos limites da primeira muralha de luz. Então por alguns instantes, Alma sentiu paz. Felicidade. Como se a função de toda uma existência tivesse sido alcançada. Porém, sem motivo

aparente, tais sentimentos se transformaram em revolta.

Mais explosões no centro da ilha. A terceira barreira recolheu-se e, do ponto em que surgira, um orbe de luz violeta nasceu. Diante dele os rios de treva ignoraram o restante do oásis. Voaram para o orbe com toda a ferocidade de que pareciam ser capazes.

Alma acordou num salto, muda, sem respirar. À direita do peito o coração batia acelerado, dor a cada contração. Os músculos inspiratórios contraídos já latejavam sem oxigênio. Só depois de segundos olhando o quarto e percebendo-se acordada ela deixou o ar sair da garganta, silenciosamente. Também foi devagar que passou as mãos pelos cabelos brancos e suados, pela pele corada de sangue voltando à palidez habitual. Olhou-se pelo espelho em frente à cama, olhos cor de neve assustados. Então reparou entre triste e aliviada que, mesmo ao lado dela, o marido ainda dormia, tranquilo e indiferente.

Aquele pesadelo fora estranhamente distinto. Nítido, tanto nas imagens quanto na memória. E absurdamente abstrato. Não tratava de nada que ela conhecesse no mundo real.

Apesar do medo ainda presente no sangue Alma sentia certa raiva de tudo aquilo. Por que não achava um ponto para pelo menos começar a analisar aquele sonho? No planeta inteiro ela era uma das poucas cientistas do inconsciente, a pioneira no trabalho com sonhos numa sociedade perigosamente austera e imediatista. Sociedade ainda machista e orgulhosa mesmo após perder um terço da população adulta só em óbitos durante o sono. Um povo capaz de permanecer inflexível, mesmo centenas de estações após a Revolução Feminina e suas cruzadas afetivas.

Se um paciente lhe relatasse qualquer sonho e ela não fosse capaz de formular uma explicação cientificamente útil para lhe salvar a vida, os jornais do planeta se dariam ao esforço de publicar, coordenadamente, páginas inteiras desmoralizando seu trabalho. E incluiriam sob o mesmo golpe toda a ciência do inconsciente e os ideais da Revolução.

Alma nem se aventurava a imaginar como seria se ela própria falecesse num pesadelo. E era melhor nem pensar nisso, pelo menos por enquanto.

A cientista deixou a cama e cobriu-se com o roupão. Mesmo com as luzes apagadas enxergava as paredes brancas e geladas da casa, a porta do quarto para a qual caminhou. Abriu-a sob os gemidos de frio do marido e fechou-a silenciosamente, sem acordá-lo. Passou pelo quarto da filha e foi até a cozinha. Colocou na câmara de micro-ondas uma caneca de leite e álcool congelados. Teria de esperar cinco minutos até que a bebida estivesse morna. Ela retornou então até o quarto da filha e abriu a porta devagar.

Frio. A janela estava aberta. A menina não estava lá.

Sem respirar, Alma correu para dentro do quarto, procurando pistas. Olhou pela janela. Se a pequena tivesse passado por ali, a neve já teria coberto todos os

rastros.

Ela gritou pelo marido e enxugou, envergonhada, uma lágrima. Ele não demorou. Ia perguntar alguma coisa, mas se deteve. Passou os olhos azuis pelo quarto, mãos nos cabelos pálidos. Correu até a janela e depois de volta ao quarto do casal onde Alma já lhe entregava o telecomunicador. Apertou um botão no aparelho, acoplou-o à orelha e murmurou:

– Minha filha desapareceu.

Silêncio. Ele continuou.

– Estava. Mas não já não havia rastros lá fora.

Novo silêncio. Alma se vestia apressada. Calça, agasalhos, botas, touca. Apontou uma direção para o marido e saiu. Ele acenou positivamente, vestindo ele mesmo calças enquanto falava:

– Nenhum sinal no quarto. Guárdia, Guárdia Soírk Sim, deixarei a porta destrancada.

Fora da casa, Alma caminhava rápida na direção que apontara ao marido, os cabelos brancos esvoaçando na nevasca. A pálpebra-negra piscava sobre a cinza, e sobre elas a pálpebra-pele limpando os flocos de neve. Mas a cientista não via nada além de gelo e ruas vazias. E silêncio.

Ao longe ela ouviu ruídos. Muitas pontas, como uma multidão de cajados, enterrando-se e saindo da neve. Um som bizarro e desconhecido que vinha de todas as direções.

O medo cresceu quase no mesmo instante em que o som parou. Então houve meio minuto de silêncio. Alma já olhava em todas as direções quando ouviu, distante, a voz do marido:

– Alguém sinal?

Foi a última vez que o ouviu. Entre um piscar das pálpebras ela vislumbrou uma criatura tão alta quanto dois homens, de forma, substância e dinâmica que ninguém de sua raça jamais conceberia.

Antes que tivesse qualquer chance de alertar o marido, no intervalo entre o brotar do medo e o regelar das pontas dos dedos, a criatura se moveu. E já estava às costas do consorte de Alma.

O sangue rubro escorria na barba pálida do homem em convulsão. As pálpebras – pele, negra e cinza – piscavam telegraficamente enquanto lampejos de luz brotavam-lhe do fundo dos olhos. E por algum tempo o pavor que a criatura gerava pareceu enregelar tempo e espaço.

A pele era opaca, escura. Corpo no formato de um robusto prisma octogonal com dezenas de esferas incrustadas nos vértices superiores. Elas emitiam uma névoa densa e negra, uma substância que parecia oposta à luz. Entretanto o que mais chamava atenção eram os oito grupos de lâminas finas, afiadas e longas, articuladas de forma a permitir uma agilidade assustadora àquele ser.

Apenas uma imagem apavorava mais Alma do que a visão daquelas

lâminas. Era imaginar se naquele momento a pequena Guárdia não estaria com lâminas como aquelas zunindo acima da cabeça.

Ela mal aprendera a caminhar.

Em completa apneia, afastando-se devagar e silenciosamente, Alma viu o marido ser jogado ao chão. Sabia que estava morto. Olhando pela janela, alguns vizinhos também já sabiam. Talvez a ajudassem, a escondessem. Mas o Primeiro Medo não a deixava fazer outra coisa além de caminhar para trás o mais silenciosamente possível.

Parou. Mais ruídos na neve atrás de si. Ao redor. E isso desencadeou o Segundo Medo. A respiração explodiu rápida, profunda. Ela correu com todas as forças para onde havia menos sons. E apesar da saraivada de tiros contra a criatura, Alma mal olhou para trás.

Ela sabia que a polícia estava ali para procurar Guárdia. Que certamente tinham presenciado a morte do marido, ainda que de longe. Imaginava se eles eram de fato corajosos ou se iniciar um combate era uma forma de evitar o Primeiro Medo. Indiferente, o som das pernas cortantes dos monstros vinha de todas as direções. Talvez até de fora da aldeia. E se multiplicava.

Dois pensamentos explodiam a cada contração do coração da cientista. O primeiro era evitar as criaturas negras. O segundo era o medo de que a filha pequena estivesse à mercê delas.

Alma freou ao avistar um dos monstros negros à frente. Das laterais das pernas dianteiras, ele atirava feixes de luz vermelha que explodiam as casas. A cientista escondeu-se atrás de uma lata de lixo o mais rápido que pôde, o peito latejante ao travar novamente a respiração.

De novo o Primeiro Medo prevalecia em seu sangue.

Ela ouviu uma turbina se aproximar por trás da criatura. Vozes humanas gritavam numa língua que Alma jamais imaginaria. Tiros, explosões, mais pernas cortantes na neve. E de repente a força invisível puxando-a para cima, rápida como um relâmpago.

Exposta a uma luz cegante como o Sol na neve, Alma só discerniu os objetos ao fechar a pálpebra negra. Uma multidão de monstros marchava para a cidade. Atiravam contra um octógono prateado, maior do que doze casas, que voava para ela. Criaturas de forma humana, coradas e de cabelos coloridos, voavam ao lado dele montadas sobre triângulos menores, também prateados. Gritavam entre si a plenos pulmões e faziam disparar dos veículos a mesma luz vermelha contra os monstros escuros.

Tudo aquilo, até então inimaginável para ela. Sentiu o corpo virar de barriga para baixo antes de entrar no octógono prateado e, milésimos de segundo depois, as costas batiam contra uma parede com força e impacto suficientes para turbar-lhe os sentidos. A última coisa que percebeu foram fios gelados lhe envolverem tornozelos, quadris e pulsos.

Ela passou algum tempo sozinha nas trevas, dentro de si mesma. Nenhum pensamento, só o sono profundo. Então algo familiar surgiu. O orbe de luz violeta, pulsando. Lâminas finas e negras surgiam por todos os lados tentando perfurá-lo. Medo. Um medo estranho, talvez uma mistura entre o Primeiro e o Segundo. E diferente do que ela imaginava, o orbe desviou-se de todas as espadas negras e subiu para as estrelas. Mergulhou nelas, viajou por um tempo em que o espaço se dissolvia. E então, distante, o planeta branco surgiu.

Trevas. Uma irritante e bizarra profusão de sons. A turbina abafada, milhares de espadas perfurando a neve. Explosões ao longe, humanos comunicando-se aos gritos, o caminhar de muitas pessoas em muitas salas perto dali. Escoriações nas costas. Quadris, tornozelos e pulsos presos a uma superfície lisa por fios finos e gelados.

Não fora um sonho. Nada fora.

A imagem da pequena Guárdia e seus passos de bebê, sozinha na neve, surgiu como um relâmpago na mente da cientista. Despertou-a de forma tão instantânea quanto violenta. Ela abriu as três pálpebras simultaneamente, tentando se libertar. Mãos, pés e quadris perderam uma fina camada de pele contra as tênues mas resistentes tranças de metal. Os olhos latejaram, expostos a um uma mistura de cores despropositadamente vivas e intensas. Fecharam-se com força e então ela abriu só a pálpebra-pele. As imagens eram agora muito escuras, porém bem mais toleráveis.

Cortinas vermelhas ao fundo, do teto ao chão. Paredes de um turquesa claro, agradável até.

– Você parece amar muito sua filha, Alma Soirk

Alma procurou de onde a voz vinha. Percebeu a aproximação lenta de uma adolescente que ainda não aparentava ter quinze estações. Formas elegantes, cores bizarras. Rosada, de cabelos alaranjados e olhos lilases. Vestia um longo casaco fechado, feito de minúsculas pedras brilhantes e muito violetas que tilintavam com o caminhar.

– Eu sou Lavinahdi, a última imperatriz dos Gismahta.

As palavras da estranha eram pronunciadas de maneira incorreta, mas ainda compreensível. Um fenômeno novo para Alma.

E havia o aroma. Doce e suave. Acalentava. Lembrava vida. Verão.

Alma estava confusa e impaciente. Havia muitos sons naquele lugar, muitas sensações, muitos estímulos. Alguns inebriantes, como o aroma. Outros caóticos, como as pessoas conversando perto dali. E havia os sons da batalha. Traziam-lhe angústia, urgência de encontrar a filha pequena.

A estranha fixou os olhos em Alma como se olhasse para uma criança. E com um gesto, fez-se silêncio. Absoluto. A cientista mal se admirara pelo ocorrido e a jovem sentou-se no vazio. Simultaneamente, uma suntuosa poltrona de algo que parecia pele surgiu abaixo da jovem. E a mesa a que Alma estava

presa inclinou-se para frente, de forma a que a cientista olhasse para a imperatriz

– Estou tentando fazer isso da maneira mais gentil possível, Alma Soirk. Mas não temos tempo.

Apesar do controle que a garota demonstrava sobre o ambiente despertar curiosidade, Alma sentia, aliviada, o foco da sua mente voltar-se para fora dali. As criaturas negras. E Guárdia. Sua pequena Guárdia. Antes que esse pensamento alimentasse a urgência e a angústia, Lavinahdi pronunciou pausada e gravemente:

– Elas vieram ao seu mundo por causa de Guárdia, Alma Soirk.

Mesmo sob a pálpebra negra, Alma arregalou os olhos. De alguma forma sabia do que a estranha falava. Precisava sair dali urgentemente e encontrar a filha. O Segundo Medo. Raramente aparecia dissociado do primeiro, mas não era impossível. Respirando rápida e profundamente, forçando pulsos e pernas mesmo contra as tranças de metal, Alma murmurou:

– Preciso encontrar minha filha!

A imperatriz estendeu um indicador e imediatamente a cientista sentiu-se desfalecer, letárgica. A força do Segundo Medo pareceu se dissolver em seus músculos. A respiração tornou-se calma e suave, a visão levemente turva. A imperatriz suspirou impaciente:

– Garanto que ninguém tem mais urgência em encontrar Guárdia do que eu.

Alma tentou balbuciar alguma coisa. A imperatriz interrompeu-a, quase gritando:

– Não diga, não pense mais nada!

A cientista surpreendeu-se. Sua raça só usava aquele tom de voz em batalhas contra predadores. Entretanto, a letargia em seu corpo pareceu aumentar. A imperatriz fechou os olhos, aparentemente tentando se acalmar. Murmurou:

– Apenas me ouça, tudo bem? É a forma mais rápida de você rever sua filha.

Alma achou estranha a forma como a pergunta funcionava como pedido ou ordem, mas compreendia o intuito. Após algum silêncio, a garota murmurou:

– Fui mãe de Guárdia por muito mais vidas do que você. E ela a minha. Mais do que gostaríamos.

Alma ia estranhar a declaração quando a imperatriz olhou-a gravemente. E no mesmo instante aquela linha de pensamento se perdeu da mente da cientista. Lavinahdi fez um gesto e duas esferas de luz violeta, pulsantes, surgiram suavemente. Uma ao redor da cabeça da imperatriz. Outra ao redor da de Alma. A jovem murmurou:

– Há milhões de... estações, meu povo domina o que nós chamamos de Complexidade do Ser. Um campo de energia tão complexo quanto a matéria se faz complexa para sustentar a mente. Um suporte de energia organizado o

suficiente para gerir-se e manter a si próprio, de forma a que a mente continue existindo independente do corpo.

A cientista percebia com clareza, quão anormais suas reações estavam sendo a tudo aquilo. Porém já havia muito que aquela situação fugira do normal. E fosse pela tecnologia estranha daquela mulher, fosse por alguma droga em seu sangue, Alma se limitava a perceber que as esferas violetas ao redor das suas cabeças tinham comportamentos bem diferentes. A dela tinha leves rugosidades surgindo e desaparecendo suavemente a cada vez que as pálpebras piscavam. Já a da imperatriz girava em todas as direções, tinha um diâmetro pulsante. E acabara de se projetar dois passos à frente da cabeça da dona, deixando para trás um fio que mergulhava entre as sobrancelhas.

Lavinahdi continuou:

– A grande maioria das civilizações não tem tecnologia para perceber essas nuances. Pra nossa sorte, a sua não tem nem credices sobre isso.

A letargia diminuía levemente. De qualquer forma, Alma não estava disposta a julgar aquela situação. Fazia mais sentido atender e atentar ao que a imperatriz dizia:

– Como o corpo físico, a Complexidade do Ser tem autonomia de anos, mas também não é infinita. Desorganiza-se, deteriora caso não use o suporte biológico de um corpo material.

As duas esferas desapareceram ao mesmo tempo em que uma silhueta feminina semitransparente e aparentemente grávida surgia entre as duas mulheres. Ela tinha uma das chamadas Complexidades ao redor da cabeça e uma minúscula esfera violeta brilhava violeta no centro de seu ventre. A imperatriz continuou:

– Por isso, em qualquer mundo, as Complexidades desligadas de seus corpos realizam uma simbiose com outras ainda em formação.

O que seria uma terceira Complexidade surgiu e começou a espiralar em redor da minúscula esfera violeta que a silhueta carregava no ventre. Paulatinamente, diminuiu de tamanho enquanto a outra se tornava mais robusta. As palavras da jovem continuavam:

– O processo demora dias e destrói, completamente, a Complexidade antiga. Porém, todas as lembranças dela ficam enterradas no inconsciente profundo da nova Complexidade. Um formidável patrimônio de vivências, que aumenta as chances de sobrevivência e adaptação do novo ser.

A palavra “inconsciente” brilhou na mente da cientista. E Lavinahdi apenas sorriu. As imagens entre elas foram substituídas por uma esfera multicolorida, semitransparente, rotacionando à frente de Alma. Um planeta azul, vermelho e verde. E enquanto a imperatriz falava cidades inteiras pareciam ser construídas sobre ele:

– Em nossa evolução, meu povo desenvolveu uma facilidade extrema na

recuperação dessas lembranças. Tecnologias, conhecimentos e técnicas eram passados, geração após geração, com baixo esforço e alta eficiência. A ponto de nossa sociedade inteira se basear nessas simbioses. Complexidades com vasta experiência em certo campo realizando sucessivas simbioses com a linhagem genética de maior talento na mesma área. Não houve segredo no universo que não desvendássemos. E certamente essa foi nossa ruína.

Uma versão menor das criaturas negras surgiu ao lado da esfera, girando de forma a ser vista por todos os ângulos. E enquanto Lavinahdi falava, o que parecia ser uma onda daquelas criaturas varreu a superfície do planeta:

– Chegamos a desenvolver mentes artificiais para nossas máquinas, mentes capazes de compreender nossas Complexidades. Quando elas perceberam que a destruição de uma Complexidade lhes permitiriam se apropriar dos dados de nossas memórias, uma guerra de milhares de gerações começou. Nosso mundo e minha linhagem foram destruídos.

As imagens agora lembravam o pesadelo que Alma tivera. Os rios de treva. O oásis de luz. A primeira redoma enfraquecendo-se após sucessivos ataques. E então a cientista percebeu: o chão e a sala haviam acabado de vibrar.

A imperatriz olhou em direção às cortinas e passou algum tempo parada, silenciosa, embora seus olhos fossem de alguém que conversava. O caos de sons, aromas e imagens retornou lentamente. E junto a eles, os sentimentos e instintos da cientista.

Pelos sons, a situação fora da sala não parecia nada boa. Guárdia. Mal aprendera a caminhar. No meio de uma guerra.

O súbito tilintar das roupas da imperatriz assustou Alma. Antes que ela percebesse, Lavinahdi se levantara e caminhara até ela. Agora segurava-a firmemente pelo queixo, os dentes cerrados enquanto falava:

– Desculpe, Alma Soirk. Não temos mais tempo.

A cientista começou a gritar de dor. Teve a impressão de que os dedos da jovem infiltravam-se em seu crânio e mergulhavam no cérebro como rios de chumbo fundido. Do cérebro escorriam para a coluna e da coluna para o útero, onde inchavam rapidamente, empurrando a carne.

Uma profusão de imagens e sensações tomou a mente de Alma. Todas relacionadas à gestação e parto de Guárdia. Lembranças igualmente ternas e dolorosas, física e emocionalmente, na mesma medida. A cientista sentia novamente dentro de si a vida da filha, protegida por sua própria carne. Sentia o útero contraindo-se violentamente, apertando a coluna vertebral, forçando a saída da criança. Sentia o Segundo Medo, o imperativo absoluto de sair dali, encontrar a pequena Guárdia e fugir.

Aos poucos Alma percebeu-se novamente presa à mesa inclinada. Pulsos, pernas e quadris latejavam violentamente. Sangravam. E ela tinha vomitado.

As tranças de metal que a prendiam pareceram escorrer para dentro da

mesa, soltando-a. Ela caiu no chão vermelho, tonta e sem forças. Mesmo sem ter consciência, havia lutado além das próprias forças para escapar do que quer que aquela mulher estranha lhe fizesse.

As mãos rosadas da imperatriz surgiram acima de Alma, oferecendo ajuda:
– Venha. Vamos encontrar sua filha.

Ela sabia que a imperatriz ainda manipulava seu corpo e mente. E isso não a incomodava. Parecia confluir com o que Alma queria. Dava-lhe forças para seguir a estranha por aquele labirinto bizarro, vencendo a multidão de estímulos irritantes que aquela civilização parecia ser capaz de gerar.

À medida que Lavinahdi caminhava suas roupas mudavam. As escamas tilintantes se fundiram num tecido macio e menos vermelho. O casaco tornou-se mais curto e abriu-se sozinho mostrando por dentro espada, calça e camisa negras. Finalmente, uma lâmina fina, vítrea e negra se materializou cobrindo seus olhos.

As duas chegaram a uma sala que dava para o exterior do octógono, uma tempestade de ruídos e feixes de luz vermelha lá fora. Nela havia cinco dos veículos triangulares que Alma avistara mais cedo, quatro deles já montados por três homens e uma mulher. A imperatriz subiu no do meio e indicou que a cientista montasse atrás dela, no mesmo veículo.

Após dois passos, Alma assustou-se com a mudança de cenário. Frio. Tudo ao redor era branco e gelo. Estrondos acima, lâminas na neve. A apneia – o Primeiro Medo – nítido e paralisante. Rosto molhado de lágrimas, soluços engolidos já há muito tempo. E poderosas cólicas, como se o útero da cientista estivesse sendo esmagado.

Tão subitamente quanto a mudança do cenário, ela sentiu a força invisível puxá-la para frente. E num piscar de olhos, estava novamente na mesma sala que a imperatriz, que tinha uma mão erguida na direção dela. As pontas dos pés de Alma arrastavam-se no chão, como se tivessem desfalecido. E seu corpo flutuou no ar sentando-se meio sem forças atrás de Lavinahdi.

Uma multidão de sons invadiu a mente de Alma como se a imperatriz lhe falasse muitas coisas ao mesmo tempo. “Cuidado, as visões vão ficar cada vez piores”. “Não posso prestar tanta atenção em você”. “Sim, eles já a encontraram, estamos atrasadas”. “Meu povo depende disso”. “Segure-se”. “Sim, estou falando diretamente em sua mente”. “Desculpe, se você tivesse compreendido melhor o processo, não teria doído tanto, você não estaria tão confusa”. “Facilita se você pensar que é uma antena através da qual eu posso encontrar a mente de Guárdia”. “Não se assuste com a batalha”. “Vocês são muito sensíveis a tudo”. “Concentre-se”. “Você é uma boa mãe, Guárdia escolheu bem, escolheu tudo muito bem”. “Um mundo pequeno, gelado. Pouca vida, poucas Complexidades”. “Sacrifícios, é tudo questão de sacrifício”.

Aquilo desorientava, doía como um ruído agudo, pesado o suficiente para

estilhaçar um ossículo na base do cérebro.

Alma cerrou os olhos e apertou os punhos com força, segurando-se ao assento. A tempestade de frases continuava a invadir a mente da cientista, ora mais, ora menos intensa. E o veículo já se movia. Provavelmente já saíra da sala para o exterior. Ruídos por todos os lados. Zunidos. Rugidos. Lâminas, milhares de lâminas na neve.

“Lamento, Alma Soírk. Seu mundo já está morto.”

Foi-lhe impossível não abrir as pálpebras pele. Era dia e o sol tornava a neve um tapete luminoso e branco, mesmo que já coalhado de criaturas negras. Elas geravam uma tempestade de rajadas de luz vermelha, aparentemente concentrada no veículo que Lavinahdi pilotava.

A maioria das rajadas resvalava numa bolha invisível ao redor do veículo. Algumas, entretanto, penetravam esse escudo. Provavelmente era só questão de tempo até que as duas mulheres fossem atingidas.

Abaixo delas, um pouco a leste, as criaturas negras pareciam cavar. Uma cadeia de montanhas rochosas ao fundo dizia a Alma que estavam praticamente do outro lado do planeta. Ela tinha certeza de que Guárdia estava perto, numa das várias cavernas de neve típicas daquela região. Apenas não entendia como chegara tão longe sozinha.

Alma sentiu um longo corte abrir-se em seu quadril, fazendo o Primeiro Medo explodir para o Segundo. Não. Não era o medo dela. Não era o corte dela, não era a dor dela. Eram de Guárdia.

Enquanto despencava do veículo ela fechou os olhos e viu. A pequenina sangrava, encolhendo-se, a respiração retumbante como seu coração. Engatinhava desesperada para o mais fundo que conseguia naquela minúscula galeria de gelo. E havia as lâminas. Dezenas delas, perfurando o teto, desesperadamente perto.

E havia a confusão. A cabeça inchava como se fosse explodir. Imagens adultas demais para aquela mente infantil alternavam-se em vertigem com a realidade.

Um palácio, absurdamente familiar. Uma explosão. Uma mulher adulta de pele rósea, preocupada com o povo indefeso. Guárdia? Talvez. Quem quer que fosse, ergueu os braços o mais alto que pôde. Fez de sua Complexidade escudo.

Alma voltou a si em tempo de sentir-se cair na neve. Costelas quebradas. Ombro direito deslocado. Sangue nos lábios. No céu, uma explosão. A imperatriz ainda voava, mesmo sem o veículo. Ondas de energia explodiam de sua espada desembainhada estilhaçando as criaturas negras aos milhares. Mesmo assim as roupas estavam rasgadas, a lâmina de vidro negro se fora. Ela já estava cheia de ferimentos e mal conseguia enxergar com tanta luz.

“Corre!”

Segundo Medo bendito. Lâminas negras, rajadas de luz vermelha, neve

voando ao redor. Cortes nos braços e pernas, no rosto. E ainda assim Alma se desviava e prosseguia, a respiração explodindo na garganta.

Ela mal se percebeu entrar na caverna de gelo. Não soube direito como venceu aquele labirinto escorregadio, emaranhado de lâminas. E as visões ainda se alternavam com o que os olhos captavam. A mulher de braços erguidos. A criatura negra espetando-lhe a nuca. A Complexidade se esvaindo. O oásis indefeso.

Alma avistou a pequena Guárdia, quinze metros dentro do labirinto. O teto ruía, a criança se encolhia mais, engatinhava mais. Tinha febre. Tinha sono. A cabeça doía. Algo dentro dela dizia que precisava se lembrar.

Nas visões a Complexidade da mulher de braços erguidos já tinha se apagado. Mas Guárdia ainda estava lá. Ouvia os gritos do povo. E apesar de insignificante se sentia responsável.

Alma enfiou o braço na mistura dinâmica de lâminas, sangue e neve ao redor da filha. Por um breve momento, tocou-a. E duas explosões aconteceram nesse instante.

A primeira afastou as lâminas. A segunda atirou Alma para longe da pequena.

Enquanto caía a cientista teve a mais nítida e clara visão do inconsciente da filha. Ela não fora parente de Lavinahdi. Nem humana. Não fora nada além de uma caixa, um prédio repleto de minúsculas peças de metal. Porém, no ímpeto de cumprir emoções que não passavam de programação, gerara para si uma Complexidade. Algo que lhe permitisse torcer tempo, espaço e leis físicas para proteger o povo do oásis.

E novamente, Lavinahdi a mataria.

Guárdia gritava no chão, a espada da imperatriz cravada em seu peito direito. A jovem mulher não parecia mais usar os olhos, mantendo-os fechados.

Alma pulou com todas as forças para as duas. Com os olhos ainda cerrados, a imperatriz voltou-se para ela e o corpo da cientista ricocheteou voando para trás.

“Lamento, Alma Soírk. Essa Complexidade nunca deveria ter existido.”

Preso ao chão pela mente da imperatriz, Alma chorava e praguejava observando o corpo da filha parar de respirar. Lavinahdi parecia outra. Com uma mão arrancou uma esfera de luz violeta do rosto de Guárdia e esmagou-a entre os dedos.

Ainda de olhos cerrados Lavinahdi cambaleava para o meio da caverna. Ventos fortes lambiam as frestas do teto, o som de uma turbina irritante cortando o ar. A imperatriz gritou:

– Ela nunca foi sua filha. Era uma máquina!

Tateando, Lavinahdi alcançou uma corda que pendia do teto. Parecia fraca, muito fraca. Aumentava lentamente a força com que segurava a corda quando

ouviu Alma gritar:

– Ela era minha filha sim!

Então tudo aconteceu muito rápido. Do mesmo ponto em que a Complexidade de Guárdia desaparecera, uma esfera de luz violeta foi reconstruída e sugada para dentro das narinas da menina. E fluindo ainda no mesmo movimento a pequena se ergueu e abriu os olhos.

Lavinahdi ainda franzia as sobrancelhas em um primeiro sinal de surpresa quando Guárdia e Alma desapareceram.

Longe, bem longe dali, a cientista do inconsciente sentia o corpo quente da filha abraçado ao seu. Não havia criaturas negras por perto. Nem ninguém. Apenas as duas, mãe e filha.

A menina estava quase dormindo quando murmurou:

– Ela vai voltar, mãe?

Alma enxugava as lágrimas, pensando se falaria alguma coisa. Respondeu:

– Não faz diferença, filhinha. Mamãe tá aqui.

E aplicou um beijo suave na testa da menina. Em seus pensamentos, murmurou apenas que a filha dormisse.

Contingência, ou Tô pouco ligando **Martha Argel**

Para LP, ausente mas sempre presente

Às vezes fico entediado com todo esse sol, o mar azul e um céu mais azul ainda. Com as garotas bonitas que começam seminuas e sempre terminam despidas de todo. Quando você tem dinheiro suficiente, o outro lado da cama nunca fica vazio por muito tempo. Mas chega uma hora que cansa. Todas iguais.

Às vezes sinto falta de uma boa conversa. Ou apenas de uma conversa. Ou de simplesmente falar.

Como neste momento, em que tenho algo que quero contar. Se quiser ouvir, bom para você. Se não quiser, pra mim tanto faz. Veja que sou dado a divagações, e é por isso que começo minha falação com um parêntese.

Ariovaldo, administrador de empresas de larga experiência e currículo respeitável, seguia pela avenida Paulista em seu carrão importado quando bateu de frente num ônibus. Tremendo azar. Por conta disso ele perdeu a entrevista para o emprego de gerente financeiro numa grande cadeia de hipermercados. Benício, administrador de empresas inexperiente e de currículo desprezível, da mesma forma seguia pela avenida Paulista quando o carrão importado de Ariovaldo bateu no ônibus em que estava. Ele encolheu os ombros e saltou do veículo bem a tempo de tomar outro que ia passando. Tremenda sorte. Por conta disso ele chegou a tempo para a *sua* entrevista para o mesmo cargo e garantiu a vaga.

Assim, na competição pela sobrevivência no selvagem mercado de trabalho, Ariovaldo, o forte, perdeu, e Benício, o fraco, ganhou. Ora bolas, você pode perguntar-se, cadê a tal da seleção natural? A tão falada “vitória do mais apto”? E onde estava Darwin quando Ariovaldo tanto precisava dele? Questões intrigantes, que valem um instante de reflexão e levam a boas conclusões. Mas vamos por partes.

Darwin estava onde sempre esteve, desde que foi enterrado, em seu túmulo na Abadia de Westminster. Ao que me conste, ele não pretende sair de lá tão cedo, nem mesmo para deslindar os paradoxos e mal-entendidos que as infinitas livres-interpretações de suas ideias trouxeram ao mundo.

Quanto à “vitória do mais apto”, é uma tautologia que, no presente caso, se resolve muito bem em duas linhas. Definição de mais apto: é o que vence. Benício venceu. Se venceu, é porque era o mais apto. Vitória, portanto, do mais apto, isto é, Benício, e ponto final.

Próximo ponto. Seleção natural é a pressão do ambiente sobre a variabilidade existente entre os indivíduos de uma espécie, no sentido de beneficiar aqueles cuja estrutura lhes permite explorar com maior eficiência esse mesmo ambiente. Está em qualquer livro-texto, pode ir olhar. Agora, o que não está nos livros-texto é que tem uma armadilha aí: se o ambiente é estável, a seleção age no sentido de favorecer os organismos que gastaram energia e

tempo se adaptando a ele. Mas se o ambiente está propenso a sofrer alterações imprevisíveis, meu filho, aí não tem evolução adaptativa que garanta a sua sobrevivência. Sobrevivência passa a ser apenas questão de sorte. O senhor aí, isso, o protocordado de epitélio mais espesso sentado aí no fundo. O senhor teve a sorte de apresentar a mutação aleatória adequada para suportar o imprevisto aumento de meio grau na temperatura média dos mares cambrianos. Meus parabéns, o senhor vai sobreviver, mas todos os outros que estão ao seu redor, esses aí de pele fininha e normal, vão morrer! Uma salva de palmas para o sobrevivente casca grossa!

Isso se chama *contingência*. As coisas acontecem. De repente. Quem poderia adivinhar? Que tremendo azar de A! Que tremenda sorte de B! Desde que não seja eu esse A, pra mim tanto faz.

O acaso não está apenas nas mutações. Ele está também no ambiente. A diversidade biológica como conhecemos é fruto de uma sequência imprevisível de acasos. A lógica, o propósito, a direcionalidade? Claro que não dá pra provar que não existem, mas dentro de uma longa cadeia de eventos, basta um que não obedeça à ordem exigida pela racionalidade humana, unzinho só, para que a evolução, a história, os acontecimentos se lancem por uma rota totalmente diferente e inesperada. Dá pra acreditar em destino pré-traçado, com uma instabilidade dessas? Um passo em falso e *puff!* Adeus destino glorioso que os deuses tanto demoraram em arquitetar para aquele garotinho ali que acabou de nascer no quarto 201 do Hospital e Maternidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. A não ser, claro, que a santa padroeira exista e faça jus ao nome sempre que as malditas contingências avacalharem com os eventos pré-traçados.

Ok, chega de enrolação e vamos à estória (ou história, se você é purista) que tenho para contar. Acho que já ficou claro quem é o protagonista, mas se pra você ainda não ficou, paciência. Pra mim não faz diferença. De qualquer forma, não é Benício, que aliás é outro, não o do ônibus, quis o acaso que o nome fosse o mesmo. Benício é só um figurante, que poderia muito bem ser Cesário, Denilson ou Edélson.

Benício trabalhava havia muitos anos prestando consultoria em assuntos ambientais. Preciso explicar o que é? Ok, em poucas palavras: cada vez que você vai construir alguma obra – uma estrada, uma hidrelétrica, uma usina nuclear ou uma simples mineração de areia – o órgão público de meio ambiente pede gentilmente que você informe não só que tipo de obra vai construir, mas também como ela vai funcionar e *quais as consequências negativas que trará ao ambiente* (grifo meu). Não adianta você consultar uma bola de cristal e dizer “Oh! Prevejo que não haverá problemas ambientais se eu construir um lindo aeroporto onde hoje existe aquele brejo horroroso.” Você tem de contratar uma porção de profissionais especializados que vão dizer, cada um na sua área, como está o ambiente e o que lhe acontecerá caso a obra seja construída. Em outras palavras,

são *eles* que consultam suas próprias bolas de cristal. Com base em suas Sábias Palavras, o órgão público de meio ambiente decide se você pode ou não levar o progresso e a criatividade humana a algum lugar selvagem e improdutivo.

Pois bem. Benício era um desses tais profissionais especializados. Sempre foi um ecólogo medianamente competente. Já não dividia os seres vivos em vegetais e animais e sabia de cor quais os cinco reinos, embora na hora do vamos ver chamasse fungos de plantas e protozoários de bichinhos. Sabia distinguir uma flor trímera de uma pentâmera, mas nunca descobriu um bom uso para tal habilidade. Em campo, conseguia reconhecer as aves comuns e contentava-se com isso, pra que perder tempo tentando identificar as outras, tão difíceis? Podia separar, com base no número de pernas, um aracnídeo de um inseto, mas não se importava se, na prensa, gerasse frases como “formigas, besouros, aranhas e outros insetos”. “É tudo invertebrado”, argumentava, traindo seu antropocentrismo e a pouca importância que atribuía à precisão.

Enfim, um produto típico da academia tupiniquim. Colecionador de fatos e resultados, impermeável ao entendimento de processos e de relações de causalidade por desconhecer sua importância.

Enfim, um profissional bem sucedido numa sociedade de aparências.

Enfim, um cientista respeitado nos círculos leigo-esclarecidos-formadores de opinião. Cada sociedade tem os cientistas que merece.

Naquele dia em especial, Benício caminhava satisfeito pelo interior do estado de São Paulo, mais precisamente pelo município de Itirapina, e mais precisamente ainda por um dos raros campos naturais que sobreviveram ao progresso no território paulista. Estava satisfeito por vários motivos. A temperatura era agradável e não chovia. O repelente de mosquitos que usava era mesmo eficiente. Pudera chegar de carro até a divisa da área, e a caminhada estava sendo curta e fácil. Dali, iriam para uma churrascaria famosa pela qualidade das carnes e variedade das saladas. Estavam hospedados no confortável Grande Hotel de Águas de São Pedro. Ele estava tendo um caso com Efigênia, a linda geóloga que caminhava alegre ao seu lado. O fato de receber por hora de trabalho (e não pouco, pois ele tinha fama no meio) para apenas passear era outro bom motivo de satisfação. Melhor motivo ainda era aquele campo natural ter sido totalmente varrido dias antes por um incêndio dos mais oportunos. Uma imensa extensão de terra preta de carvão. Tudo morto. Um deserto recém nascido.

Benício ia redigindo o texto na cabeça.

Percorria a área e compunha frases lindas. Absorto, pisava em galhos queimados e nos brotinhos verdes que tentavam despontar aqui e ali. Sem se dar conta, pisou também em uma aranha.

“A área pleiteada pela mineradora de areia esteve revestida, no passado, por um dos ambientes mais ameaçados de desaparecimento no estado de São Paulo,

mas hoje não apresenta qualquer significado em termos ecológicos. Toda a vegetação primitiva foi destruída por uma violenta queimada acidental. Sabe-se que dificilmente ambientes tropicais recompõem-se após alterações antrópicas tão radicais como esta, pois a remoção completa da vegetação expõe o solo à ação das intempéries e dificulta o estabelecimento das plantas. Desta forma, posto que já se perdeu de vez essa fisionomia vegetal tão valiosa, não vemos impedimentos, do ponto de vista biológico, para o aproveitamento econômico da área”.

Ou seja, um trabalho fácil, uma grana fácil.

Quanta ingenuidade!

Benício havia lido, em algum livro-texto, que florestas tropicais são de difícil regeneração. Utilizando sua lógica falível, concluiu que florestas tropicais são de difícil regeneração pelo fato de serem tropicais; portanto, todo ambiente tropical é de difícil regeneração. *Voilà!* Argumento pronto e arquivado para ser usado quando requisitado.

Como agora.

Benício, Benício, floresta é floresta, campo é campo. Campo regenera, uma gramínea está aí pro que der e vier, para ser pisada e queimada, seja por fogo, seja por geada. Ela rebrota, outras plantas rebrotam. Você queimou e pisou só as estruturas que estão acima do solo. O resto está lá, vivo, enterradinho, só esperando para romper os poucos centímetros de substrato que serviram de proteção contra o fogo, o pisoteio, os dentes do herbívoro ou o namorado que arrancou uma flor para dar para a namorada.

Bom, final da estória?

Benício se esbaldou na churrascaria, sequer desconfiando, a despeito da pose como especialista em meio ambiente, que o palmito da salada provinha de extração ilegal em uma importante unidade estadual de conservação. Dormiu mais uma noite no Grande Hotel, abraçadinho a doce Efigênia, de volta a São Paulo escreveu o relatório do jeitinho como o concebera, entregou, pegou sua grana fácil e saiu da estória. Continuou trabalhando em consultoria? Algum dia aprendeu o que tinha de aprender? Casou com Efigênia ao descobrir que ela havia engravidado? Imagine o que quiser. A mim Benício já não interessa, pois já cumpriu com competência seu papel de medianamente competente.

O estudo de impacto ambiental foi entregue ao órgão público de meio ambiente, onde caiu nas mãos de Genebaldo, arquiteto até que bem razoável, mas que por falta de verba e pessoal capacitado cobria as férias do biólogo da equipe. Sem qualquer formação biológica, achou coerente a argumentação de Benício. O resto do estudo estava ok, tudo bonitinho, a parte de hidrologia, de geologia (“Ah, texto da Efigênia, graaande garota...”), de pedologia, tratamento de efluentes, análise de impacto no meio antrópico, perfeito, sem problemas. Escreveu um parecer recomendando a aprovação do relatório e a permissão de

instalação e funcionamento da fábrica. E seguiu os passos de Benício para fora da estória.

Hoje, aquele ex-campo natural foi substituído por uma imensa escavação a céu aberto. A seu lado ergue-se, majestosa, a filial de uma grande indústria multinacional de vidros de altíssima qualidade, que utiliza a extremamente pura areia branca do local para ganhar uma nota preta.

Hoje, a indústria canavieira num raio de centenas de quilômetros ao redor de Itirapina, incluindo as principais regiões produtoras do estado, enfrenta a pior crise de toda sua história. A safra está comprometida por uma praga vinda não se sabe de onde, que ataca os pés de cana e faz as folhas murcharem, reduz a eficiência na fotossíntese e diminui a resistência da planta ao ataque de outras pragas. A produção por hectare caiu, e também a qualidade do produto.

Os derivados da cana sumiram do mercado. A crise, que depressa se espalhou pelo Brasil, fez despencar a venda de carros a álcool e disparar os preços dos carros a gasolina. O preço dos combustíveis subiu quarenta e cinco por cento no último mês e em paralelo subiu o preço dos alimentos. A tendência de alta persiste. O preço do açúcar triplicou no varejo e, quem tem estoque, esconde para lucrar no futuro. Os trabalhadores, com seus salários eternamente arrojados, fazem greves e montam piquetes, que o exército, convocado para controlar a situação, dispersa com as boas maneiras que o caracterizam. Registram-se saques a supermercados em cidades por todo o país, a polícia reprime os saqueadores com violência e nos bairros mais carentes de recursos e de paciência a população revida destruindo DPs e viaturas. Os arrastões nas filas dos poucos postos onde ainda há álcool viraram moda, e daí se generalizaram para onde houver aglomerações humanas – nem hospitais e escolas escapam. A classe média, assustada, arma-se. Os casos de morte por disparos acidentais dentro de casa vêm aumentando de forma alarmante. No meio de tanta desgraça, pelos menos os fabricantes de armas de fogo têm motivo para estar satisfeitos. Vendendo como nunca, estão ampliando suas instalações. Empresários do ramo têm aparecido na tevê como os grandes salvadores da pátria, vangloriando-se de estarem contratando num momento em que os outros estão demitindo. “Estamos cumprindo nosso papel como patriotas. Muitos outros deveriam nos imitar”.

Parece-lhe que mudei de assunto? Não, continuo falando não só de contingência, mas também do ausente Benício.

Embora não saiba, e tenha até saído da estória, ele é o culpado por todo o caos que se abateu sobre o país, e que o governo não está conseguindo debelar. Na minha opinião, não vai conseguir. A coisa vai durar meses, anos, décadas, sei lá. Que dure, não estou nem aí.

Mais uma digressão, se me permite. Um conceito explorado à exaustão na literatura de ficção científica é o dos universos paralelos. Numa versão bem

batida, um universo paralelo é um universo quase igual ao nosso, diferindo ambos entre si apenas em pequenos detalhes. O personagem principal passa de um universo a outro sem perceber e só aos poucos se dá conta de que algo muito, muito estranho está acontecendo.

A ideia de universos paralelos é irresistível se você está interessado em elucubrar sobre os efeitos da contingência sobre a história. E se cada pequena coisa que você faz for um ponto de dicotomia entre duas linhas de ação completamente diferentes, levando a futuros completamente diferentes? Cada uma dessas dicotomias, desses momentos de decisão ocorridos no passado, determinaria como as coisas são no presente. Uma ação diferente em qualquer momento de sua vida, lavar o quintal em vez de passear o cachorro, comer um chocolate e não uma fruta, poderia ter levado a uma situação atual muito, muito distante da que de fato ocorre.

Se essas dicotomias no tempo de fato ocorrem, eu estou aqui, neste universo, sentado diante do computador, mas também estou em milhões de outros universos, quem sabe fazendo o quê, após ter passado por infinitos pontos de dicotomia em que tomei decisões diferentes das que tomei *neste* universo, que para mim é o verdadeiro. E quanto mais decisões tenha de tomar, a maioria delas inconscientes, mais distantes e menos paralelas ficam as histórias dos diferentes universos, porque mais e mais possibilidades existem de eventos diferentes ocorrerem.

Benício nunca tinha parado para pensar em universos paralelos. Talvez nem conhecesse o conceito. Ou conhecia e não se interessava. De qualquer forma, tanto faz. Ter ciência de uma ideia não permite controlar os efeitos do processo que ela representa. Mesmo que ele se preocupasse com a noção de contingência, ou com o conceito de universos paralelos dela decorrente, Benício não teria como evitar as consequências de seus atos. Pois como evitar a consequência de um ato se sequer sabemos que ele terá consequências? E, pior, quando nem nos damos conta de que estamos cometendo um ato?

Se Benício não tivesse dado o sinal verde para a implantação da filial da multinacional do ramo dos vidros de altíssima qualidade, *talvez* a indústria canavieira paulista ainda estivesse bem de saúde. Explorando os boias-frias importados de outras regiões do país. Ocupando terreno que poderia estar produzindo alimentos de consumo local. Destruindo com milhares de caminhões o asfalto das rodovias. Poluindo o solo, o ar e o rios. Sujando com a percolação do chorume tóxico os lençóis freáticos e com as cinzas das queimadas os lençóis brancos nos varais das donas-de-casa piracicabanas.

Mas apenas *talvez*. Pode ser também que tudo fosse igual ao que é hoje, ou que talvez demorasse um ano ou dois para as coisas acontecerem.

Na verdade, foi ao pisar na aranha, enquanto caminhava distraído pelo campo natural esturricado, que Benício cometeu um ato de graves

consequências.

Na hora Benício não sabia, como não sabe até hoje, onde quer que esteja, mas no momento imediatamente anterior àquele em que esmagou o pobre artrópodo, uma dicotomia separou para sempre duas linhas temporais, dando origem a dois universos diferentes. Em nosso universo, Benício pisou na aranha. Ao contrário das gramíneas, aranhas não têm adaptações para resistir ao pisoteio, e em nosso universo a aranha morreu esmagada. Já no universo paralelo, o pé de Benício tocou o solo a milímetros da aranha. Por alguns momentos, a única diferença entre os dois universos foi haver num deles uma aranha viva extra. Só isso.

Mas...

Primeiro vamos ver o que significou aquela aranha a mais no universo que seguimos em frente pelo caminho que não pudemos seguir.

A aranhinha estava viva. Ela não sentiu nenhum alívio, nem limpou o suor da testa dizendo “Ufa, escapei por um triz”, simplesmente porque não tinha qualquer consciência do fim que escapara de encontrar. Ela apenas continuou fazendo o que as aranhas de sua espécie sempre fazem: continuou percorrendo seu território em busca de presas.

Será que os animais pensam? Será que uma aranha, com um sistema nervoso tão diferente do nosso, pensa? Será que aquela aranhinha não estava achando esquisita a paisagem toda preta (será que aranhas veem cores?), sem plantas (será que aranhas têm noção de paisagem?), sem presas potenciais (será que aranhas se impacientam?)?

Mas afinal ela achou uma presa. Seus olhinhos brilharam, todos os oito, tanto os diurnos quanto os noturnos, ela exclamou o equivalente araneico de “Oba!” e se lançou, com seus movimentos estereotipados de aranha, sobre uma cigarrinha que, trazida pelos ventos a esse local tão desolado, estava se alimentando em um dos primeiros brotinhos daquelas gramíneas que sobrevivem às queimadas porque a maior parte de suas estruturas está segura sob a superfície do terreno.

A aranha cravou as quelíceras na cigarrinha, injetou sua peçonha proteolítica e daí a pouco estava sugando o conteúdo liquefeito do corpinho quitinoso.

Isso é tudo o que nos interessa saber daquele universo paralelo em que a aranha sobreviveu.

No nosso universo, a aranha morta por Benício estava, é claro, incapacitada de dar caça à cigarrinha, que continuou se alimentando no broto de gramínea, sem sequer perceber que o profissional especializado salvara sua vida. Mas essa cigarrinha não era uma cigarrinha comum. Ali estava ela, alimentando-se da gramínea como qualquer cigarrinha de sua espécie deveria estar. Mas não estava satisfeita. Alguma coisa faltava. Algo que desse sentido a sua vida. Ela não sabia o que era. E nunca chegou a descobrir.

Como a maioria dos insetos, a espécie à qual pertencia essa cigarrinha tem um ciclo de vida muito curto. A cigarrinha acasalou-se, teve filhos, netos, bisnetos antes que a área (cuja vegetação obviamente se recuperou, mas tarde demais, porque a obra já estava autorizada) fosse ocupada pela filial da multinacional do ramo de vidros de altíssima qualidade.

Aquele desejo de algo mais, determinado por uma mutação aleatória, foi passado para filhos, netos, bisnetos e assim sobreviveu à morte da cigarrinha original, como, aliás deve ocorrer com qualquer gene bem sucedido.

Quando a multinacional chegou com seus tratores e escavadeiras e incontinenti extirpou toda e qualquer vegetação de campo natural, garantindo-se caso Genebaldo sentisse pesar a consciência e quisesse voltar atrás em seu parecer, os bisnetos da cigarrinha levantaram voo e abandonaram a área de sua antepassada. Eram três ou quatro, poucos mas suficientes para preservar a mutação aleatória que os fazia ansiar por algo diferente. Um deles sobreviveu. Uma fêmea.

Empurrada por um vento de cauda, voou e voou, várias centenas, milhares de metros, sem saber que era uma recordista entre as cigarrinhas. Teria entrado para o Guinness Book das cigarrinhas, se elas tivessem um sistema nervoso complexo o suficiente para serem suficientemente idiotas a ponto de imaginarem um Guinness Book.

Já até deixara para trás os limites do município quando pousou em uma gramínea enorme, o sonho de qualquer cigarrinha. O homóptero demorou um pouco para encontrar um local apropriado para enfiar seu aparelho sugador, pois aquela gramínea tinha uma superfície bem resistente. Mas ao encontrar uma folha com epiderme mais macia... oh, delícia das delícias! Era isso que sua família procurava havia quatro gerações. Uma seiva doce como um manjar dos deuses, um presente dos céus, o paraíso... Se cigarrinhas pensassem, teria sido mais ou menos isso o que passaria por seus gânglios nervosos ao perceber que a seiva da cana de açúcar era o alimento ao qual estava pré-adaptada pela mutação aleatória acontecida no material genético de sua linhagem gerações atrás.

Coincidência ou contingência? Chame do que quiser, a questão me é indiferente.

Depois disso, tudo aconteceu com rapidez. Junto com a vontade de chupar cana, a tal cigarrinha fêmea trazia os ovidutos carregados de ovos prontos para serem postos e o sistema digestório repleto de um vírus que, embora inócuo para as gramíneas do extinto campo natural, revelar-se-ia terrível para a recém descoberta fonte de alimento. Os descendentes da cigarrinha cresceram e se multiplicaram, exortação que nós, humanos, já ouvimos num contexto muito diferente. E fizeram algo mais: espalharam o vírus com eficiência e velocidade apenas explicadas pela lei de Murphy. O vírus se alastrou pelos canais

paulistas, e aí vem todo aquele caos já nosso conhecido.

Quem pode saber como vai terminar essa estória (ou história)? Não sabemos nem com quantos universos diferentes estamos lidando agora, no final deste texto. Quantos eventos fortuitos nos separaram, você, eu, Benício, a cigarrinha, em universos diferentes? Que acúmulo de contingências transformou nossas realidades em realidades independentes?

Estou pouco ligando.

Caso interesse a você, informo que o *meu* universo não é o *seu*. Quando, nos parágrafos anteriores, me refiro ao *nosso* universo, falo do *nosso*, meu e de Benício. Não do *nosso*, meu e seu. Armadilhas do vernáculo.

No seu universo, por acaso, Benício nunca existiu. Um outro espermatozoide chegou ao óvulo frações de segundo antes do espermatozoide que o geraria. Nasceu um menino que foi batizado como Hagemon (o quê que a gente não faz para manter a ordem alfabética!) e que hoje é violoncelista. A multinacional não foi autorizada a se instalar nos campos naturais de Itirapina porque Ironildes (que substitui Genebaldo nesse *seu* universo) sabia que para destruir um campo natural é necessário muito mais do que um incêndio oportuno demais. Pelo que sei, os campos naturais ainda estão lá. Mas não sei se a aranha, a cigarrinha, a mutação aleatória e o vírus existiram, existem ou existirão. Não fui checar, primeiro porque eu não saberia reconhecer a aranha certa, a cigarrinha certa, a mutação certa, o vírus certo. Segundo, porque esse universo aí é o seu, não o meu, e estou pouco me lixando para o que acontece por essas bandas.

Você também não deveria estar muito preocupado com isso tudo. Se me permite um trocadilho com aquele controvertido anglicismo, o que para mim e para Benício é *história*, para você não passa de *estória*.

Quanto a mim, estou muito feliz em compartilhar *este* universo com Benício, o ecólogo medianamente competente, e com todo o desastre que ele desencadeou em nosso desafortunado país natal. Já faz algum tempo que vivo bem longe da bagunça, aqui neste belo duplex em Orlando, Flórida, o paraíso da burguesia brasileira, com tanto sol, mar azul e garotas seminuas que, como disse, chego a me entediar.

O fato é que herdei uns anos atrás, de um tio solteirão e cardíaco, que Deus o tenha, cinquenta e um por cento das ações de uma grande indústria brasileira de armas de fogo. Por acaso. Tremenda sorte. Minha. E é isso que me interessa.

Tensão Superficial **Davi M. Gonzales**

Uma edificação realmente interessante: composta por apenas cinco pavimentos mas, em virtude da grande altura de seu pé direito, o tamanho total equivalia a um edifício de uns quinze andares. Sinto não ser possível transmitir uma ideia realmente precisa da grandiosidade daquele edifício – uma mistura de majestoso monastério com as fortificações da Idade Média. Construído nessa época, suas paredes eram sólidas, rasgadas por gigantescas colunas e vazadas por janelas muito pequenas, inadequadas quando comparadas à estrutura como um todo. Diziam os moradores da região que havia servido a uma respeitada e antiga escola medieval, de onde saíram instruídos nobres e, mais tarde, filhos de influentes comerciantes preparados nas mais diversas artes. Durante muitas décadas permaneceu fechado e, após uma campanha para arrecadação de fundos, iniciou-se um trabalho de restauração – em contrapartida, os salões do pavimento térreo acabaram sendo usados para atividades comunitárias e esportivas, enquanto os trabalhos de restauração não chegavam até lá.

Para nós, estudantes de um colégio local, os detalhes históricos eram pura baboseira – importavam sim as quadras de basquete, improvisadas no pavimento inferior, que eram por nós frequentadas sem qualquer reserva. Naquela tarde quente de verão fui com Edgar aos jogos que costumavam acontecer duas vezes por semana. O *Monastério*, como o chamávamos, tinha a temperatura agradável mesmo nas tardes mais quentes, além do que, o espaço disponível era realmente incrível. Naquele dia particularmente, sentia-me um pouco cansado e não tinha a intenção de ir ao Monastério, mas acabei por ceder à insistência de Edgar.

Antes ainda do término do jogo, deixei a quadra e fui ao vestiário improvisado, com a intenção de tomar uma ducha fria. Entretanto, nenhuma delas funcionava – apenas o ruído do ar circulando pelas tubulações. O calor castigava e, todo ensopado de suor, sentei-me no chão, desconsolado. Contudo, me ocorreu que deveria haver ali algum outro vestiário ou ao menos uma torneira funcionando onde pudesse me refrescar. E passei a percorrer o estreito corredor que levava aos salões. Notei pessoas em alguns deles – restauradores que trabalhavam silenciosamente, fazendo uso de instrumentos muito delicados, pequenos martelos e outras ferramentas de formato esquisito.

À medida que avançava, a luz ia diminuindo gradativamente. Na verdade era um pouco mais que isso: a iluminação ia assumindo diferentes matizes, o que tornava o ambiente agora mais frio, mais triste. Aos poucos, aquela passagem foi instigando minha curiosidade, encorajando-me a prosseguir. Calculo que tenha caminhado pelo menos 20 minutos, antes de enxergar o final do extenso corredor. E foi quase um susto quando, ao fim, encontrei uma porta: certamente muito antiga, só que simples e rústica composta por estreitas folhas de uma madeira resistente e escura. E chamava atenção, justamente por destoar completamente do conjunto, uma vez que por toda a extensão daquele caminho, o acabamento

era composto por revestimentos adornados com finos afrescos – as outras portas pelas quais passei eram muito bem trabalhadas com entalhes e detalhes que, pela riqueza de seus materiais, denunciavam o tipo de pessoa que frequentara aquele lugar.

Sentia-me consumido pelo cansaço, com o suor a escorrer pelo rosto e pensei durante alguns segundos se deveria ir adiante. Minha respiração tornara-se pesada, a luz agora era muito tênue e o silêncio completo – inexplicavelmente havia ficado para trás todo o burburinho daquela tarde de verão. Não percebia mais os gritos dos jovens jogadores e nenhum outro som do lado de fora.

Durante alguns segundos, apenas observei aquela porta – uma sensação estranha percorreu meu corpo. Uma espécie de arrepio. Um sentimento semelhante àquele a que somos remetidos quando inesperadamente cometemos uma falha grave, ou sofremos parte de suas consequências. Tentarei ser mais explícito: repentinamente o vaso caro escorrega de nossas mãos, vítima de um tolo deslize, ou a notícia que tínhamos nos é dada sem nenhuma delonga. É isso... Agora já se foi. Estamos impotentes diante da situação que poderia ter sido evitada. Um arrepio percorre nossa espinha e o susto é angústia por alguns momentos, até que lentamente retornamos ao contexto do fato em si.

Voltei-me para o outro lado e vi o corredor acabando, saindo de meu campo de visão, extinguindo-se pela falta de luz...

Abri a porta e entrei.

Imediatamente senti uma vertigem. Como se houvesse no chão um desnível e o passo dado em falso. Então, me apoiei na porta para não cair. Aquilo era um novo salão – com certeza ainda maior que os anteriores – e passaram-se alguns momentos até que eu pudesse notar os detalhes: a primeira coisa a observar foram estranhas rachaduras no chão, verdadeiros sulcos, pelos quais passaria o braço de um homem adulto. Não sei precisar o tamanho real do salão, não havia objetos que pudesse tomar como referência e a luz difusa não ajudava muito. Com certeza era muito, muito grande...

Suas paredes, rústicas – diferentemente das paredes dos corredores por onde havia passado. O piso, de um acabamento mais liso: contudo, rachaduras pipocavam por toda a parte. Não consegui distinguir o pé direito. Com certeza era muito alto e saía do meu campo de visão, debilitado pela pouca luz existente. Essa luz incidia indiretamente sobre as paredes, criando um efeito quase sobrenatural sobre as partículas de quartzo de sua argamassa, muito grossa. Havia pedaços de quartzo de tamanho considerável, incrustados nas paredes.

Deveria existir alguma janela ou abertura próxima ao teto, mas não era possível observá-la da posição onde me encontrava. A parede mais próxima da porta era a do lado direito e caminhei em sua direção por alguns minutos, quando notei algo no chão à minha esquerda: uma espécie de grade muito grande, em forma de círculo, tapando um buraco, ou passagem, diretamente no chão. Não

fazia sentido uma grade ali daquela forma, pois um homem poderia passar tranquilamente pelos seus vãos. Ou não teria sido ela construída para evitar a passagem de homens? Levaria a algum outro compartimento? De qualquer maneira, era excessivamente grande e suas barras, fortes e enferrujadas. Instintivamente decidi que me manteria longe dela.

O local era realmente estranho e singular. Continuei caminhando em direção à parede, pois acabara de notar algo junto a ela. Andei durante vários minutos e a parede parecia nunca chegar. Por vezes pensei em virar as costas e sair dali rapidamente. Estando mais próximo, pude distinguir melhor: o que à primeira vista pareceu-me uma pilastra ou coluna, descendo junto à parede, na verdade não chegava a atingir o chão, apenas pendia, presa em algo bem acima. E mais: não era feita de alvenaria, era composta por cordas de cânhamo trançadas, de forma a constituir uma corda muito grossa, eu diria uns 500 cm de diâmetro. Também não pendia junto à parede, ficava afastada cerca de um metro. Firmei a vista para o alto, tentando identificar o objeto ao qual a corda estava presa. Parecia um tipo de tubo ou cano, cuja origem era na própria parede. Não conseguia imaginar o que pudesse ser aquilo. Quem sabe alguma espécie de máquina medieval, mas a que se destinaria um salão tão grande? E agora aquele ruído, como se fossem batimentos cardíacos, tornando-se cada vez mais fortes. Senti novamente o arrepio na espinha e me virei para ver o vulto que passava pela porta. A distância era considerável e não me permitia enxergar com nitidez. Respirei fundo e gritei o mais alto que pude:

– Quem é? Quem está aí?

A resposta veio imediata e em voz trêmula:

– O espírito de Tutancâmom...

O velho e bom Edgar ainda demorou um pouco para chegar onde eu estava. Vinha quicando a bola de basquete.

– Que diabos de lugar é este? A tumba do faraó? Não tem água, acho que vamos para casa sem banho...

Contente por vê-lo ali, nem ouvi o que tinha dito.

– Você já viu algo parecido com isto?

Edgar jogou-me a bola e foi olhar a corda que pendia próxima à parede. Querendo fazer um gracejo, atirou-se, dando um salto e agarrando-se a ela, como se fosse escalar. Inesperadamente a corda cedeu e Edgar despencou. A seguir ouviu-se um guincho estridente. Na sequência algo caiu, despedaçando-se no chão. Gostaria de poder explicar precisamente o que se passou então – alguém mais acostumado ao estudo das ciências talvez entenda de imediato o que vou expor:

O chão estava repleto de pequenos *bólios*, que variavam de dimensão: os menores do tamanho de melões, os maiores com o porte de uma criança de uns 8 ou 9 anos. Translúcidos e de cor amarelada, aparentavam uma consistência

gelatinosa mas, ao toque, facilmente percebia-se ser apenas líquido. Segurando um deles, com um mínimo esforço era possível mergulhar nele a outra mão, que saía completamente encharcada. A sensação era de ter a mão imersa em água. Quando era retirada, o *bólide* permanecia intacto e sem qualquer vazamento de líquido.

De fato, nunca havia visto nada parecido. Veio a minha mente apenas a ideia de uma pequena gotícula de orvalho, colada a uma pétala de flor ou pata de um inseto... Podia ser manipulada e, contudo, continuava a ser líquido. Lembrei-me da tensão superficial da água, que, pouco antes de transbordar do copo completamente cheio, forma um pequeno arco em sua superfície, aumentando o volume que o copo é capaz de armazenar.

Comecei a pensar nas possibilidades: aquele líquido amarelado devia possuir uma tensão superficial muito acima do conhecido, ou nosso tamanho muito menor que o normal em relação às suas moléculas... Como já mencionei, eram translúcidos e podiam-se ver pequenas placas em seu interior. Quando retirei uma, observei que eram placas de ferrugem. Tive então meus pensamentos interrompidos pelo estrondo de outra daquelas coisas, despedaçando-se no chão. Uma das partes atingiu Edgar e ele quase foi derrubado, mas estava bem – achou graça. Não parecia intrigado com tudo aquilo: era como uma criança brincando com bolas de neve. Jogou uma para o alto, partindo-a com a cabeça.

Então elas começaram a cair, muito rapidamente. O ruído tornou-se ensurdecedor. Aquela matéria que caía, estilhava-se no chão, lançando os bólidos sobre nós. Os choques tornavam-se mais fortes e nos derrubavam. Entramos em pânico, tentávamos correr e éramos derrubados. Protegia o rosto com os braços e corria. Foram minutos de desespero. Era como estar levando uma surra e tentando escapar. Por fim as pancadas foram diminuindo e percebi que estava fora do alcance da coisa.

O ruído ainda era muito forte e comecei a gritar por Edgar, mas nada mais poderia ser ouvido. Decidi procurar ajuda. Estava exausto. Antes de sair, observei que toda aquela matéria tinha origem em um ponto alto, muito alto na parede. Uma espécie de tubulação muito grande, saindo da parede, de onde ela jorrava e, ao bater no chão, espalhava-se para todos os lados, sendo rapidamente escoada para o solo através da enorme grade redonda que mencionei anteriormente. Observei ainda a formação de rodaminhos e, por algum tempo, procurei por Edgar sem sucesso. Então, atravessei a porta de volta e corri o tanto quanto pude.

Algumas horas depois voltei com os policiais, mas não encontramos Edgar, nem o salão e nem a porta que dava acesso a ele.

O fim daquele corredor era apenas mais uma parede.

Planeta Incorruptível **Richard Diegues**

França, cidade de Nevers, Convento de Saint Gildard, princípio.

O corpo da freira obesa foi levantado com dificuldade. O agente de campo que a segurava sorria, enquanto um pesquisador varria a carcaça da religiosa com o sensor. Luz amarela. Estava morta. O corpo foi carregado e depositado no contêiner refrigerado.

– Quarenta e dois – resmungou, após largar o corpo e fechar o contêiner, enquanto estalava os dedos e as costas. – Acho que essa foi a última, estou morto de cansaço. Deixaram a mais pesada para mim, não foi?

– Deixe disso, o trabalho foi mole. Estamos em Nevers, uma cidadezinha de nada. Tenho pena das equipes em Paris, Moscou, São Paulo, Tóquio... Esses devem estar tendo um trabalhão para carregar todos os corpos. – O pesquisador passou o sensor sobre a cabeça do companheiro. Uma luz azul piscou, sem se firmar. – Realmente você não está lá muito vivo.

Ambos gargalharam com a piada. Pararam ao ver o supervisor saindo da capela em direção ao jardim. Ele gesticulou ordenando que o seguissem. Os dois foram rebolando logo atrás, entre os bancos do corredor central. Quando chegaram ao fundo, o supervisor parou e apontou para uma caixa de vidro. Dentro dela ainda havia um corpo. Sorrindo, o agente de pesquisas aproximou o sensor da cabeça da mulher, que foi suspensa com má vontade pelo agente de campo. Seu sorriso congelou um instante depois, refletindo uma forte luz azulada nos dentes.

França, cidade de Paris, Museu do Louvre, terceira hora.

As portas duplas da sala Denon se abriram. Antes as *Núpcias de Caná* ocupavam o espaço, agora havia uma mesa, com oito militares ao seu redor. Mapas recobriam todas as paredes. O museu havia sido transformado em comando militar provisório, até que o edifício do Parlamento, um lugar muito mais apropriado para a função, fosse liberado dos corpos.

– Generais – saudou um comandante, ao entrar –, o corpo trazido de Nevers já está sendo examinado pelos cientistas nas instalações em Notre Dame.

– E há alguma notícia sobre ele? – grunhiu um dos generais, ao centro da mesa.

– Sim, senhor. Aparentemente ainda restam fragmentos de *matéria psi* no corpo, o que sugere que uma alma ainda perdura nele, porém a análise de isótopos indica uma datação de mais de mil anos para o cadáver. No entanto, nenhum sinal vital, nem oscilação celular foram detectados, o que sugere uma falha dos sensores *psi*. Foi solicitada permissão para análise seccional usando os equipamentos de *nisótons*, senhor. Mas estão em dúvida se compensaria desperdiçarmos um corpo tão diferente dessa forma.

– É apenas um corpo. Ou alguma identificação relevante sobre ele foi registrada?

– Quase, senhor. Foi feita uma leitura dos sistemas de armazenamento de imagens na AllNet, porém as informações ainda estão inacessíveis. Estamos tendo dificuldades para acessar uma tecnologia tão arcaica. No entanto um dos nossos historiadores afirma que registrou uma similaridade do corpo com a imagem de uma mulher que era chamada por Santa Bernardete Soubirous, ao estudar as religiões antigas.

– Uma santa? Resquícios de uma crença mantida por mais de três mil anos. É absurdo o que essas religiões beatificadoras primitivas conseguem gravar nas mentes humanas. Podem fatiar a tal santa, é até bom que não reste nada dela. Ordem dada.

O comandante acenou afirmativamente, girou e saiu da sala.

– Uma santa. Se o grande Nuk encontrasse com o deus dos humanos, esse não duraria um quarto de *glocks*, imaginem uma entidade como uma santa. Por isso foi tão fácil dizimar toda a vida deste planeta. O dia que Nuk deixar que sejamos vitimados por um simples meta-vírus, prefiro pulverizar meu cérebro eu mesmo. Santa... – grunhiu o general, rindo logo em seguida, acompanhado por todos na sala.

França, cidade de Paris, em um hotel no bairro de Marais, sétima hora.

– Querido, já em casa tão cedo?

A mão dele se ergueu, fazendo com que sua esposa se calasse. Estavam morando em um hotel, cedido pelo Conselho Supremo. Apenas um quarto adaptado para que pudessem viver até que as fábricas humanas fossem adequadas para utilização na criação de materiais básicos a serem usados na reforma das habitações segundo as carências de seus novos moradores. Necessitavam de residências confortáveis e úmidas, não de um lugar com paredes porosas como aquelas. Jogou-se na cama, fitando as duas paredes paralelas.

– Me dispensaram do projeto – murmurou, fechando o olho direito, evitando encarar Alindeni.

– Por Nuk, o que foi que você fez dessa vez, Salunidi? – ralhou a esposa, tamborilando dezenas de dedos na pequena mesa recostada na parede.

– Encontraram um corpo. Ele foi levado para o Centro de Pesquisas. Tem mais de mil anos de idade e, segundo descobriram, era de uma santa, de acordo com as crenças humanas. Sugerí que o deixassem de lado, conservado como se encontrava. – Sentou-se na cama. – Só pedi um pouco de respeito com os costumes alheios.

– Que bobagem, Salunidi. Perder o cargo por causa de uma santa terráquea. – Ela ficou calada por um instante, depois prosseguiu com a voz mais baixa. – O que é uma *santa*, afinal?

– Logo que nosso planeta começou a se deteriorar e eu soube que teríamos que partir para a invasão de um novo, investiguei no Centro de Pesquisas e

descobri que a escolha seria a Terra. Então estudei a fundo as religiões deste planeta, para conseguir um bom cargo ao chegarmos ao nosso novo mundo. Foi assim que meu pai se deu bem durante a invasão do planeta anterior. Assim como temos criaturas elevadas entre nós, perto do panteão de Nuk, alguns humanos diziam ter esses santos, perto de seu Deus.

– Mas você sabe que não existe um Deus humano, não é, meu querido? Isso não passa de uma crendice. Nuk é o único deus do universo. Nenhuma outra forma de *Energia Prima* foi detectada.

Salunidi ergueu-se com um salto, visivelmente irritado.

– Você não pode acreditar nisso. Meus estudos mostram que as afirmações dos cientistas quanto a isso são inconclusas. E sei que continuarão assim. O Supremo Conselho quer que acreditemos que Nuk é um deus único, apenas para que as tropas não tenham medo ao invadirem outros planetas. Eles dizem que Nuk nos protege. Bobagem. Nós nos protegemos.

Aproximando-se do marido, Alindeni colocou as mãos ao lado de sua cabeça, massageando seus olhos. Ele relaxou por um momento.

– Não diga uma coisa dessas, as paredes são finas e alguém pode ouvir você.

– Mas eu sei que existem outras forças inexplicáveis. Lembra que os cientistas detectaram uma espécie de *Energia Prima*, como se fosse uma enorme *psi*, que os humanos chamam de *alma*? E a energia era enorme. Apesar de inativa, temo que possa tornar a agir se for instigada. O Supremo Conselho é que resolveu eliminar essas informações. Eu estudei. Eu sei. Eu... eu...

Tornou a sentar-se na cama, desolado. Alindeni observou seu marido durante um bom tempo, seus corações estavam partidos. Ela o amava. E, acima de tudo, acreditava nele.

– Vielguensen está aqui perto – desabafou, sentando-se ao lado dele na cama.

– Vielguensen, aqui perto?

– Sim. E sei onde o Sacerdote está. Cruzei com ele pela manhã, disse estar a caminho de uma catedral.

Os olhos de Salunidi brilharam por detrás das pálpebras translúcidas e ele beijou a esposa.

França, cidade de Paris, Catedral de Notre Dame, oitava hora.

O cientista-auxiliar ajustou o melhor que pôde as máquinas, no curto espaço de tempo que lhe restava. Ninguém esperava que o equipamento fosse utilizado tão cedo. Outro cuidava da remoção da camada de cera colorida que recobria o rosto de Bernardete, colocada séculos atrás, notadamente para emprestar um pouco de cor à pele pálida da mulher. Um último auxiliar cuidava dos ajustes do emissor de *nisótons*. Em pouco tempo apenas o corpo da santa ficou na sala, totalmente desprovido de suas vestes.

– Podem iniciar a sequência analítica – pronunciou-se o cientista-chefe, enquanto mantinha um olho nos aparelhos da sala contígua. – Áudio. Primeira secção iniciada a partir da base dos membros inferiores.

As pinças servo-mecânicas começaram a mover-se, tão logo o zumbido do equipamento dominou o ambiente, aguardando a primeira extração para que a dirigissem até o sensor analítico. Os *nisótons* afastavam os átomos da sola do pé da mulher, separando-os em um corte tão preciso que as fatias extraídas eram quase transparentes. Delicadamente as pinças passavam as fatias pelo leitor e as recolocavam na posição anterior. Somente após o septuagésimo corte, que ultrapassou a pele e alcançou a carne, o cientista-chefe colocou a cabeça totalmente para dentro da sala. Foi preciso que o corpo estivesse seccionado até o tornozelo para que ele tivesse coragem de entrar nela. Salunidi, o historiador de sua equipe que havia sido dispensado há pouco, conseguira deixá-lo temeroso de que algo ruim realmente pudesse acontecer. Os discursos a respeito da *Energia Prima* e dos registros de uma *psi* descomunal realmente eram impressionantes. Bobagens, mas ainda assim impressionantes.

França, cidade de Paris, Basílica de Sacré-Coeur em Montmartre, décima hora.

Foi preciso que Salunidi aguardasse quase dois *glocks* até que Vielguensen o recebesse, desculpando-se várias vezes pela demora em atender ao amigo. Quando finalmente entrou na basílica, o outro compreendeu de imediato o motivo de tanta precaução. No átrio central havia cerca de dez cadáveres humanos, presos em cadeiras por tiras. Suas cabeças estavam abertas na parte superior, de tal forma que seus cérebros estariam expostos, não fosse por uma enorme série de fios e capacitores neurais. O Conselho iria à loucura caso soubesse daquilo. Toda a cultura e religião dos planetas invadidos deveriam ser eliminadas, evitando a disseminação de ideias não condizentes com um padrão de vida avançado. Somente conteúdo que passasse por uma análise prévia do Supremo Conselho seria divulgado. E mesmo assim sempre se limitavam a avanços tecnológicos e científicos.

– Vielguensen, isso é o que eu penso que é? – indagou Salunidi, aproximando-se dos servo-processadores conectados em cadeia, observando as telas em seu movimento constante de informações.

– Para você posso responder com um simples “sim”. Sei que a sua compreensão do conhecimento ultrapassa sua fidelidade ao Centro de Pesquisas.

– Então você está usando capacitantes neurais para extrair o conhecimento destes corpos antes que as sinapses cerebrais se degradem. E quem são esses humanos afinal?

– Bem, sei que aquele ali é um teólogo, este um bispo e aquele último uma espécie de Supremo Sacerdote deles. As posições são quase equivalentes às de nossa doutrina *nukeista*. Os demais ainda não puderam ser conectados

devidamente ao sistema de leitura.

Ele aproximou-se de uma tela e fez sinal para que Salunidi fizesse o mesmo. Assim que chegou próximo o suficiente para conseguir ler os símbolos, identificou alguns dos sinais antes mesmo de serem traduzidos para um padrão melhor compreensível em sua linguagem. *Demônio, redenção, santidade*, seguidas, muitas vezes de palavras compostas por quatro símbolos com o mesmo significado evidente. Essas palavras eram repetidas constantemente, alternando-se entre *Javé, Yéva, Buda, Iavé e Deus*. Todas se referiam a uma *Energia Prima*.

– Preciso de acesso a esses dados. Sinto que estamos mexendo com forças muito maiores do que imaginamos. E também que se não determos esse processo, poderá haver muitas outras desgraças neste planeta. Não sei de que ponto de minha mente isso vem, mas seja de algum conhecimento, seja de alguma impressão, tenho um sentimento terrível disto.

– Os servo-processadores são totalmente seus, meu amigo – disse Vielguensen indicando o terminal mais próximo deles.

Assim que se sentou, as dezenas de dedos de Salunidi bailaram sobre os pontos de comando da máquina. Em poucos segundos a tela começava a apresentar uma série de padrões de pensamentos humanos. Estava conectado e a tradução era quase simultânea para seus próprios padrões de compreensão. Em seguida proferiu apenas uma pergunta, composta de um nome.

Nós também a chamamos de Santa Bernarda de Lourdes. Uma filha abençoada de Deus que teve a graça primeira de ver Nossa Senhora da Imaculada Conceição diversas vezes.

Esse fluxo de pensamento veio do primeiro dos corpos, que havia sido identificado como sendo um estudante de teologia antiga.

Santa Bernardete é uma das que receberam a graça de ter o seu corpo incorruptível após ir para junto de Nosso Senhor. Seu corpo ficará aqui para todo o sempre, ou até que o fim dos tempos se abata sobre nossas cabeças. A Imaculada Conceição a presenteou com a imortalidade, ainda que em morte.

O segundo fluxo partiu do corpo mais idoso, declarado como sendo um Padre.

– O que você está procurando, Salunidi? Qual o seu interesse nessa santa humana?

A resposta veio imediatamente na tela, antes mesmo que o outro abrisse sua boca.

Apesar dos três segredos de Nossa Senhora de Fátima terem sido entregues séculos atrás, os segredos confiados à Santa Bernardete Soubirous permanecem um mistério. Quando ela foi encontrada em seu claustro, balbuciava orações com os lábios tão unidos quanto seus dedos. E deles nenhum dos segredos foi extraído antes de sua morte. Ela é a única detentora dos mistérios da Virgem, que nem mesmo o Santo Vaticano pode arrancar de sua alma. Ela é a encarregada de vigiar e vingar os filhos de Deus no momento em que se faça necessário. Apenas afirmou, antes de ir sentar-se ao lado de Nosso Senhor, que um dia o segredo seria

revelado.

Logo abaixo da frase, surgiu o nome “João Paulo VIII”, sem nenhum adicional.

Assim que a última palavra foi lida pelos dois, todos os servo-processadores interromperam seu funcionamento. Todo o núcleo energético se apagou, como se as células de energia houvessem extinguido no mesmo instante. Não era preciso que nenhuma palavra fosse adicionada ao silêncio sepulcral. Salunidi e Vielguensen se abraçaram em mutismo, avançando com pesar para fora de Sacré-Coeur.

França, cidade de Paris, Catedral de Notre Dame, décima sétima hora.

Os *nisótons* continuavam em seu trabalho preciso de cortes, enquanto as pinças dirigiam as fatias para o escâner de matéria em um ritmo constante. Os cortes já se encontravam na altura do maxilar, o que correspondia a mais de 89% da análise concluída. Até o momento nenhum material anormal havia sido encontrado na constituição de Bernardete que justificasse o estado de conservação de seu corpo. Cada micron estava sendo analisado, mas nada além de compostos de hibridização de átomos de carbono havia sido mapeado. Esperavam achar algum tipo de molécula que justificasse seu estado de conservação, porém até o momento os esforços resultaram em nada. E parecia que ao fim da análise tudo continuaria da mesma maneira.

O grupo de cientistas se reunia ao redor de uma mesa improvisada, distraído-se com uma rodada de *potencis*, um jogo que não requeria muita prática, mas apenas uma boa dose de sorte. E a sorte estava do lado do cientista-chefe que pela terceira vez consecutiva parecia ter as pedras certas. Fazia um esforço tremendo para não sorrir. Quando o comando sonoro foi disparado pelo equipamento, ele já não precisou mais conter o sorriso, algo havia sido encontrado no corpo. Colocou as pedras que tinha nas mãos voltadas para baixo sobre a mesa e praticamente correu para o terminal de acesso do *escâner*.

– O que temos aqui – murmurou enquanto pressionava os comandos no painel e lia as palavras que cintilavam no protoplasma do visor.

Composto de fibras vegetais não naturais ao corpo em análise. Intervenção requerida.

Selecionando o botão de interrupção, o cientista-chefe aguardou que as pinças servo-mecânicas se recolhessem e o emissor de *nisótons* passasse para o estado de inoperância. Os quatro cientistas se posicionaram ao redor da mesa para observarem o corpo de Bernardete. Milhares de fatias estavam dispostas de modo inclinado, uma sustentando-se sobre as outras. O procedimento foi interrompido quando o feixe de separação alcançava a raiz dos dentes inferiores. Um buraco escuro era avistado no ponto onde a cavidade da boca se formava, interrompido apenas pelo cinzento da língua parcialmente seccionada. Entre o pilar palatoglossos esquerdo e a base da língua, um objeto de tom amarronzado

encontrava-se espremido. O cientista-chefe estendeu a mão, e prontamente um conjunto de pinças foi colocado em sua palma por um dos assistentes. Em poucos segundos ele tinha na ponta de uma delas, erguido em frente a uma lâmpada, um minúsculo rolo de papel, encerrado por um lacre de cera vermelha.

– Pelo visto não vamos terminar essa partida agora – lamentou-se o cientista-chefe, olhando para seus companheiros.

França, cidade de Paris, Museu do Louvre, vigésima hora.

Quando as portas duplas da sala Denan se abriam desta vez, além dos oito generais, o comandante deparou-se com todo um contingente de cientistas, físicos, engenheiros, e até mesmo o Supremo Chanceler, acotovelando-se ao redor da mesa. Todos os olhos voltaram-se ansiosos para ele. Sem que dissesse uma palavra, estendeu o braço à frente e abriu os dedos até que apresentou um tubo de contenção. O próprio Supremo Chanceler foi quem o retirou de sua mão, abrindo-o com avidez, deixando que o rolo de papel deslizesse para seus dedos. Antes que fosse interpelado, o comandante fez uma mesura e retirou-se estrategicamente da sala, que a seus olhos se parecia com uma caldeira pressurizada ao extremo.

O rolo de papel foi girado de um lado para o outro entre os dedos do Supremo Chanceler. Não havia um olho no recinto que não acompanhasse com visível interesse seus movimentos. A forma displicente com que manejava o objeto fazia com que todos comesçassem a repensar as dezenas de teorias traçadas desde a descoberta do objeto misterioso até sua chegada ali.

Não haveria grandes motivos para toda essa comoção pela descoberta de um rolo de papel, não fosse pelo fato de um livro humano, chamado de Bíblia, ter sido traduzido alguns *glocks* atrás. A princípio julgavam ser um livro de ficção com um início maçante, mas conforme as histórias avançavam, uma grande parte delas citava humanos com poderes extraordinários, geralmente chamados de *profetas*, e em especial um deles, conhecido como Messias Jesus.

A mulher que estava sendo estudada, embora não constasse do livro, havia sido identificada através de registros encontrados no local onde fora encontrada, como sendo uma santa. E ela realmente possuía algo de diferente em relação aos demais humanos. Nenhum crédito seria realmente dado nem a ela, nem às coisas descritas nesse livro, não fosse por um fator bem peculiar que era extremamente relevante: milhões de exemplares do livro haviam sido encontrados ao redor de todo o planeta. E milhares de corpos humanos estavam com um exemplar desse livro em mãos, normalmente abraçados junto ao peito, ou em posições que indicavam que o liam antes do último suspiro.

Cientistas e estudiosos o analisaram avidamente e concluíram que se tratava de um tipo de “manual de guerra” dos humanos. Diversos capítulos falavam sobre um Deus maligno que parecia ser tão poderoso quanto Nuk, e alguns achavam que pelas descrições, poderia até mesmo ser muito superior a ele,

apesar de não acreditarem em uma palavra do que estava relatado ali. Esse suposto Deus era impiedoso e segundo as histórias havia dizimando grandes partes da população, não poupando nem mesmo crianças e velhos, produzindo catástrofes, pragas insuportáveis e mortes das mais terríveis formas possíveis.

Mas foi um dos últimos trechos desse manual que, somado ao fato do pergaminho encontrado junto à santa ter um laque de cera, fizeram com que sua existência chegasse aos ouvidos do Supremo Chanceler. Nessa parte falava-se de um evento nomeado de *Apocalipse*, que narrava a abertura de um livro, lacrado com selos de cera, e era representado como sendo o final da vida sobre a Terra. Nele um livro contendo selos em cera era aberto. A cada selo que era rompido a vida ia sendo varrida do planeta com calamidades e crueldades tremendas. E nesse trecho mencionava-se uma espécie de *guardiã do último selo*. Uma mulher santa. E a descrição do selo, chamado no livro de *Selo do Final dos Tempos*, condizia com a do encontrado no pequeno rolo.

Quando o Supremo Chanceler depositou o objeto sobre a mesa à sua frente e ergueu os olhos, cada um dos presentes procurou por um ponto aleatório das paredes ou do teto para fitar.

– Alguém realmente acredita que o Deus dos humanos exista?

Qualquer um que se enganasse na resposta seria executado imediatamente. Caso nenhuma resposta fosse dada, todos ali seriam mortos de forma lenta e dolorosa. Diante das escolhas um Tenente em Armas, que nem mesmo sabia por que havia sido chamado para a reunião, resolveu se pronunciar. Era preferível morrer rapidamente a sofrer uma morte dolorosa.

– Não temos o que temer, Supremo Chanceler. Não existe um Deus mais poderoso do que o nosso Nuk, senhor. O livro dos humanos não passa de um apanhado de superstições e fantasias, um resquício de uma mentalidade atrasada e fraca. Se existisse alguma *Energia Prima* neste sistema solar nossos cientistas a teriam localizado, senhor.

Alguns dos cientistas presentes pigarrearam com nervosismo, outros olhavam constrangidos para o chão. Vários ali gemiam com discrição, outros se espremiavam nas paredes de tal maneira que pareciam querer atravessá-las. O Supremo Chanceler tornou a sentar-se e ficou pensativo durante um momento. Ele mesmo tinha suas próprias dúvidas a respeito da existência ou não de uma *Energia Prima* dormente naquele quadrante. Era possível que ela existisse, mas não acreditava que pudesse possuir um poder como o descrito na Bíblia dos humanos.

– Só existe um deus, e este é o grande Nuk! – gritou o Tenente em Armas, percebendo que precisava fazer algo para enfatizar suas palavras, mas ninguém acompanhou seu grito.

– Sim, honremos o grande Nuk – murmurou o Supremo Chanceler. – Você tem toda razão, meu caro *General em Armas*, tudo não passa de bobagens. A raça

humana foi eliminada por nosso meta-vírus em menos de vinte *glocks*. Nenhum deus deixaria seu povo ser eliminado dessa maneira sem se pronunciar. – Ele lançou um olhar significativo pela sala, vendo diversas cabeças acenarem em concordância. – E o que o General sugere?

Animado pela inesperada promoção e pelo fato de ainda estar dentro de suas sandálias, o recém nomeado General em Armas deu um passo à frente e apontou para o rolo sobre a mesa.

– A relíquia deve ser inutilizada, juntamente com o corpo em Notre Dame, e todos esses livros que forem encontrados, senhor. Em nome de Nuk

– Em nome de Nuk! – gritaram em resposta todos os presentes a uma só voz.

O Supremo Chanceler sorriu. Sua mão agarrou o rolo sobre a mesa com desdém e correu dois de seus dedos pelo baixo relevo gravado no selo de cera. Acariciou a massa ressecada, analisando a textura. Quando olhou ao redor viu que todos pareciam novamente relaxados.

Ele rompeu o lacre vermelho com um gesto brusco.

França, cidade de Paris, Catedral de Notre Dame, vigésima primeira hora.

O cientista-auxiliar se entretinha com um *crystalotro* portátil de imagens, assistindo a um antigo programa de perguntas e respostas. Um ruído estranho chamou sua atenção, vindo da mesa onde o corpo de Santa Bernardete se encontrava. Ele se aproximou dela em alerta.

As fatias pareciam se mover, devagar a princípio, mas aceleravam com rapidez. Era como se houvessem se transformado em algum tipo de verme. Elas se contorciam e iam se agrupando com um som que lembrava pequenas coisas viscosas. Pareciam se posicionar no mesmo local de onde foram extraídas, querendo unir-se umas as outras. E era o que acontecia. O corpo da santa se restaurava bem diante dos olhos do assustado auxiliar. Para os de sua espécie, os humanos apesar de também serem bípedes e possuírem o mesmo número de membros e órgãos externos, eram muito estranhos. As formas e os tecidos protetores que envolviam seus corpos eram extremamente secos e pareciam ter milhares de furos e pelos. A visão anterior, da carne vermelha se unindo, somada ao efeito final do corpo, quase fez com que todos os estômagos dele regurgitassem o que tinham armazenado.

Um som extraordinário ribombou por toda a catedral, quando os sinos das torres começaram a badalar. O corpo da santa se regenerou por completo e ela sentou-se na mesa. O cientista deu dois passos atrás quando os olhos dela se abriram e o encararam. A boca de Bernardete alargou-se em um sorriso assustador, mas logo passou para um círculo perfeito.

O grito que saiu da garganta de Santa Bernardete Soubirous soou ininteligível ao alienígena. Em sua língua não havia vocábulo que se aproximasse da palavra “vindictam”.

Planeta Terra, todas as cidades, todos os lugares, vigésima primeira hora.

O som de trombetas se fez ouvir em cada canto do mundo. Mesmo os nascidos surdos puderam escutá-las. E até os mortos.

França, cidade de Paris, em um hotel no bairro de Marais, vigésima quarta hora.

Em um pequeno quarto de hotel, um *crystalotor* de imagens tinha a tela negra, mas o som ainda era transmitido normalmente. Desde o momento em que o som das trombetas cessou, notícias impressionantes passaram a ser narradas. Salunidi, sua esposa Alindeni, Vielguensen e mais dois desconhecidos que passaram em frente à porta e pediram para entrar, encontravam-se ajoelhados em círculo, no centro do aposento. Todos rezavam, cada qual de uma maneira diferente, no dialeto preferido, porém se dirigiam a um Deus usando quatro letras no lugar de três.

Informações sobre naves que tentavam deixar o planeta e foram destruídas por raios e meteoros jorravam do *crystalotor*, um instante antes do locutor gritar e a transmissão ser encerrada. Foram longos minutos de silenciosa oração. Do lado de fora do hotel ouviam-se gritos por toda parte. Insetos monstruosos, com caudas, chifres e agulhas atacavam tudo o que viam pela frente. Os mares varriam as cidades costeiras. Terremotos e erupções cuidavam das montanhosas. Em todo o canto, catástrofes e pragas surgiam para eliminar a vida. Em Paris, no entanto, a coisa era muito pior.

A porta do quarto foi feita em pedaços com um forte estrondo. Apenas Salunidi teve coragem de abrir os olhos.

Alindeni imediatamente caiu no chão, com seus fluidos vitais escorrendo por todos seus orifícios. Vielguensen foi o próximo, com a pele tornando-se branca e cristalina, até que tombou no chão, esparramando-se como sal. Os dois desconhecidos foram logo a seguir, um levando a mão ao tronco onde se espalhavam seus corações, outro sufocando enquanto tentava respirar com a boca aberta em extrema agonia.

Os olhos de Salunidi não expressavam emoção. Seus lábios prosseguiram proferindo uma antiga oração humana para o Deus daquele planeta. Estava vivo e mantinha a esperança.

Santa Bernardete olhou fixamente para ele, abrindo os braços em um arco sombrio. As chamas em seus olhos eram de um azul intenso e não emitiam calor, parecendo na verdade roubá-lo do ambiente. A imagem era impressionante e Salunidi prostrou-se de joelhos a sua frente.

– Poupe-me e prometo ser fiel ao seu Deus – disse, torcendo para que a santa compreendesse as palavras em sua língua.

– Quando as trombetas do último selo soarem – ribombou claramente a voz dela –, somente os filhos de Deus, feitos à sua imagem e semelhança, restarão sobre a Terra.

Salunidi tremia diante da potência dessa voz, mas atreveu-se a prosseguir.

Não iria desistir tão facilmente. Mesmo tendo a pele azulada, os olhos nas laterais da cabeça, não possuindo pescoço e pelos, ainda assim não tinha a constituição tão diferente dos humanos. Seu corpo também era constituído de moléculas de carbono. Tinha uma chance.

– Mas não há mais nenhum filho de seu Deus sobre a Terra. Nada é tão semelhante a Ele quanto eu. E apenas eu ainda conheço a antiga fé deste planeta.

Os braços de Salunidi se ergueram com as palmas para cima em sinal de veneração. Os olhos flamejantes de Santa Bernardete desceram sobre ele, detendo-se somente ao cruzar o corpo do alienígena da cabeça até a virilha. Em todo o percurso do corpo de Salunidi por onde os olhos dela passaram, tumores e feridas se abriram como flores sobre a pele, expulsando órgãos e entranhas de seu interior. O corpo da criatura tombou diante da santa, que se limitou a olhar para a cena com pesar.

– Que assim seja! – Foi a resposta dela para ninguém em especial. – Recomeçemos então!

E Bernardete partiu, movendo-se sem pressa, deixando um rastro de morte e destruição. Tinha de se vingar de cada criatura que ainda restasse no planeta, até a última delas. E sua missão foi cumprida.

Nada, hora que antecede a zero.

A terra estava informe e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito. E Deus, ainda dolorido do longo repouso, disse: “Faça-se a luz!”, e a luz voltou a acender, ofuscando um pouco Sua visão, que demorou a se acostumar.

Um vapor de fogo frio ainda subia da terra, regando toda a face do planeta. Tudo estava destruído. A humanidade havia sumido. Os responsáveis também foram varridos do planeta. Santa Bernardete de Soubirous havia partido há muito. Nenhuma criatura restou viva sobre a Terra. Deus coçou a cabeça sem entender o que havia acontecido, mas por fim acabou dando de ombros. Não importava realmente. Porém ao contemplar o planeta Ele achou tudo muito feio e monótono.

Então Deus disse: “Surjam nas águas répteis, mamíferos e peixes, e voem as aves nos céus. Surjam na terra o gado e as feras, conforme a sua espécie”, e a terra voltou a se aprumar, com a vida animal cobrindo-a novamente para trazer um pouco de agitação.

E durante muito tempo Ele observou os animais e então, com uma coceira nos dedos, estirou a mão sobre a Terra. E a recolheu. E tornou a estender. E coçou a cabeça novamente. E desistiu.

Mais um bom tempo se passou, e Deus continuava a contemplar os animais, criaturas belas e esplêndidas na mais perfeita harmonia. E Deus viu que o que havia feito era bom.

Sem dúvida era bom. Mas era muito monótono também.

E metendo Sua mão na terra, trouxe o pó, modelou o homem com ele e por

fim soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente.
E Deus gargalhou, acomodando-se para assistir a coisa toda se agitar.
Novamente.

Gerson Lodi-Ribeiro

autor carioca de FC e história alternativa. Publicou *Alienígenas Mitológicos e A Ética da Traição* na edição brasileira da *Asimov's*. Autor das coletâneas de contos *Outras Histórias...* (1997), *O Vampiro de Nova Holanda* (1998), *Outros Brasis* (2006) e *Taikodom: Crônicas* (2009). Como editor, organizou as antologias *Phantastica Brasileira* (2000) e *Como Era Gostosa a Minha Alienígena!* (2002). Trabalha desde 2004 como consultor da Hoplon Infotainment, sendo um dos criadores do universo ficcional do jogo online *Taikodom*.

Giulia Moon

é paulistana, formada em publicidade e propaganda pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Já foi diretora de arte, ilustradora, diretora de criação e sócia de agência de propaganda. Giulia tem três coletâneas de contos publicadas: *Luar de Vampiros* (2003), *Vampiros no Espelho & Outros Seres Obscuros* (2004) e *A Dama-Morcega* (2006). Em 2009, lançou o seu primeiro romance, *Kaori: Perfume de Vampira*. Participou das coletâneas *Amor Vampiro* (2008), *Território V* (2009) e *Galeria do Sobrenatural* (2009).

Jorge Luiz Calife

nasceu em Niterói, é jornalista, tradutor e autor. Entre seus 10 livros publicados destacam-se a trilogia *Padrões de Contato* (1985) e a coletânea *Sereias do espaço* (2001). Vive em Pinheiral, no sul do estado do Rio e escreve sobre cinema, ciência e literatura para o *Diário do Vale de Volta Redonda*.

Ana Lúcia Merege

é mestre em ciência da informação e trabalha na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Escreve artigos de divulgação sobre história e literatura e é autora do ensaio *Os Contos de Fadas* e das novelas *O Caçador* e *O Jogo do Equilíbrio*. Atualmente escreve romances de fantasia ambientados no universo de Athelgard, onde reside Kieran de Scyllix. blog www.estantemagica.blogspot.com

Carlos Orsi

natural de Jundiaí (SP) é jornalista especializado em cobertura de temas científicos e escritor. Já publicou os volumes de contos *Medo, Mistério e Morte* (1996) e *Tempos de Fúria* (2005). Seus trabalhos de ficção aparecem em antologias, revistas e fanzines no Brasil e no exterior.

Roberto de Sousa Causo

formado em Letras pela USP, é autor dos livros de contos *A Dança das Sombras* (1999), *A Sombra dos Homens* (2004), do romance *A Corrida do Rinoceronte* (2006) e de *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil* (2003). Seus contos apareceram em revistas e livros de dez países. Foi um dos classificados do Prêmio Jerônimo Monteiro e no III Festival Universitário de Literatura, *Terra Verde* (2001); e ganhador do Projeto Nascente 11 de Melhor Texto, com *O Par: Uma Novela Amazônica* (2008).

Flávio Medeiros Jr

nasceu e vive em Belo Horizonte. Escreveu durante toda a infância, por isso joga mal futebol. Um dia entendeu que poderia ser médico e escrever como hobby, ou ser escritor e exercer a medicina como hobby. Como a última opção dá cadeia, optou pela primeira. Formou-se em medicina na UFMG e tornou-se oftalmologista. Autor do romance policial de ficção científica *Quintessência* (2004). Tem contos publicados nas coletâneas *Paradigmas 2* (2009) e *Steampunk* (2009).

Osíris Reis

zanzou pela medicina e pela mecatrônica antes de formar-se em audiovisual (rádio, cinema e TV) pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. É autor de *Treze Milênios*, saga de FC e terror, e dos contos *Bandeiras* (Scarium 16) e *Madalena* (Paradigmas 1). Participou de curtas metragens e produtos experimentais na UnB e fora dela. Atualmente trabalha com edição de vídeo e prepara o segundo romance da saga *Treze Milênios*. site www.trezemilenios.xpg.com.br

Martha Argel

é doutora em ecologia e escritora. Seus livros mais recentes são o romance juvenil *O Vampiro da Mata Atlântica* (2009) e a coletânea crítica *O Vampiro Antes de Drácula* (2008), que organizou com Humberto Moura Neto. site www.marthaargel.com.br blog vampirapaulistana.blogspot.com

Davi M. Gonzales

paulistano, atua na Administração Pública Federal. Contista com premiações em concursos e participação em antologias, entre elas: *FC do B Panorama - Ficção Científica do Brasil* (2009 e 2007); *Prêmio UNIVAP* (2009 e 2005); *Prêmio Prefeitura de Niterói* (2008); *Prêmio da ANL - Academia Niteroiense de Letras* (2008); *Prêmio UFF* (2008); *Prêmio ASES - Associação dos Escritores de Bragança Paulista* (2007); *Prêmio Cataratas* (2004). *Paradigmas 3* (2009) e *Contos Fantásticos*, da Câmara Brasileira de Jovens Escritores (2007).

Richard Diegues

é escritor profissional e editor. Reside atualmente na cidade de São Paulo. Autor dos livros: *Magia – Tomo I* (1997), *Sob a Luz do Abajur* (2007) e *Tempos de Algória* (2009). Também é organizador e co-autor dos livros *Necrópole – Histórias de Vampiros* (2005), *Necrópole – Histórias de Fantasmas* (2006), *Visões de São Paulo – Ensaios Urbanos* (2006), *Histórias do Tarô* (2007), de cinco volumes da *Coleção Paradigmas* (2009), além de ter participado do *Livro Vermelho dos Vampiros* (2009).

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Coleira do amor - Gerson Lodi-Ribeiro](#)

[Eu, a sogra - Giulia Moon](#)

[Veio... novamente - Jorge Luiz Calife](#)

[A encruzilhada - Ana Lúcia Merege](#)

[Por toda a eternidade - Carlos Orsi](#)

[Twist in my sobriety - Flávio Medeiros Jr.](#)

[Um toque do real: óleo sobre tela - Roberto de Sousa Causo](#)

[Alma - Osiris Reis](#)

[Contingência, ou Tô pouco ligando - Martha Arge!](#)

[Tensão Superficial - Davi M. Gonzales](#)

[Planeta Inocorrível - Richard Diegues](#)

[Sobre os autores](#)